



BRANCA DE NEVE E O CAÇADOR™

ROMANCE



LILY BLAKE | EVAN DAUGHERTY | JOHN LEE HANCOCK | HOSSEIN AMINI





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.





**BIBLIOTECA
DO EXILADO**



Branca De Neve E o Caçador

Um romance de Lily Blake

Baseado no filme

Roteiro de Jonh Lee Hancock

Hossein Amini e Evan Daugherty

História de Evan Daugherty

Tradução de Ronaldo Luis da Silva

Índice

[Folha de Rosto](#)

[Introdução](#)

[Prólogo](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)



Quem você será quando for confrontado com o fim?
O fim de um reino.
O fim dos bons homens.
Você correrá?
Você se esconderá?
Ou perseguirá o mal com um orgulho venenoso?

Em pé diante das cinzas..
Em pé diante do céu de inverno.
Em pé diante do chamado.. Ouça o choro da batalha..
Deixe-o gritar desde as montanhas.
Desde a floresta até a capela..
Porque a morte é uma boca faminta.. E você é a maçã..

Então, quem você será quando for confrontado
com o fim?
quando os abutres estiverem circulando..
E as sombras descenderem.
Você se curvará?
Ou lutará?
Seu coração é feito de vidro
Ou da pura cor, Branca de Neve?

Era uma vez...



Foi o inverno mais frio pelo qual o reino já havia passado. A geada cobria os túmulos. As roseiras no jardim do castelo estavam quase nuas, suas folhas enrugadas e marrons. Rei Magnus estava nas redondezas da floresta, com duque Hammond, esperando que o outro exército chegasse. O rei podia ver sua própria respiração. As nuvens lentas e constantes se expandiam diante de seu rosto e desapareciam no ar frio da manhã. Suas mãos estavam dormentes. Ele não sentia o peso da armadura nas costas ou a pressão da cota de malha contra o pescoço com um metal tão frio que fazia sua pele arder. Não se preocupava com os inimigos do outro lado do campo de batalha, não tinha medo.

Por dentro, ele já estava morto.

Mesmo assim, seu exército estava a postos atrás dele. Um dos cavalos relinchou. “Foi há quase um ano” pensou. “Ela morreu há quase um ano.” Havia segurado a cabeça dela em suas mãos, observando o momento em que a vida deixava seus olhos, O que ele ia fazer? Quem era ele sem ela? Sentou-se em seus aposentos com sua jovem filha, mas a nuvem de tristeza era muito espessa e ele não conseguia dissipá-la. Não ouvia nada do que ela dizia.

— Sim, Branca de Neve — respondia com a mente em outro lugar enquanto ela o bombardeava de perguntas. — Certo, minha querida, eu sei.

Do outro lado do campo, ele via o exército inimigo. Eles eram guerreiros de sombra, um clã da escuridão reunido por alguma força mágica inexplicável. Estavam parados sob a névoa da manhã como se fossem silhuetas fantasmagóricas: sem nome e sem rosto. Suas armaduras eram de um preto fosco que se confundia com a escuridão da floresta. Não era possível dizer onde eles começavam e a floresta terminava.

Duque e Hammond virou para o rei, as sobrancelhas juntas por causa da preocupação.

— De que inferno vem esse exército? — ele perguntou.

Rei Magnus travou a mandíbula e balançou a cabeça, tentando sair da inércia em que se encontrava há meses. Ele tinha um reino para proteger, agora e sempre.

— De um inferno que irei visitar em breve! — gritou. Em seguida, levantou a espada, conduzindo as tropas para o violento enfrentamento.

Eles correram em direção ao exército inimigo, suas espadas mirando a garganta das figuras. Dentro de pouco tempo, as sombras estavam sobre eles. A armadura do guerreiro era semelhante à deles, mas nela havia sombras negras que mudavam e giravam como fumaça. Um guerreiro sem rosto correu em direção ao rei Magnus com a arma em punho. O rei brandiu sua espada e a figura se despedaçou como vidro, milhares de cacos pretos voaram em todas as direções. Levantou os olhos, atordoado. Ao seu redor, seus homens estavam atacando os guerreiros de sombras, que, um por um, explodiram na névoa da manhã. Os cacos brilhantes caíam para morrer no chão e desapareciam no solo duro e coberto de gelo. Dentro de minutos, o campo estava vazio. As tropas do rei estavam ali, sozinhas, e o som de respirações era a única coisa que pairava no ar. Era como se o exército inimigo nunca houvesse existido.

O rei e o duque Hammond trocaram um olhar confuso. Através da névoa, o rei pôde observar uma pequena estrutura de madeira se erguendo entre as árvores. Foi em direção a ela. Quando estava a 20 metros de distância, viu que aquilo era uma carroça-prisão. Desmontou do cavalo e olhou para dentro, quando notou a mulher agachada em um canto. Tinha cabelos louros ondulados caindo em cascata pelas costas. Um véu escondia seu rosto.

Ela havia sido levada cativa pelo exército, e quem saberia dizer o que tinham feito com ela? Dizia-se que as forças da escuridão mataram e mutilaram centenas de prisioneiros, até mesmo algumas crianças. Ele deu um golpe com sua espada sobre o cadeado e o quebrou.

— Você é livre agora. Não tenha medo de mim — disse, estendendo a mão para a jovem mulher. — Qual é seu nome, madame?

Lentamente, a mulher virou em sua direção e seu pequeno corpo se tornou visível na luz. Pousou sua mão delicada sobre a dele e levantou o véu. Rei Magnus contemplou a beleza da face alongada da mulher. Ela tinha lábios carnudos e olhos azuis marcantes, com cílios longos e bastos, e duas tranças de ouro finas que mantinham os cabelos distantes das maçãs salientes do rosto. Não deveria ter mais de 20 anos.

— Meu nome é Ravenna, nobre senhor — disse com uma voz serena e

suave.

O rei ficou em silêncio. Tudo nela, seu nariz, seus dedos, seus lábios, era bonito e delicado. Sentiu o calor de sua mão e o cheiro dos pinheiros frescos ao seu redor. Lembrou-se claramente do dia em que conhecera sua esposa, a única mulher que, até então, o havia feito se sentir daquela maneira. Era verão e a luz do Sol matizada dançava sobre as folhas das macieiras.

Justamente naquele momento, a tristeza foi finalmente removida. Ali, diante de Ravenna, com o coração livre no peito, se sentiu, de repente, vivo novamente.

O rei voltou ao castelo com a bela jovem. As estações mudaram e aquela alegria inicial só cresceu. Rei Magnus pediu Ravenna em casamento. A cada dia ele se apaixonava um pouco mais por ela. Por aquela jovem mulher que tinha sido tirada de sua casa e mantida pelo exército inimigo. Ele se comportava como um adolescente em sua presença: seu rosto corava enquanto ela lhe contava histórias de sua vida antes de conhecê-lo, como tinha vivido nos limites do reino com seu irmão, Finn, e sua falecida mãe.

A filha do rei, Branca de Neve, se sentava ao lado deles durante as refeições, com o queixo apoiado nas mãos enquanto observava e estudava Ravenna. Ainda era uma criança, tinha apenas 7 anos de idade. Juntos, eles formavam uma família, e isso era o que o rei sempre desejara. Ele observava o modo como Ravenna, às vezes, sorria para Branca de Neve ou tomava a mão dela e a conduzia pelo pátio do castelo. Ela parecia estar muito feliz com eles...

Quando o dia do casamento chegou, Ravenna estava na parte de trás da catedral. Através das portas de madeira, ela ouvia a multidão falando e se movendo em seus assentos. Suas bochechas receberam pó. Seus lábios foram pintados de um profundo vermelho--sangue e seu vestido foi amarrado nas costas com tanta força que ela mal conseguia respirar. Observou seu reflexo no espelho, havia uma mínima ondulação em seus lábios. Naquela noite, após a cerimônia, não fingiria mais. Finalmente ia conseguir o que queria.

— Você está tão bonita... — uma voz sussurrou.

Era Branca de Neve, de pé no portal, olhando para ela. Branca de Neve segurou a cauda do longo vestido branco de Ravenna, erguendo-a para mantê-la longe do chão de pedra. Ravenna chamou a filha do rei para a frente com um ligeiro movimento de seu punho.

— Que amável criança — balbuciou. — Especialmente quando se diz que a verdadeira beleza deste reino é a sua. — Ravenna tocou a bochecha da menina. Sua pele era perfeita como porcelana. Tinha olhos castanho-escuros enormes e bochechas rosa. Toda vez que ela passava pelas servas ou pelos soldados, eles ficavam encantados.

A menina a olhou com seus olhos muito inocentes e ingênuos. Ravenna sorriu para ela, sabendo que esta charada iria acabar em breve e, então, ela corrigiria os erros que haviam sido cometidos contra ela e seu povo.

— Sei que isso é difícil, criança. Quando eu tinha sua idade, também perdi minha mãe.

Acariciou a bochecha de Branca de Neve. Ela podia ouvir a orquestra na frente da grande catedral dando início à cerimônia. Assim que ela caminhasse pelo corredor, tudo aconteceria como planejado.

Enquanto esperava pelas notas iniciais da marcha nupcial, seus pensamentos voltaram para o dia em que os homens do rei haviam chegado em sua aldeia. Ela era muito jovem. Ravenna e seu irmão, Finn, estavam na carroça cigana com sua mãe. Sempre juntos, formavam um pequeno clã de viajantes, até o dia em que o exército do rei chegou. Sua mãe segurara um espelho em frente ao seu rosto e dissera:

— Só isso pode salvá-la.

Em seguida, ela tomou o pulso da filha e o segurou sobre uma tigela com um líquido branco, sussurrando feitiços. Com uma lâmina afiada, cortou o pulso de Ravenna e deixou o sangue gotejar na tigela, o vermelho vivo contrastando com o branco. Ravenna bebeu a poção rapidamente para não sentir o gosto. Às vezes, quando fechava os olhos, ainda podia sentir o sabor forte e metálico do líquido em sua língua.

— Beba rápido — sua mãe dissera. — Agora, você terá o poder de roubar juventude e beleza. Porque esse é seu poder derradeiro e sua única proteção.

Os homens do rei tiraram os ciganos de suas casas e os mataram. Finn gritava. Ele queria protegê-la, e Ravenna se lembrava claramente daquilo. Sua mãe havia colocado as mãos nas testas e sussurrado mais magias, mais palavras, depositando neles um poder que os ligava. Sempre teriam um ao outro e Ravenna estaria ligada a ele até a morte. Corriam tão rápido, sem olhar para trás, e mal recuperavam o fôlego.

Os dois escaparam, mas a mãe tinha sido deixada para trás.

O cabelo na parte de trás do pescoço de Ravenna arrepiou quando se lembrou de como o soldado havia pressionado a espada contra a garganta de sua mãe. A mãe, então, falou suas últimas palavras, chamando a atenção de Ravenna enquanto esta se afastava a cavalo.

— Saiba — gritou — que pelo mais belo sangue isso foi feito e somente pelo mais belo sangue pode ser desfeito.

Então, sua mãe caiu de joelhos, derramando o sangue sobre a grama. Dentro de minutos, estava morta.

— Ravenna? — uma voz suave perguntou. — Ravenna? Está na hora.

Ravenna abriu os olhos. Branca de Neve estava em pé atrás dela, segurando a cauda de seu vestido. As portas de madeira estavam abertas. Havia mil olhos sobre ela, esperando que caminhasse pela neve. Ela se arrumou, respirou fundo e seus olhos azuis iam se escurecendo à medida que se fixavam no rei. “A menina está certa. Está na hora.”

Naquela noite, enquanto os últimos convidados bebiam e comiam no pátio do castelo, Ravenna levou o rei ao quarto dele. Deitou-se ao seu lado com seu vestido de noiva branco, os longos cabelos ondulados soltos sobre os ombros, observando enquanto ele terminava de beber o vinho. Ele correu os dedos pelos cabelos dourados dela e os deixou descansar sobre a fina coroa de ouro. Rubis e esmeraldas pontilhavam a frente, O noivo estava enfraquecido pelas festividades do dia, seus movimentos mais lentos depois de tanta bebida. Era um alvo fácil...

Ravenna havia escondido debaixo do travesseiro, algumas horas antes, um punhal de prata. Pegou-o e o levantou acima da cabeça, focalizando o centro do peito do rei, onde o osso escondia o coração. Num movimento rápido, apunhalou seu peito e assistiu ao corpo estremecer pelo golpe repentino.

— Primeiro, vou tirar sua vida, meu senhor — Ravenna sussurrou enquanto o rei ficava imóvel. — Depois, vou tomar seu trono.

Caminhou para fora do quarto com passos largos e seguiu pelo corredor, deixando o rei retorcido nos lençóis ensanguentados. Moveu-se rapidamente, descendo as escadas para o portão levadiço do castelo. Seu irmão, Finn, estava esperando fora da treliça de ferro. Seu exército estava atrás dele, os soldados de sombra quase invisíveis à luz do luar. Ela ergueu o portão de metal e os soldados fluíram para o interior. Dentro de minutos, ocupavam cada centímetro do castelo.

Enquanto os soldados lutavam, Ravenna voltou ao seu quarto. Podia ouvir os gritos dos civis escada abaixo e o tilintar de espada contra espada. Um dos homens de sua irmã havia trazido um espelho enorme. Parecia um escudo redondo de bronze extremamente polido. Quando ficou sozinha, o ar fora de sua sala saturado com gritos e berros, olhou para o espelho. Era muito maior do que o que sua mãe havia segurado diante dela há tantos anos e era ainda mais poderoso.

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas? — perguntou.

A superfície do espelho ondulou. Um líquido se derramou no chão próximo aos pés de Ravenna, se transformando em uma estátua de bronze quase tão alta quanto ela. A figura estava envolta em tecido grosso, mas refletia o quarto ao seu redor. O rosto do homem-espelho refletiu exatamente o rosto de Ravenna.

— É você, minha rainha — disse. — Outro reino cai para a vossa glória. Não há fim para seu poder e sua beleza?

Ao ouvir as palavras do espelho, Ravenna soube que a magia que sua mãe lhe concedera era ilimitada. Na presença dela, remos caíam, homens pereciam e até mesmo objetos simples ganhavam uma vida mágica, revelando segredos que ninguém mais poderia saber. Ergueu as mãos, sentindo a luz em seus dedos e se lembrando de tudo o que sua família havia perdido para o rei. Ele estava, finalmente, morto. O reino era novamente dela e ninguém poderia machucá-la: nem agora nem nunca.

Quando a luta terminou e o pátio ficou em silêncio, ela desceu as escadas. Os guerreiros de sombra lá estavam reunidos. O sangue havia respingado sobre mesas e cadeiras, havia pratos quebrados no chão e restos do jantar comemorativo espalhados por toda parte. Sequer estremeceu ao ver os corpos, alguns deles de mulheres, caídos em seus assentos. Convidados do casamento e nobres sobreviventes estavam alinhados contra a parede, contidos pelo exército de Finn.

— O que devemos fazer com os que sobraram? — um general perguntou. As mulheres imploravam por misericórdia. Alguns nobres até choravam. Eles puxavam seus filhos para perto de si, tentando protegê-los, embora inutilmente. Ravenna fechou os olhos, se lembrou de sua mãe e de quão brutalmente todas as mulheres na sua aldeia haviam sido chacinadas. Era isso o que estava destinado a acontecer. Fora erro do rei, não dela. Era assim que deveria ser.

— À espada — disse, segura de si. Enrolou seu vestido no corpo e tremeu por causa do ar fresco da noite. Então saiu.

Pelo canto do olho, viu Finn segurando a menina. A faca estava pressionada contra o pescoço de Branca de Neve. Algo no rosto da menina a pegou de surpresa, aquela criança que, poucas horas antes, havia segurado a cauda de seu vestido de casamento. Seus lábios tremiam e lágrimas transbordavam de seus olhos.

— Finn, não! — berrou, sem conseguir se conter. Ele estreitou os olhos para ela, como se não estivesse bem certo de que ouvira direito. Ela se movimentou com altivez para não parecer fraca diante de seu irmão, que tinha acabado de lutar valentemente em seu nome e sem questionar suas ordens.

— Prenda-a. Nunca se sabe quando o sangue real será de algum

valor.

Seus olhos encontraram os de Branca de Neve. Fitaram uma à outra, o caos permanecia ao redor delas. Mulheres foram arrastadas para fora do palácio para serem mortas. Nobres lutaram contra os soldados. Um menino estava gritando por sua mãe, com o rosto vermelho e coberto de lágrimas. Mas, naquele momento, Ravenna só via Branca de Neve e Branca de Neve só via Ravenna. A rainha colocou a mão no peito, querendo saber o que sentia por aquela criança, a herdeira do reino que havia derrubado. Estavam ligadas por alguma força estranha e poderosa. Ravenna ficou ali, a mão sobre o coração, até que Finn saiu para as masmorras e levou Branca de Neve.

Os olhos da criança nunca deixaram os seus. Ela ainda olhava a rainha sobre o ombro, até que desapareceu atrás da pesada porta de madeira.

Parte
Um



Pelo mais
belo sangue
está feito...



Finn foi vê-la novamente. Mesmo deitada em sua cama, com os olhos semicerrados, Branca de Nev e conseguia ver a sombra dele na parede do calabouço. Ela não disse nada. Em vez disso, tirou o cobertor emaranhado de cima de si e o dobrou na cama estreita. Correu os dedos pelos cabelos, tentando desfazer os nós que se formaram na nuca. Então, se ajoelhou e começou a acender o fogo como fazia todos os dias, torcendo a madeira para frente e para trás, indo e voltando, até que as lascas finas se incendiassem. Quando o fogo subiu, trazendo calor para seus dedos, Finn já havia ido embora.

Estendeu suas mãos para aquecê-las. Ele a visitava algumas manhãs e a observava além das grades, os olhos pequenos dardejando acima do nariz longo e fino. Nunca dissera nada, nunca deixara nada, nem mesmo um prato de comida ou um jarro de água. Ela se perguntava se ele ficava feliz em vê-la agora, com pouco mais de 17 anos, ainda trancada no calabouço da torre. Será que ele sente algum remorso? Será que se importa? Duvidava disso.

Branca de Neve arrumou o vestido esfarrapado em seu corpo, enfiando os dedos nus dos pés debaixo da bainha, Fazia dez invernos. Em certo momento, parou de contar dias ou semanas e passou a prestar atenção apenas na mudança das estações. Olhava para as copas das árvores pela janela da cela. Conhecia cada galho das árvores assim como conhecia cada parte de seu corpo. Nos meses mais quentes, folhas verdes brilhantes rebentavam delas e cresciam por todo o verão. Depois, elas mudavam de cor. O verde dava lugar a dourados e vermelhos, até que todas elas murchavam e caíam, uma a uma, sobre o solo.

Agora, com os fracos traços de primavera no ar, ela se perguntava se este ano seria diferente, se este seria o ano em que Ravenna viria até ela, finalmente, para acabar com esse aprisionamento. Já fazia tanto tempo que ela quase não se importava mais com a cela abafada. As paredes estavam sempre frias e úmidas, cheirando a mofo. A luz entrava apenas uma vez por dia, por pouco mais de uma hora, quando o Sol aparecia sobre as árvores. Ela sempre se sentava onde ele estava, deixando-o beijar seu rosto até que fosse embora. Mas era a solidão que a matava. Tinha dias em que só queria falar com alguém. Em vez disso, repetia as

mesmas memórias em sua mente, acrescentando novos detalhes, mudando alguns, tentando manter unidas as peças do seu passado.

Pensava em seu pai, em como ela o encontrou na noite do casamento, em seu corpo ensanguentado. Lembrava-se do calor da mão da mãe em sua testa, confortando-a antes de dormir. Mas sempre voltava para o mesmo momento, que era tão vivido, mesmo agora, dez anos depois.

Foi logo depois que sua mãe ficou doente. O rei e o duque Hammond os observava da varanda do castelo, como faziam algumas vezes. O filho do duque, William, era da sua idade e eles brincavam juntos quase sempre, correndo um atrás do outro pelo pátio ou resgatando pássaros doentes. Ele tinha subido na macieira, o cabelo castanho-escuro todo despenteado. Um arco de brinquedo repousava em suas costas.

Branca de Neve o seguia, abraçando a árvore para não cair. Quando estavam a quase cinco metros de altura, William arrancou uma maçã de um ramo e estendeu para ela. Era branca e vermelha,

— Vá em frente — disse ele, sua mão estendida, esperando que ela a pegasse. Ele tinha olhos castanho-claros, e, quando inclinou o rosto em direção ao Sol, ela viu que eram pontilhados de verde.

Ela estendeu a mão para pegar a maçã, mas ele a puxou de volta e a mordeu. Então, ele abriu seu sorriso “eu-só-estou-te-provocando”, que era tão familiar.

— Te peguei — ele riu. Ela ficou tão irritada que o empurrou. Ele perdeu o equilíbrio, agarrando-se a ela e a levando para baixo com ele. Ambos caíram e o ar de seus pulmões fora arrancado com intensidade quando bateram no chão. Permaneceram ali, ofegantes, até que um deles finalmente riu. Então, não conseguiram parar de rir. Eles riram e riram, rolando na grama. Ela nunca se sentiu tão feliz.

Agora, anos depois, ela se sentou na cela fria, os olhos fechados, tentando se lembrar do rosto dele. Perguntava-se se ele ainda estava vivo ou se os soldados de Ravenna o haviam localizado em algum lugar além das muralhas do castelo. A última vez que o viu foi na noite do casamento. No caos, duque Hammond o jogara na garupa de seu cavalo. Um dos guarda-costas do duque a havia colocado em outro cavalo e os quatro correram em direção ao portão levadiço, tentando escapar. William gritava para que se apressassem. O portão estava descendo enquanto galopavam em direção a ele.

Quando estavam quase chegando lá, uma flecha atingiu o guarda-costas no peito, jogando-o do cavalo. O cavalo recuou, retardando a fuga de Branca de Neve. William e o duque se esquivaram por baixo do portão levadiço enquanto ele se

fechava, deixando Branca de Neve presa no interior das muralhas do castelo.

William gritou para ela. Ela o ouvia implorando ao seu pai para voltar, mas os soldados de sombra já estavam fervilhando no pátio e seu guarda-costas se contorcia no chão. Branca de Neve foi amarrada e arrastada de volta para o castelo. A última coisa que viu foi o rosto de William, quando ele e seu pai partiram a galope.

Um som de passos ecoou de repente pelo corredor. Era como um trovão para os ouvidos sensíveis de Branca de Neve.

— Deixe-me ir! — uma garota gritava, sua voz avançando pelo corredor. — Pique longe de mim!

Branca de Neve se levantou e foi até a grade. Pressionou seu rosto entre as barras enferrujadas para ver melhor. Ele raramente mantinham outros prisioneiros na torre norte. Ela havia visto apenas três nesses dez anos, e a maioria deles aguardava a execução. Um homem mais velho, com quase 60 anos, havia sido pego roubando comida de uma das carroças de abastecimento de Ravenna. Ficou ali por apenas algumas horas antes de ser executado. Havia sido espancado de tal maneira que mal podia falar. Os outros dois presos também não haviam ficado lá por muito tempo.

O soldado arrastava uma jovem pelo corredor. Ela não era muito mais velha que Branca de Neve. Tinha grandes olhos azuis e um rosto redondo e pálido. Os cabelos loiros frisados caíam por suas costas. Ela lutou contra o controle do soldado, mas seu esforço foi inútil. Ele a jogou dentro da cela e a fechou.

O soldado voltava ao palácio pelo corredor de pedra, seus passos soando cada vez mais fracos à medida que descia as escadas. Branca de Neve esperou pelo silêncio antes que se atrevesse a falar.

— Olá...? — disse. Surpreendeu-se com o som da própria voz. Tossiu. — Qual é seu nome? — inclinou-se para o lado, tentando obter uma visão melhor da garota, que havia desaparecido na parte de trás da cela.

Depois de alguns instantes, a garota reapareceu. Pressionou o rosto contra as grades, enxugando as lágrimas de suas bochechas.

— Eu sou Rose — disse com medo.

Branca de Neve ignorou seu vestido esfarrapado. Só podia imaginar como ela era, depois de tantos anos trancada, sem nem mesmo uma escova para pentear o cabelo.

— Como você chegou aqui? — Branca de Neve perguntou. — você cometeu

algum crime contra Ravenna?

Rose balançou a cabeça. Fitou um ponto no chão, seus olhos lacrimejavam.

— Eu não fiz nada — disse ela. — Todas as garotas da minha aldeia foram raptadas e eu estava tentando achar um abrigo seguro no castelo do duque Hammond quando fui pega. Eu estava...

— O duque? — perguntou Branca de Neve, com a voz trêmula. —

Ele está vivo?

— Sim — Rose respondeu. — Sua aldeia, em Carmathan, tem abraçado os inimigos de Ravenna.

A garganta de Branca de Neve secou. Pensava que Ravenna utilizara de sua magia negra para encontrar duque Hammond e William há muito tempo. Havia se convencido de que estavam mortos.

— Ele ainda luta em nome de meu pai? — perguntou ela.

Rose estudou-a de cima a baixo, atentando-se ao cabelo emaranhado e à sujeira que manchava seus joelhos. Havia buracos na parte mais baixa do vestido de Branca de Neve. Ela tentou cobri-los com as mãos. Não os havia notado, até agora.

— Você é... A filha do rei? — a garota perguntou. — *A princesa?* —

Rose ficou boquiaberta. Estava totalmente confusa.

Branca de Neve assentiu. Seus olhos se encheram de lágrimas. Pensava somente no duque, em como se lembrava dele sentado ao lado de seu pai no jantar, rindo alto de suas piadas. Ele havia levantado William com uma grande arremetida e o colocado sobre os ombros. Ela se lembrou de que ficou olhando para eles, pensando que William era a pessoa mais alta do mundo. Sempre teve ciúmes de ele conseguir tocar o teto.

Rose balançou a cabeça e pressionou o dedo indicador contra a têmpora.

— Na noite em que o reinado de Ravenna começou, fomos informados de que todos no castelo foram mortos à espada. Como você foi poupada?

Branca de Neve balançou a cabeça, não queria revisitar aquela noite. O cheiro de sangue no pátio de pedra. Como Finn a havia levado pela escada estreita e comprida até a masmorra. Mesmo depois de todos esses anos, ela não sabia por que Ravenna havia tido misericórdia dela no último momento.

— William...? — perguntou, vendo o rosto dele novamente, aqueles olhos castanhos a fitando por entre os galhos da macieira. — O filho do duque, ele ainda está vivo?

Rose apertou as barras de metal.

— Sim, princesa — respondeu com calma. — Ele está lutando pela causa. Ele é conhecido por ataques-surpresa ao exército de Ravenna. Eu não tenho ouvido falar dele há algum tempo, mas...

— Quanto tempo é algum tempo? — Branca de Neve a interrompeu. William estava lá fora, em algum lugar além das muralhas do castelo, ainda lutando. Ela foi consumida por aquela nova esperança, não conseguia se conter, O duque e William eram como família para ela. Talvez ela pudesse reviver suas esperanças. Talvez o exército de Ravenna ainda fosse derrotado.

Rose olhou para o chão de pedras úmidas.

— Seis meses, talvez um pouco mais.

Branca de Neve deixou escapar um profundo suspiro de alívio. Nem tudo estava perdido. Ainda havia pessoas lutando, se recusando a ceder às forças da escuridão que haviam tomado o reino de seu pai. Secava as lágrimas que caíam de suas bochechas.

— Você está bem, princesa? — Rose perguntou. Ela se inclinou, tentando vê-la melhor.

— Estou — disse Branca de Neve, e deu um riso pequeno e cheio de esperança. — Nunca estive mais feliz.



Ravenna estava sentada no trono, seus generais em pé diante dela. Dezenas de velas tremulavam, aquecendo a fria sala de pedra. O general Cavaleiro Negro, em sua armadura negra reluzente, limpou a testa suada com um lenço. Ele ainda fedia da última batalha, e Ravenna sentia seu cheiro a dois metros de distância.

— Há grupos rebeldes espalhados pelos arredores da floresta — disse ele. Ao seu lado, um general com cabelo vermelho intenso levantou um mapa do reino. O Cavaleiro Negro apontou para as cercanias da Floresta Sombria. A extensão monstruosa de árvores era tão perigosa que ninguém entrava nela. — Aqui e aqui. Mas eles representam pouco perigo. Empurramos as forças de duque Hammond para as montanhas, mas a fortaleza dele, em Carmathan, se mantém firme.

Ravenna mantinha a cabeça ereta, com uma alta coroa cravada sobre as tranças loiras retorcidas. Pegou a tigela que estava sobre a mesa ao seu lado. Cinco pássaros mortos estavam virados de costas, com a barriga aberta do bico à cauda. Mergulhou os dedos em um deles e arrancou o coração. Então, comeu o pequeno órgão, que não era maior do que uma ervilha, e deixou que o sangue doce gotejasse para o fundo de sua garganta.

— Cerque-a — saboreando a carne tenra.

Outro general deu um passo à frente. Ele era mais baixo que os outros, com uma barba grossa que pendia dez centímetros abaixo do queixo.

— As montanhas e a floresta fornecem proteção impenetrável, minha rainha — disse ele, torcendo as mãos e esperando sua reação.

Ravenna se levantou, deixando que o decote do manto revelasse toda a sua figura em um vestido de ouro branco derretido. Ele brilhava quando ela se movia. Parecia que ela tinha dez anos a menos que sua real idade. Não havia uma linha de expressão em seu rosto. Na verdade, ela estava ainda mais jovem do que quando o rei a encontrara, como se a cada ano ficasse mais bonita. O tempo nunca iria tocá-la. Cambaleou para frente, levantando o dedo na cara do general.

— Então, o atraia para fora ! Queime todas as aldeias que o apoiarem. Envenene seus poços. Se eles ainda resistirem, coloquem as cabeças em estacas para decorar as ruas.

O Cavaleiro Negro se colocou na frente do general, como se tentasse escudá-lo.

— Minha rainha — disse, curvando-se ligeiramente —, eles trouxeram a luta até nós. Rebeldes atornentam nossas linhas de abastecimento. Anões roubam nossas carroças de pagamento.

Ravenna não aguentava mais. Desculpas, eram sempre desculpas com esses homens. Agarrou a lança da mão do Cavaleiro Negro e lhe bateu com força nas coxas.

— Anões? — ela sorriu, satisfeita com o som da madeira batendo no metal.
— Eles são meio-homens!

O Cavaleiro Negro balançou a cabeça. Tirou seu capacete de metal e arrumou para trás, com os dedos, os cabelos gordurosos.

— Eles já foram nobres guerreiros, minha rainha . Capturamos rebeldes. Devemos passá-los à espada? — perguntou.

Ravenna sorriu . Alcançou a tigela com as aves e arrancou outro coração. Mastigou-o, desfrutando da elasticidade suave da carne.

— Não — disse ela. — Gostaria de interrogá-los eu mesma. Traga- os aqui.

O Cavaleiro Negro sinalizou para um soldado na parte de trás da sala do trono . Ele desapareceu pelas portas de madeira maciça. Ravenna andava rapidamente na frente deles, sentindo sua respiração acelerar. Não havia chegado tão longe para deixar seu reino cair pelos rebeldes. Iria caçá-los em qualquer lugar. Não pararia até que estivessem todos mortos, suas aldeias queimadas e arruinadas, e seus filhos prisioneiros do regime. Levaria tempo, mas ela o faria . Precisava apenas manter sua força elevada. Seus poderes tinham que permanecer fortes.

Olhou pela janela para a muralha do castelo abaixo. Camponeses cercavam os montes de lixo, procurando alimento em meio a carcaças de suínos em decomposição e tomates mofados. Uma mulher com um bebê agarrado nela estava gritando. Ela derrubou um menino no chão para pegar um osso de galinha dele. Ravenna os assistia, sacudindo suas saias metálicas cintilantes para frente e para trás. Ela e Finn já foram pobres como eles, ciganos vivendo em uma carroça. E onde estava o rei naquela época? Ele havia queimado sua aldeia. Havia até mesmo matado as mulheres, acreditando que eram traidoras. Não era ela uma

líder mais benevolente do que ele?

O soldado voltou, arrastando dois homens, O mais velho tinha cabelos grisalhos e rugas profundas ao redor de sua boca.

Um de seus olhos estava inchado. Havia um corte em seu braço que ainda sangrava. O outro tinha a metade da sua idade, um homem jovem e bonito, com ombros largos e músculos fortes que eram visíveis através de sua camisa rasgada. Ele parecia intocado.

Ravenna avançou. Ambos os homens a fitavam desafiadoramente, seus olhos brilhantes de raiva. O mais velho tentava escapar do guarda.

— Sob seu governo, perdemos tudo — disse ele, sem tirar os olhos de Ravenna. — Nós não vamos parar até que esse reino se liberte de você.

— Nem tudo Ravenna disse, considerando o jovem bonito, corretamente postado ao lado dele. — Não é este seu filho? Como você se atreve a ser tão ingrato com sua rainha? — Ela agarrou o rosto do rapaz, olhando em seus olhos cinza. Nenhum dos dois falou.

Por um momento, o rapaz a deixou acariciar sua bochecha.

Então, em um movimento rápido, ele empurrou o guarda, o desequilibrou, pegou sua adaga e a dirigiu para o peito de Ravenna.

A sala ficou em completo silêncio. Todo o mundo olhava para a adaga. Ravenna quase riu. Ela não podia sentir nada. O poder que sua mãe lhe dera era tão forte que mesmo a mais afiada das espadas não a mataria. Ela puxou a adaga de seu peito e o buraco se fechou instantaneamente. Não havia sangue. Não havia nem mesmo marca. A pele estava completamente lisa no lugar em que a lâmina havia entrado. O rapaz a olhava com horror.

— Você mataria sua rainha? — Ravenna perguntou, estreitando seus olhos azuis. Não podia se conter. Sentia a raiva crescendo dentro dela, a fúria. Esta se misturou com seu sangue, pulsando em suas veias, fazendo-a se sentir mais forte do que nunca. — Você tem beleza e coragem, mas quão forte é seu coração? — sussurrou em seu ouvido.

Colocou a mão sobre o peito dele. O rosto do rapaz estava tenso. Ele tentou se afastar, mas a magia dela o paralisou. Ela podia ouvir seu coração batendo, cada batida ecoando em seus ouvidos, crescendo mais e mais a cada segundo que passava. Em algum lugar próximo a ela, o pai do rapaz implorava por misericórdia. Ela não ouvia suas palavras. Em vez disso, deixou a magia consumi-la, arrastando-a em sua corrente furiosa. Recostou-se, derramando sua

força em seus dedos conforme as batidas do coração do rapaz se aceleravam. “Mais rápido” pensou, e o coração dele bombeou mais rápido. “Mais rápido” repetiu para si mesma, e as batidas se aceleraram ainda mais, uma se misturando com a próxima, até que o som ficasse tão alto que mal podia suportar.

O rapaz estava em delírio. Seus olhos estavam esbugalhados e vermelhos. Ela expirou e usou toda a sua força para fechar o punho. Podia sentir o coração dele em sua mão, como se estivesse dentro do peito do rapaz. Continuou fechando os dedos, mais e mais, até que a mão fechava completamente. Ele fazia uma careta de dor toda vez que ela fazia isso.

O martelar da pulsação do rapaz tomava conta dos ouvidos dele, até que seu coração estourou. E ele caiu no chão, morto. O pai se ajoelhou sobre ele, batendo em seu peito para tentar reanimá-lo. Finn levantou sua espada para atacar o velho, mas Ravenna o deteve.

— Não, deixe que ele volte ao duque e fale da generosidade de sua rainha — ela quase riu quando disse isso. Então, saiu da sala do trono, com Finn logo atrás dela.

Ravenna mal podia andar. Finn ficou ao lado dela e a ajudou a cada passo. Ela sentia como se todo o ar tivesse sido retirado de seus pulmões. Suas pernas estavam fracas, seus ombros curvados para frente. Tocou a pele de seu rosto, que estava repleta de linhas finas.

Não se falaram até que chegaram aos aposentos dela. Ela desabou em sua poltrona, a respiração desacelerando. Finn a observava.

— A magia cobra um preço alto — disse finalmente.

Ravenna olhou para suas mãos. Havia pontos marrons escuros no dorso delas. A pele estava fina como papel.

— E a despesa aumenta — reconheceu. Mesmo aquelas poucas palavras drenaram o resto de sua energia.

Agora sabia disso. Toda vez que usava seus poderes, ela envelhecia. Essa era sua batalha, dia após dia. Mas ela tinha de ser a Rainha todo-poderosa. Tinha de ser temida e respeitada em todo o reino, sem que ninguém soubesse com que rapidez sua mágica diminuía. Havia apenas uma coisa que a poderia restaurar agora.

— Vá — disse ela, seus olhos encontrando os de seu irmão. — Me traga uma.

Agora.



Quando Finn voltou, Ravenna estava curvada, com uma mão apoiada na parede para se manter em pé. Ela não ousava se olhar no espelho. Não queria ver o que seu rosto se tornara. Havia linhas profundas nos cantos da boca e dos olhos, podia senti-los. A pele do pescoço pendia flácida, cedendo sobre sua gargantilha de diamantes.

— Tenho algo para o que a aflige — disse Finn. Ravenna olhou para a garota diante dela. — O que é mais belo do que uma rosa? — Finn perguntou.

Rose lutou para se libertar de Finn. Sua pele era de uma bonita cor de creme. Tinha grandes olhos azuis e cabelos louros. Ravenna sorriu, amando tudo nela. Ela era tão jovem, não tinha nem 17 anos. Era tão... *Perfeita*.

— O que você vai fazer comigo? — a garota perguntou. Ela se contorceu, tentando novamente se libertar.

Ravenna caminhou em sua direção, seus passos ecoando na imensa sala de pedra. Precisava daquilo mais do que tudo. Não apenas para restaurar sua juventude e sua energia, mas também para restaurar sua capacidade de liderar o reino. “Sim” pensou enquanto levava a mão ao pescoço da garota. “As pessoas precisam de sua rainha.”

Fechou os dedos em torno da garganta da jovem. Rose abriu a boca para gritar, mas não saiu nenhum som. Ravenna podia sentir a essência da juventude da garota se derramando, um poço de energia esperando para ser desfrutado. A rainha se inclinou para trás, deixando a energia fluir da boca de Rose para a dela, enchendo-a de energia e juventude dos dedos dos pés até o alto da cabeça. Sentiu sua pele se esticar. A mão que segurava a garganta de Rose parecia mais jovem agora, as manchas de idade haviam sumido. Seus ombros não estavam mais curvados. Ravenna ficou ereta, sentindo o poder pulsar. Viveria para sempre dessa maneira, manteria a beleza da juventude.

Quando tudo acabou, Ravenna soltou sua presa. Rose caiu de joelhos. Suas mãos agora estavam retorcidas. Seu rosto estava murcho e enrugado, o cabelo

crespo e cinza. Debruçou-se no chão, as costas curvadas. Parecia ter quase 80 anos. Todos os traços da bela jovem que ela fora haviam ido embora.

Ravenna fitou seu irmão exultante. Até ele estava mais jovem, rejuvenescido pelo novo poder da irmã. O feitiço que sua mãe usou para conectá-los era mais perceptível agora: Finn estava com uma pele radiante e seus olhos brilhavam com uma nova luz. Ele estava ainda mais forte do que antes. Seus músculos eram perceptíveis até sob a camisa de linho.

Ela não sentiu pena da garota. Sentiu apenas o poder, a doce embriaguez que vinha toda vez que ela tomava a juventude de alguém. Não havia nada que pudesse detê-la. Era mais esperta do que os homens mais inteligentes do reino, mais forte do que os mais ferozes guerreiros e mais bela do que todas as donzelas que vieram antes dela.

Entrou na sala do espelho, queria apenas ver seu reflexo. O homem-espelho poderia confirmar o que ela já sabia ser verdade. Desejava ouvir sua voz novamente, a fim de ser confortada por sua magia.

— Espelho, espelho meu — começou —, quem é a mais bela de todas? — olhou para a superfície brilhante. Seu pulso acelerou quando o espelho se derreteu aos seus pés e se transformou na estátua de bronze. Seu próprio rosto a olhava de volta no semblante liso e sem detalhes de seu reflexo.

— Minha rainha — o espelho disse —, você desafiou a natureza e lhe roubou seu mais belo fruto. Mas, hoje, há alguém mais bela do que você. Ela é a razão do seu poder declinar.

Quem poderia ser mais bela do que ela? Ravenna não havia consumido a juventude das meninas mais radiantes no reino? Para que tudo aquilo? Ela fechou os punhos. Não havia ninguém mais bonita do que ela, ninguém mais poderosa ou jovial. O espelho estava errado, tinha de estar. Agitou-se, com raiva. A grandeza que sentiu depois de conquistar Rose havia desaparecido rápida e completamente.

— Quem é?! Me dê o nome dela! — sibilou entre dentes. Seu reflexo a fitou.

— Branca de Neve — disse o espelho.

— Branca de Neve? — Ravenna repetiu e engoliu em seco. — Eu deveria tê-la matado quando era uma criança. Ela é a causa da minha ruína?

O espelho trouxe os dedos ao queixo e o acariciou como se estivesse pensando.

— Entretanto, ela também é o seu tesouro, minha rainha. Foi sábio tê-la

mantido por perto, pois a inocência e a pureza que podem destruir também podem curar. Tenha o coração dela em suas mãos e você nunca mais precisará consumir juventude. Você nunca mais enfraquecerá ou envelhecerá. Imortalidade sem preço...

Ravenna olhou para suas mãos, tentando imaginar como seria nunca mais vê-las novamente como as havia visto há apenas alguns minutos: enrugadas e cobertas de manchas de idade. Como seria nunca mais ter respirações curtas, nunca mais sentir o peso da idade sobre ela?

Como seria viver eternamente?

Soltou uma risada baixa, o som de sua risada a estimulou e ela caiu na gargalhada, chorando de tanto rir. Branca de Neve, é claro! Apenas Branca de Neve poderia lhe dar esse presente. Havia uma razão em tê-la salvado, ela sempre soube. Havia uma razão em estarem conectadas. E, agora, essa razão lhe havia sido revelada...

— Finn — gritou ela, o riso a consumindo. — Traga Branca de Neve aqui!

Ela continuou rindo, a leveza da ideia a confortava. Fechou os olhos e as lágrimas escorreram por seu rosto. Poderia viver eternamente. Só tinha de matar Branca de Neve e tomar seu coração. Tudo era tão simples, tão óbvio. Como não havia percebido antes?

Quando finalmente abriu os olhos, estava sozinha na sala. O espelho era como qualquer outro espelho, seu reflexo revelava a sala vazia, O homem-espelho se fora, mas suas palavras ainda ecoavam em seus ouvidos: “Imortalidade sem preço.”



Branca de Neve pressionou o rosto contra as barras. Uma hora tinha passado desde que levaram Rose. Ela viu quando Finn subiu com um soldado e puxou a moça de sua cela. Rose tinha gritado e chutado, mas o soldado segurou suas pernas. Eles a levaram para baixo, ignorando Branca de Neve, que também implorava para que parassem.

Ela queria que a jovem estivesse bem. Queria acreditar que tudo era um mal-entendido e que a garota seria liberta sem ser machucada. Mas a preocupação a consumia. Conhecía Ravenna muito bem. E o que quer que Rose tivesse feito (Ela havia feito alguma coisa?), Branca de Neve não conseguia afastar a sensação de que a conversa de hoje tinha sido sua última.

Ela esfregava as mãos e andava de um lado para o outro da cela. Não conseguia entender o que estava acontecendo. Duque Hammond estava vivo. William lutava em nome de seu pai. A lembrança deles lhe trouxe esperança. A cela parecia muito menor agora. Não suportava mais o cheiro de mofo ou as baratas correndo por lá à noite. Não aceitava não poder aproveitar o sol. O que estava adormecido dentro dela começava a se agitar novamente, depois de tantos anos. Precisava sair de lá, ir para longe daquela prisão úmida e encontrar duque Hammond. Precisava de sua família novamente.

Tão logo o pensamento cruzou sua mente, ouviu um som sibilante. Virou e viu dois pássaros empoleirados no parapeito do castelo. Lembrou-se das aves distintivas da sua infância. Suas penas pretas elegantes as faziam se destacar no céu cinza-claro. Suas caudas tinham mais do que a metade do comprimento de seus corpos e as penas das asas eram de um azul deslumbrante. Ficaram ali, as cabeças inclinadas em sua direção, como se as houvesse chamado até ela por alguma estranha magia.

Foi até a janela e as observou. Elas bateram as asas uma vez, as penas azuis capturando a luz.

— Vocês querem me dizer alguma coisa? — murmurou, questionando-se se estava imaginando aquilo. — O que vocês estão fazendo aqui? — as aves saltaram

para o telhado. As telhas de madeira estavam podres em alguns lugares. Ela levou um tempo para perceber o prego do telhado posicionado diretamente entre os dois pássaros. Ele estava ao seu alcance, com boa parte para fora.

Branca de Neve enfiou o braço entre as grades de metal e agarrou o prego. Ele tinha três centímetros de comprimento e a metade inferior ainda estava alojada na madeira. Ela o moveu para frente, depois para trás, repetindo o movimento até que o soltou. Os pássaros pousaram no telhado ao lado dele, observando enquanto ela trabalhava no pedaço de metal enferrujado. Quase o havia arrancado quando ouviu passos pelo corredor de pedra.

Ouviu o choro abafado de Rose e depois a abertura da porta da cela dela. Ela ainda estava viva. A percepção a motivou.

As aves sentiram o perigo e voaram para longe, pousando em uma árvore próxima.

— Vamos — Branca de Neve murmurou para si mesma. Puxou o prego com força uma vez, depois outra. Finn fechou a porta da outra cela com violência. Ela ouviu seus passos se aproximando da sua cela. Puxou com força uma última vez, o prego saiu e ela caiu no chão. Deitou-se em sua cama e se cobriu com o cobertor. Ainda apertava o prego enferrujado em sua mão.

Branca de Neve fingiu dormir. Podia ouvir Finn do lado de fora da cela. Seus sapatos estalavam contra o chão de pedra enquanto andava rapidamente para frente e para trás em frente à porta. Ela finalmente abriu os olhos, como se tivesse acabado de acordar.

— Acordei você? — perguntou ele. Depois virou a chave na fechadura e entrou.

Branca de Neve assentiu. Segurou o prego ainda mais apertado, perguntando-se o que ele queria com ela.

— Você nunca entrou antes — afirmou suavemente. Posicionou o prego entre dois dedos, deixando a ponta enferrujada para fora.

Finn inclinou a cabeça, estudando-a. Ele parecia encantado. Ela ofereceu-lhe um sorriso, tentando atraí-lo para mais perto com os olhos.

— Minha rainha não vai permitir isso — disse ele. — Ela quer você só para ela.

— Eu tenho medo dela — Branca de Neve arriscou. Estudou o rosto dele. Ele não mudara nada desde a noite do casamento de seu pai. Sua pele clara não tinha

envelhecido em nada. Seu nariz era empinado na ponta e seu cabelo louro estava perfeitamente cortado, penteado para baixo na frente para cobrir sua testa ampla.

Ele andou em direção a Branca de Neve e se sentou à beira da cama. Ela contou cada uma de suas respirações, tentando manter a calma. Endireitou-se e se sentou ao lado dele. Seu punho ainda estava fechado, com o prego entre os dedos.

— Está tudo bem, princesa — Finn a acalmou. Estendeu a mão e tocou no braço dela. — Você nunca mais ficará trancada em uma cela.

Estava vestindo a mesma roupa de couro preto que sempre usava, o colarinho se estendendo para cima para esconder o pescoço. Estava tão perto dele agora que podia ver seu reflexo na roupa brilhante. Branca de Neve apertou o prego enferrujado.

— O que ela quer de mim? — perguntou, levantando os olhos para ele. Finn afastou o cabelo do rosto dela, os dedos grossos parando sobre a bochecha. Ela se esforçou muito para não se encolher ao toque dele.

Então, ele pegou algo em sua cintura.

— Seu coração batendo — disse ele, agarrando firmemente sua adaga e a apontando para o peito de Branca de Neve.

Branca de Neve olhou para a lâmina e depois para os olhos insensíveis dele. Ergueu o punho. Sem hesitar, o golpeou no rosto. Segurava o prego firmemente, querendo machucá-lo tanto quanto fosse possível.

Rasgou sua bochecha e o canto do seu olho esquerdo até o nariz. O sangue escorria do rosto de Finn, derramando-se sobre seus dedos e sobre o cobertor de lã.

— O que você fez? — Finn se defendeu. Tentou ficar em pé, mas Branca de Neve o chutou com força nas costelas. Pegou as chaves do cinto dele e correu para a porta, o coração batendo forte no peito.

Bateu a porta de metal atrás dela para travá-la. Então, correu para a cela de Rose. Branca de Neve se atrapalhou com as chaves, tentando a primeira no aro. Não funcionou. Tentou a próxima, então a próxima, mas as chaves não serviam, nenhuma delas. Correu os dedos sobre as chaves restantes, sua garganta começando a secar. Havia cerca de quarenta ao todo.

— Guardas! — Finn gritou para o corredor. - seu rosto ensanguentado era visível além das grades.

Branca de Neve examinou o interior da cela de Rose, horrorizada com o que viu. Encurvada sobre si mesma no fundo da cela estava uma mulher velha com o

rosto enrugado pela idade. Cabelos crespos e grisalhos caíam por suas costas. Ela usava o mesmo vestido que Rose estava usando mais cedo e tinha os mesmos grandes olhos azuis, mas estava irreconhecível.

— Vá — a velha insistiu. Ela foi até a porta e agarrou a mão de Branca de Neve. — Vá, por favor. Se não, você nunca conseguirá fugir daqui.

Branca de Neve apertou as mãos da mulher uma última vez e deu as chaves para ela. Então, foi em direção às escadas estreitas, que desciam em espiral até o castelo principal. Circulou por elas, descendo dois degraus de cada vez, ficando mais zonzinha a cada lance. Ela ouvia os gritos de Finn, mesmo estando nos últimos degraus, e quase desabou no chão.

O terceiro andar do castelo estava quieto. Reconheceu-o imediatamente. Era a mesma ala em que o duque Hammond e William haviam vivido. As janelas estavam cobertas com pesadas cortinas cor de vinho e um guarda-roupa de madeira ornamentado estava encostado contra a parede mais distante. Conhecia cada uma dessas salas tanto quanto o seu quarto. Começou a avançar em direção à outra extremidade do castelo, mas, exatamente naquele momento, dois guardas subiram correndo as escadas. Suas armas estavam à mão. Podia ver em seus olhos que já sabiam que ela havia fugido.

— Pegue-a! — um deles gritou enquanto corriam em sua direção.

Correu de volta para a escada, trancando a porta atrás dela. Não se preocupou em olhar para trás. Eles golpeavam a porta e a madeira rangia a cada golpe violento. Tinha de chegar ao pátio. Poderia levantar o portão e escapar, assim como o duque Hammond e William fizeram anos antes.

— Só preciso fazer isso — disse a si mesma.

Quando chegou ao final da escada, passou pela porta e ganhou o ar livre. A luz era tão brilhante que queimava seus olhos. Protegeu seu rosto do sol. Havia tanto tempo desde que estivera do lado de fora que era bom demais para acreditar. Até o vento era estranho quando batia em sua pele.

Antes que pudesse entender tudo o que estava acontecendo, ouviu o som de passos atrás dela. Os guardas estavam saindo da sala do trono e entrando no pátio. Havia dez deles pelo menos. Todos usavam a mesma armadura negra. Olhou para a ala leste do castelo, onde ficava o portão levadiço, mas dois homens a cavalo já estavam galopando em sua direção, vindos de seus postos normais no portão. Não havia para onde ir.

Branca de Neve congelou no lugar, incerta sobre que atitude tomar. Quando

apertou a mão sobre seu coração, ouviu um pequeno assobio. As duas aves que tinha visto do lado de fora de sua janela estavam no pátio, circulando a poucos metros acima dela. Esfregou os olhos, para ter certeza de que não as estava imaginando. Elas pareciam tão vivas. A luz do Sol incidia sobre suas asas azuis, fazendo-as cintilar.

Elas dispararam em direção ao lado oeste do pátio. Os arbustos de flores estavam murchos e marrons. “Assim como o prego sussurrou para si mesma. Ela as seguiu, sabendo que havia algo que queriam lhe mostrar.

Atrás dela, os guardas se aproximavam. Os dois a cavalo estavam quase a agarrando. Ela ouvia o barulho alto dos cascos na pedra.

— Pegue-a! Ela está encurralada! — alguém gritou da sala do trono para os soldados.

Branca de Neve continuou seguindo as duas aves. Elas estavam se aproximando do muro de pedra maciça. Branca de Neve olhou para baixo, percebendo finalmente o que estavam lhe mostrando. Lá, debaixo dos arbustos murchos, estava a saída dos esgotos do castelo. Era um buraco de cerca de 60 centímetros de diâmetro, largo o suficiente para ela escorregar.

A o mesmo tempo em que as aves voaram para longe, deixou-se cair, deslizando seus quadris pelo chão de pedra. Então, entrou no sistema de esgoto. Pendurou-se por um momento, seus dedos seguravam a borda do dreno, antes de deixar-se ir. Quase não podia respirar enquanto mergulhava na escuridão abaixo.

Foi imediatamente arrastada pela corrente da água. Muito acima dela, um guarda se abaixou para o interior do dreno, tentando segui-la, mas o dreno era muito pequeno. Seus quadris ficaram presos. Suas pernas pairavam no ar, chutando freneticamente.

— Abram os portões! A princesa escapou! — um guarda gritou, sua voz ecoando pelo túnel enquanto ela flutuava para longe.

Enquanto deslizava no esgoto, Branca de Neve colocou a mão na parede, que estava revestida de algas viscosas. As pedras eram muito lisas e o lodo espesso se alojou sob suas unhas, deixando-as verdes.

Depois de tantos anos trancada na torre, suas pernas não tinham força para mantê-la boiando. Ela batia as pernas o mais forte que conseguia, lutando contra a corrente, e mantinha os braços em movimento. Porém, conforme o túnel do esgoto se estreitou, a água a puxou para baixo.

Ela desapareceu sob o lodo espumante e seu mundo ficou às escuras.



Água a sugou para dentro de um tubo longo e estreito. Ela sentia as paredes se fechando sobre si, seus ombros raspavam nelas. Encolheu-se o quanto foi possível, cruzando os braços sobre o peito e cruzando as pernas. Não se atreveu a lutar, pois estava com muito medo de ficar presa.

Algun tempo depois, saiu em águas abertas, tendo seu corpo finalmente livre. Seus pulmões estavam latejantes. Queria desesperadamente tomar fôlego. Olhou para a superfície da água, que estava cerca de seis metros acima dela. Algas flutuavam na superfície, gerando sombras em seu rosto. Chutou com força em direção ao Sol, mas, quando chegou às algas, viu que a camada era muito espessa. Elas se emaranharam em torno de seus braços e pernas e a arrastaram para baixo.

“Isso não pode estar acontecendo”, pensou. A realidade da situação a desfalecia por dentro. Chutava a água freneticamente, tentando se libertar, mas um pedaço de alga ainda estava enrolado em sua perna. Ela estava muito fraca. Seus pulmões doíam. Continuou sacudindo os braços até que a superfície da água estava a centímetros dela. Com alguns pontapés desesperados, finalmente se libertou e rompeu a barreira, emergindo para o ar livre.

Arfou para respirar. Podia ouvir o som distante de cascos na pedra. Os soldados estavam atrás dela. Olhou para a praia, a apenas 30 metros de distância. O castelo era aninhado na encosta. O penhasco ao lado dele estava coberto de árvores e arbustos. Nadou para a terra, grata quando as ondas a impulsionaram para a praia. Ela não tinha muito tempo.

A praia era coberta de grandes pedras cinzentas. Estavam dispostas em fileiras, criando um labirinto enorme, que se estendia pelo comprimento da areia. Branca de Neve se aproximou da primeira entrada de pedra. Aquilo era mais alto do que ela, as paredes cobertas por cracas e algas ressecadas. Seguiu em frente, serpenteando pelo labirinto, mas, quando a passagem de pedra se bifurcou em duas, não sabia por qual caminho seguir. Sua memória de infância era menos distinta quando pensava no labirinto. William tinha sido o único a encontrar a saída.

Seu vestido estava encharcado e ela tremia de tanto frio. Ouvia o som de cascos nas pedras. O exército estava se aproximando. Finn certamente já havia alertado Ravenna. Se ele não a encontrasse, a magia de Ravenna certamente o faria. Ela teria seu coração.

Branca de Neve escolheu o caminho da direita. Suas mãos tremiam. Estava prestes a contornar uma esquina quando o som de um assobio suave chamou sua atenção.

As duas aves haviam voltado. Estavam apoiadas no muro de pedra à esquerda. Cobriu a boca, as lágrimas se acumulando em seus olhos. Elas voaram na direção oposta. Branca de Neve as seguiu até a praia, serpenteando para dentro e para fora entre as pedras enormes, até que o caminho desembocou na areia. Poucos metros à sua frente havia uma linda égua branca, que estava parada na praia de uma maneira que nunca tinha visto um cavalo fazer antes, como se estivesse apenas esperando que ela a montasse. O som dos cascos se aproximava.

— Ali! — uma voz de homem gritou. Olhou para o penhasco acima. Os dois primeiros soldados a cavalo surgiram das árvores. Um lhe apontou um punhal de prata. Ela não hesitou. Correu para a égua, saltando sobre o dorso do animal. A égua se levantou e ela partiu pela praia rochosa.

Galopou pela costa, as ondas quebrando ao seu lado. Branca de Neve olhava para trás, seu cabelo era uma bagunça preta. O ar salgado que vinha do oceano fazia seus olhos arderem. O exército de Finn desceu o penhasco rapidamente e estava muito próximo delas.

Finalmente, as aves viraram à direita, de volta para o continente. A égua as seguiu rumo à floresta densa, e o exército perseguia Branca de Neve por entre as árvores.

Ela reconheceu a terra de sua infância. Eles estavam do lado de fora de uma das aldeias. Ela havia sentado junto aos seus pais em desfiles, passando pelas cidades pequenas em sua carruagem aberta, acenando para as crianças da aldeia. Todos no assentamento esperavam pela família real. Eles colocavam suas melhores roupas e espalhavam pétalas de flores sobre a estrada de terra. Mas, conforme se aproximava da aldeia, Branca de Neve mal a reconhecia. A maioria das casas eram pilhas de escombros queimados. Outras estavam fechadas com tábuas. O velho poço no centro da aldeia estava selado.

A égua manteve o ritmo. No final do caminho de terra, algumas crianças surgiram de uma casa de palha. Havia buracos enormes no telhado. Branca de Neve deu um tapa no corpo da égua, mas o animal se recusou a parar. Conforme as crianças se aproximavam, ela viu o porquê. Havia pânico nos olhos delas. Estavam todas muito magras, pareciam esqueletos ambulantes. O nariz de uma

delas sangrava. Outra era tão frágil que mal conseguia ficar de pé. Moviam-se lentamente, fitando o cavalo com uma estranha curiosidade.

Branca de Neve partiu para a floresta, mas, conforme a égua continuava no caminho, menos árvores lhes davam cobertura. Ela estava exposta, correndo por um campo estéril. Troncos em decomposição tomavam conta de uma clareira que antes era exuberante e arborizada. A grama estava chamuscada. Em todos os lugares havia morte e destruição. O reino era uma mera sombra de seu tempo de abundância.

Branca de Neve mantinha os olhos nas duas aves quando elas passaram sobre uma colina. Além da ladeira íngreme, havia uma parede de árvores antigas. Seus troncos tinham mais de dois metros de diâmetro. Branca de Neve engoliu em seco. Ela tinha ouvido falar da Floresta Sombria quando criança. Sua mãe costumava contar histórias da magia contida na floresta: plantas que se enrolavam em torno das pernas, criaturas estranhas que assombravam a vegetação rasteira e areia movediça que poderia engolir uma pessoa inteira. Ninguém que entrou na Floresta Sombria saiu vivo.

Branca de Neve olhou para trás. O exército de Finn estava subindo a colina. Dentro de minutos, estariam em cima dela. Encorajou a égua a ir adiante. A égua hesitou. A floresta estava envolvida por um denso nevoeiro, que se esparramava por entre os troncos. Ela não conseguia enxergar um dedo à sua frente.

— Vamos — Branca de Neve sussurrou, esfregando o pescoço da égua.

Começou a entrar na floresta, a névoa a cercando. As aves haviam desaparecido no nevoeiro espesso. Olhou para os ramos da árvore. Aves estranhas se expunham acima, seus gritos guturais causavam arrepios em suas costas. A égua se moveu lentamente para dentro da floresta, poucos passos por vez. Branca de Neve respirou profundamente, suas mãos tremendo. O som dos homens de Finn desapareceu no ambiente. Ela só conseguia ouvir a Floresta Sombria e seus ruídos terríveis. A égua deu um passo à frente, depois outro e depois o chão cedeu sob seus pés. Ela recuou, derrubando Branca de Neve, que bateu no chão duro e arfou para conseguir trazer o ar para seus pulmões. Quando olhou para cima, a égua branca havia desaparecido em meio à névoa.

Ficou ali por um momento, tentando recuperar o fôlego. O chão estava molhado. O musgo espesso se movia furtivamente entre seus dedos, como se estivesse tentando engoli-los. Podia ouvir os passos macios de homens por perto, conforme caminhavam pela floresta.

Levantou-se e começou a se afastar deles, incapaz de ver até mesmo o chão sob seus pés. O nevoeiro a envolveu. Olhou para trás e viu brevemente a silhueta

de um homem. Correu mais rápido, tentando fugir do exército de Finn. Continuava avançando, sua respiração, áspera e irregular, até que seu pé ficou preso sob uma raiz de uma árvore gigante, lançando-a pelo ar. Ela aterrissou com um baque em uma área de cogumelos laranja e vermelhos.

Uma nuvem de pólen se levantou ao seu redor. O pegajoso pó amarelo se depositou em cada centímetro do seu corpo. Soube, em um instante, que algo estava errado. Sua cabeça estava leve. Sua visão, turva. Levantou-se, tentando fugir, mas a Floresta Sombria parecia ainda mais estranha do que antes. As árvores pareciam figuras encapuzadas e ameaçadoras, esperando para levá-la de volta ao castelo.

— Você não deveria ter saído, minha cara — sibilo u uma delas, seu ramo serpenteando para fora para tocar sua bochecha.

Outra coxeou em sua direção, levantando suas raízes gigantes com grande esforço.

— Vejam o que temos aqui. Uma princesa. — A árvore se debruçou em sua direção. Branca de Neve olhou para seu rosto escuro, a casca marcada por um machado.

— Afaste-se de mim — murmurou. Sua boca estava cheia do pólen amarelo. Sentia-o em sua língua. — Me deixe em paz.

Mas a floresta estava se fechando. Morcegos voavam diante dela e Branca de Neve podia ver seus dentes; as bocas cobertas de sangue.

— Por favor, não... — gritava enquanto eles a perseguiam no denso bosque. — Fiquem longe de mim. — Ela estava muito tonta. Seu corpo parecia amarrado em pedras. Esforçou-se para manter os olhos abertos enquanto seguia para longe dos homens de Finn. Mas, em questão de segundos, ela caiu e o pólen mágico a enviou para um sonho pesado e estranho.



Ravenna andava de um lado para o outro da sala do espelho, afiando suas unhas nas paredes de pedra. Suas pulseiras tilintavam. A pele ao redor das unhas estava ensanguentada, mas ela não se importava. Só conseguia pensar em Branca de Neve. A garota estava em algum lugar fora das muralhas do castelo, com seu coração ainda batendo dentro do peito. Ainda estava viva.

Ravenna havia perdido a chance. Tantos anos trancada naquela torre e agora Branca de Neve havia escapado. A rainha se perguntava por que não havia percebido aquilo antes. Aqueles lábios vermelhos, aquela tez clara, impecável. Cabelos negros como a noite. Sua beleza natural sempre esteve ali, esperando para ser consumida. Mas agora era tarde demais.

Alguém bateu na porta da sala. Finn adentrou com seu rosto em carne viva. Ravenna se voltou para ele furiosa e giro u para atacá-lo, batendo duramente contra seu peito.

— Você juro u me proteger! — ela gritou, cada palavra repleta de dor. — Você não entende o que a garota significa para nós? Esse é o meu futuro. Esse é o meu tudo.

Ravenna mal podia respirar. Sentiu as paredes se fechando sobre ela. Estava presa para sempre, com seus poderes vulneráveis, enquanto Branca de Neve estava livre.

— Eu lhe disse — Finn falou em voz baixa, como se nada estivesse errado, cobrindo as mãos dela com as suas. — Ela foi perseguida pela Floresta Sombria. Provavelmente já está morta.

Ravenna balançou a cabeça. A culpa era de Finn, seu próprio irmão! Ele havia feito isso com ela. Não havia lealdade, mesmo no interior das muralhas do castelo. Não havia ninguém em quem pudesse confiar. Aquela garota, tão jovem, tão frágil, tinha escapado usando apenas um prego.

— Teria ele a deixado ir? Havia ele desistido muito facilmente, sabendo que

o fracasso significaria a liberdade dela? Ele havia passado tantas manhãs lá em cima, estudando-a, observando-a dormir. “Eu sabiavenna pensou, apertando suas mãos ainda mais fortemente. “Em algum lugar dentro dele, ele a ama”

— Ela não é boa para mim lá, perdida — resmungou. — Eu não tenho poderes na Floresta Sombria. Devo ter seu coração. — Ela bateu no peito dele mais uma vez, satisfeita quando ele fez uma careta de dor. Queria bater novamente, mas ele agarrou suas mãos.

— Não tenho dado tudo para você? — perguntou ele. Seus olhos cinzentos a fitaram, como se para lembrá-la de todas as ordens a que havia obedecido no passado, os cidadãos que havia aprisionado e assassinado e todas as garotas que havia trazido para o castelo para que ela as consumisse.

Ravenna puxou suas mãos.

— Eu não tenho dado tudo para você? — sussurrou, lembrando a ele do vínculo que tinham. — Tudo? — se postou forte e poderosa na frente dele. Sem a magia dela, a oposição já teria tomado o castelo. Ambos teriam morrido.

Ficaram assim por um momento, olhando ferozmente um para o outro, até que ela estendeu a mão e tocou seu rosto. Correu o dedo sobre a ferida aberta. A ferida se fechou ao seu toque, o sangue desapareceu e a pele cicatrizou com sua magia. Quando ela tirou a mão do rosto de Finn, ele estava exatamente como era antes. Sua pele estava firme. Não havia rugas. Não havia sequer cicatrizes. Ele passou os dedos no lugar da ferida.

— Não vou falhar com você novamente — sussurrou, inclinando a cabeça em reverência. — Trouxe, para você, alguém que conhece bem a Floresta Sombria. Um homem para caçá-la, caso ela tenha sobrevivido.

Pela primeira vez naquela tarde, a pulsação acelerada de Ravenna se abrandou. Ela olhou para Finn, que estava sorrindo, como se soubesse o tempo todo o que lhe acontecia.

— Muito bom, ela sorriu. Um riso escuro se desenhou em seus lábios. Ela riu de novo, com muito mais vontade, imaginando Branca de Neve lá fora, sozinha. Eles a resgatariam e, dentro de um dia, ela estaria de volta. — Muito bem, Finn — disse ela, tomando o braço do irmão e se dirigindo à porta. — Me leve até ele agora.

Eric caminhou até a janela da sala do trono e ficou observando os corvos lá fora. Estavam empoleirados no parapeito de pedra, curvados, olhando para a encosta abaixo. Eram criaturas miseráveis. No dia em que Sara fora sepultada, eles

ficaram no telhado da igreja, suas cabeças inclinadas, sempre olhando para baixo. Eram dois convidados não convidados. Durante toda a cerimônia, ficaram lá, na escuridão encarnada, grasnando de vez em quando. Quando o padre voltara para dentro, Eric não aguentou: atirou pedras neles e xingou-se toda vez que não acertava.

Agora, anos depois, ele estava no castelo da rainha, camisa encharcada de uísque. Suas calças estavam sujas; seus bolsos, vazios.

Estava tão enfurecido e triste como quando Sara, sua bela Sara, havia partido. Bateu a mão no vidro para afugentar os corvos.

Do outro lado da sala, dois soldados levantaram suas espadas, o ameaçando. Ele riu, com desdém. Todo o seu corpo estava dolorido da noite anterior. Sentia uma dor forte em sua têmpora direita toda vez que mexia a cabeça. Quando se virava rapidamente, a sala começava a girar. Os efeitos do álcool ainda não tinham passado.

— Então, onde ela está? - — Eric buscou atrair a atenção dos dois soldados à porta. Sua voz ecoou pela enorme sala do trono.

Nenhum dos homens de armadura negra respondeu.

Ele estivera bebendo na taverna da aldeia. Estava mais bêbado do que havia estado há dias, quando fora convocado a estar ali. Não tinha sido sua escolha, realmente. Quando o jogaram sobre o dorso de um cavalo, estava embriagado demais para resistir.

— A rainha exige sua presença — um homem disse. Era tudo de que se lembrava. Mas Eric ainda não sabia o porquê. Estava se sentindo completamente inútil naqueles dias. Havia vacas mais produtivas do que ele. Se a rainha precisava da ajuda de alguém, não poderia ser da dele. Ele passou a mão pelo cabelo gorduroso para tirá-lo do rosto.

A rainha entrou na sala e um homem jovem veio logo atrás dela. Eric dificilmente o notaria; sua visão estava totalmente fixada na beleza da mulher. Ela era radiante. Sua pele brilhante, as bochechas rosadas, os cabelos louros trançados para longe de seu rosto, Abriu seu manto negro para revelar um vestido solene e seus seios destacados no alto do vestido, O tecido metálico era salpicado de dentes de lobos. Ela fitou-o com seus olhos azuis penetrantes. O olhar exigiu que ele ficasse reto. E ele ficou de pronto. Ela era sua rainha. A rainha sombria. Ele nunca a tinha visto tão de perto.

Ela caminhou em direção a ele até que ficaram bem perto. A coroa de prata estava cravada na cabeça dela e correntes decorativas repousavam nas laterais.

Sentiu o cheiro da camisa suada dele e torceu o nariz.

— Meu irmão me diz que você é viúvo, bêbado e um dos poucos que se aventuraram na Floresta Sombria. — Fez um gesto para o homem de jaqueta de couro em pé atrás dela. Eric percebeu que o irmão da rainha era o mesmo homem que o havia encontrado na taverna e o trazido até ali. — Um de meus prisioneiros escapou para lá — continuou ela.

Eric balançou a cabeça.

— Então, ele está morto... — a rainha o corrigiu, levantando um dedo repleto de joias.

Eric cruzou os braços sobre o peito, tentando se firmar. A sala parecia estar girando.

— Então, ela certamente está morta — corrigiu.

A rainha se inclinou para tão perto que as correntes de sua coroa escovavam a túnica de couro dele. Seu perfume era o de rosas mortas.

— Encontre Branca de Neve e a traga para mim.

Eric balançou a cabeça. Ele havia sido caçador anos atrás, antes de Sara morrer. Havia rastreado presas por aqueles bosques e quase perdera a vida. Mesmo com as melhores armas e os mais atualizados mapas, a maioria das pessoas nunca penetrava mais de quatrocentos metros por entre as árvores.

— Eu fui à Floresta Sombria vezes o suficiente para saber que não vou voltar — disse. Ele deu as costas para a rainha, mas ela apertou seu braço com mais força.

— Você será regimento e recompensado — ronronou. Eric riu. Como se aquilo lhe importasse.

— Moedas não são boas para mim se eu repouso morto com corvos a arrancar meus olhos.

Mas a rainha não soltou seu braço. Em vez disso, apertou ainda mais, cravando as unhas em sua pele. Ela sorriu, depois se inclinou, seus lábios a alguns centímetros dos lábios dele.

— Você fará isso por mim, caçador.

Eric olhou para a mão em seu braço. Então não era um pedido, era uma ordem.

— E se eu recusar a ordem? — perguntou ele.

A rainha fez um sinal para os homens perto da porta. Eles baixaram suas lanças e miraram as pontas engastadas para ele. Eric olhou para as lâminas brilhando e não sentiu nada. Nenhum medo. Nenhuma tristeza. Ela estava ameaçando sua vida, mas o havia abordado da maneira errada. Ela não poderia lhe tirar algo que ele não queria mais.

— Faça-me o favor — ele zombou, mantendo os braços diante de si e fechando os olhos. O rosto de Sara voltou para ele. Ela estava gritando, a mancha de sangue se espalhando em seu vestido ao redor do ponto onde o intruso a havia esfaqueado.

— Eu imploro — acrescentou.

Quando ele abriu os olhos, a rainha ainda estava olhando para ele.

— Então você deseja se reunir com sua amada? — perguntou ela. Ele cambaleou um passo para trás, se perguntando como ela sabia sobre Sara. Qual era a extensão do poder da rainha? Ela havia lido seus pensamentos?

Seu peito se encheu de raiva. Ouvir aquelas palavras, “sua amada ditas pela boca daquela bruxa, era demais. O que ela sabia sobre sua amada? Ele agarrou a garganta da rainha. As pulseiras dela se agitaram.

— Minha mulher não é da sua conta — ele rosnou.

Os soldados correram na direção dos dois, mas a rainha ergueu a mão, mandando-lhes dar um passo para trás. Seus olhos estavam lacrimejantes, o rosto vermelho do ar preso dentro de seus pulmões. Manteve-se olhando para ele, porém com um estranho sorriso no rosto, como se estivesse gostando de brincar com ele. Ele a soltou, querendo estar tão longe dela quanto possível. Deu um passo para o lado, mas ela entrou na frente dele, não o deixando sair.

— Você sente falta dela? — Esfregou a garganta onde ele a havia agarrado.
— O que você daria para trazê-la de volta?

Eric não respondeu. Ele podia sentir um nó crescendo em sua garganta. Aquelas noites em que Sara o visitava eram as mais difíceis. Ele podia ver o rosto dela em sonho. Podia beijar a minúscula pinta no lado do pescoço dela ou pressionar o nariz em seus cabelos, cheirando aquela mistura doce de sabão e óleo de gardênia. Ela era tão vivida, então, mais ainda do que havia sido em vida. Ele acordava ofegante, com o rosto inchado e molhado, desejando que ela voltasse para ele. Enxugou os olhos, tentando evitar o olhar da rainha.

— Certamente você já ouviu falar de meus poderes — a rainha continuou.
— Traga-me a garota e trarei sua esposa de volta.

— Nada vai trazê-la de volta — Eric disse em voz alta. Havia enterrado Sara em uma cova nos limites da cidade, deitando seu corpo na terra fria. Ele mesmo havia feito a lápide.

A rainha levou a mão ao queixo e esperou, até que ele encontrou seu olhar. Ela o fitava muito intensamente, com o rosto sério.

— Eu posso — sussurrou. — Acredite em mim, caçador. Uma vida por uma vida.

Havia algo naquele olhar. Aqueles olhos azuis cinzentos olharam através dele, como se ela pudesse ver todo o passado e o presente, todo o medo e a dor que ele havia encontrado. As coisas que mais desejava no mundo. Sabia que, ultimamente, desperdiçava sua vida e sua alma todas as manhãs na taverna escura, bebendo para esquecer. Sabia que não importava o quanto tentasse, Sara sempre voltava para ele em seus pensamentos. Ele ainda se pegava falando com ela, cantando as canções que ela cantava. Tinha vislumbres dela no rosto de mulheres que passavam.

Quem era essa prisioneira, essa estranha, para ele? O importava se a Floresta Sombria fosse seu fim? Lentamente, certeza, ele encontrou os olhos da rainha e assentiu. Aquilo seria feito. Ele iria forjar seu caminho em meio aos bosques assombrados e recuperaria a prisioneira.

Não tinha nada a perder.



Eric estava na entrada da Floresta Sombria, observando as sombras à espreita entre as árvores. Havia estado lá antes, mas nunca havia ultrapassado 300 metros. Sua última visita fora depois de a rainha ter chegado ao poder. O alimento era escasso. Ele perseguia um jovem antílope pela clareira quando o animal disparou na neblina. Todos na aldeia sabiam que a Floresta Sombria engolia homens inteiros. Todo mundo sabia das cobras gigantes que se enrolavam em torno das pernas, lentamente esmagando a vida daquele corpo, e as flores venenosas que podiam matar com apenas um toque. Mas seu estômago estava vazio e era difícil resistir ao apelo de uma semana de carne.

Poucos minutos depois de entrar na névoa, foi mordido por uma aranha. Era uma coisa gigante, vermelha e cinza, que desceu de uma das árvores. Ele só a notara quando ela já estava sobre ele. Levou três semanas para se recuperar. A carne apodreceu em torno da picada. Teve febre por quase uma semana e convulsões violentas o acordavam durante a noite. Havia jurado que nunca voltaria.

Mas agora, depois de sofrer com seu próprio inferno, a Floresta Sombria não parecia tão ameaçadora. Ele estava sozinho. Não tinha ninguém esperando por ele. Tudo o que a Floresta Sombria poderia tomar dele já o tinha feito.

— Faça exatamente o que eu faço — disse a Finn, que estava atrás dele com quatro de seus soldados a reboque. Estavam todos suando em bicas, os rostos pálidos de medo.

Eric começou a entrar na névoa. Suas mãos tremiam de tantas horas sem beber. Estendeu a mão para a jarra de bebida ao seu lado, mas depois parou, pensando em algo melhor para ela. Poderia comemorar uma vez que encontrassem a prisioneira.

Caminharam até que o solo se transformou em terras pantanosas. Entrou no pântano, pressionando a bota em uma das pedras cobertas de musgo à frente dele. Afundou alguns centímetros no brejo, mas a pedra era firme o suficiente para sustentar seu peso. Pisou em outra pedra, depois em outra, ouvindo o chapinhar

suave de lama embaixo dele. O lodo trazia veneno em si. Poderia dizer isso por causa, dos ossos de pequenos animais que emergiam das profundezas. Finn o seguia e seus homens vinham logo depois.

Continuaram o caminho em silêncio, ganhando o pântano gigante com uma pedra de cada vez. Eric o cruzou primeiro e ajudou os outros a ganharem o terreno mais firme. Pássaros gigantes circulavam acima. Um deles pousou e quase acertou a cabeça de um soldado. Eric tentava ouvir ramos estalando ou folhas crepitando pelos bosques, mas ouvia apenas os sussurros estranhos da floresta. As pessoas diziam que os bosques caçavam as fraquezas das pessoas e as forças da escuridão poderiam atrair quem qu e r que fosse, pois conheciam seus desejos mais profundos. Enquanto seguia em frente, as palavras eram inaudíveis, mas ele ouvia as vozes fracas que vinham da direção das árvores.

Finn passou por ele, entrando em um campo de cogumelos, mas Eric agarrou seu braço:

— Exatamente como eu faço — disse. Então, puxou a camisa suada para fora do colete de couro para cobrir o nariz e a boca.

Finn e seus homens fizeram o mesmo.

Enquanto caminhavam pelo campo de cogumelos, o pólen voava em torno deles, com algumas partículas amarelas aderindo aos cabelos e ao rosto deles. Eric se ajoelhou, estudando os cogumelos esmagados aos seus pés. Havia uma fileira deles que os levava para fora do campo, para um trecho de árvores delgadas. Moveu alguns cogumelos para o lado, o que lhe revelou uma pegada no chão.

Manteve os olhos nas árvores diante dele. Algo se moveu por trás delas. Estava tão concentrado que não percebeu que um dos homens de Finn havia andado para o outro lado do campo, onde uma poça se espalhava, sua superfície refletia o céu cinzento. Eric virou quando uma criatura sombria emergiu das profundezas, espetando seu peito com uma cauda. Dentro de segundos, o homem foi arrastado para baixo, suas costas desapareciam sob a superfície vítrea.

Os outros homens queriam correr de lá, mas Eric ergueu a mão para detê-los. Apontou para as finas árvores cinza. Tinha certeza de que a prisioneira que escapara estava lá, podia ouvi-la lutando contra o emaranhado da vegetação rasteira. Eric estava prestes a pegar seu machado quando um galho se partiu. A figura emergiu das árvores e correu na direção oposta, penetrando ainda mais na Floresta Sombria.

Eric a perseguiu, deixando a camisa cair de seu rosto. Moveu-se

rapidamente pela névoa espessa, tentando não apoiar seus pés em qualquer lugar por muito tempo, com medo de que o musgo e as trepadeiras se enroscassem em seus tornozelos. Sua presa estava distante apenas seis metros. Moveu-se em meio à floresta densa, ziguezagueando entre as árvores, até que desapareceu na neblina. Eric reduziu a velocidade, procurando no terreno nebuloso. Avistou alguns arbustos grossos à frente, à sua direita. Os ramos estavam quebrados por onde ela havia passado.

Num movimento rápido, chegou até o arbusto e segurou uma das pernas dela com a mão. Não precisou de muita força para arrastá-la, mas ela lutava com ele assim mesmo, contorcendo-se sob seu controle. Era muito pequena.

— Deixe-me ir! — ela gritou. Olhou para ele com seus olhos castanhos gigantes.

Ele recuou por um momento, incerto sobre o que fazer. Ela era muito mais jovem do que ele imaginava, não tinha mais de 17 anos. Suas pernas estavam cobertas de arranhões e hematomas. Tinha a pele mais branca que já havia visto, com lábios muito vermelhos e cabelos pretos que caíam pelas costas. Quando ouviu a respeito de uma prisioneira, imaginou uma bruxa manejando facas ou algo do tipo. Definitivamente, ele não esperava por essa garota, por essa beldade.

Ele a ajudou, mantendo seu braço ao redor do braço dela. Ela lutava e acabava afundando os calcanhares na lama. Quando ele a agarrou, ela mordeu sua mão e lhe tirou sangue.

— Basta! — Ele a puxou de volta para a clareira, tentando trazê-la para onde Finn e seus homens os esperavam.

Mas a garota lutou, dando um duro golpe em seu pescoço.

— Ela vai me matar! — gritou e seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu fui sua prisioneira por dez anos e agora ela vai me matar por razão nenhuma. Eu não fiz nada de errado.

Observando seu cabelo cheio de nós e seu vestido esfarrapado, Eric viu que ela estava dizendo a verdade. Mas dez anos... “Por que a rainha precisaria trancafiar uma garota?”: Eric balançou a cabeça, tentando não ceder aos pedidos desesperados da garota.

— Não é da minha conta o que você fez. Mas você não é a primeira prisioneira a se clamar inocente.

As pernas da garota falharam. Ela caiu no chão.

— Por favor, você tem de acreditar em mim — disse, lutando. — O irmão dela tentou arrancar meu coração.

Ela estava tremendo. Lágrimas escorriam por seu rosto. Olhava para ele com aqueles olhos castanhos enormes. Ele nunca havia visto alguém tão aterrorizado em toda a sua vida.

— Eu juro! — disse ela.

Eric olhou para trás. Queria um momento para pensar. Queria um lugar para sentar, tomar um gole de bebida e pensar sobre a situação. Mas Finn e seus homens vinham em sua direção, as camisas finas ainda cobrindo seus rostos.

— Trabalho rápido! — Finn gritou. Puxava o colarinho para baixo e limpava o pólen de seus olhos.

Eric o estudou. Nunca gostou da sua cara fina de doninha ou do seu nariz empinado. A garota se levantou e se escondeu atrás dele, tentando ficar tão longe de Finn quanto fosse possível.

— Ele... — ela sussurrou. — Foi ele quem veio até mim com uma faca. — Suas mãos tremiam violentamente enquanto Finn se aproximava.

— O que você pretende fazer com ela? — Eric perguntava dando um passo à frente para retardar Finn.

O lábio superior de Finn curvou-se em desagrado.

— Com o que se importa, caçador? — Voltou-se para os três guardas restantes, sinalizando para se moverem.

Eric segurou a garota com mais força. Sua cabeça latejava de tantas horas sem beber. Com gotas de suor na testa, ainda queria lutar.

— Eu vou manter minha palavra quando a rainha mantiver a dela

— disse ele. Afrouxou o aperto no braço da garota, caminhando agora para trás, a empurrando para as profundezas da floresta e para longe dos homens de Finn.

Finn limpou o suor de seus olhos. — Você é um bêbado e um idiota

— riu — Minha rainha tem muitos poderes, pode tirar a vida ou sustentá-la. Mas não pode trazer sua esposa de volta dos mortos.

Eric estremeceu, as palavras queimando de uma maneira inimaginável.

— Mas ela me disse... — falou e percebeu que havia sido o tolo o suficiente para permitir que um minúsculo fragmento de esperança rastejasse de volta a seu coração.

Quando fechou os olhos, viu Sara como ele a havia encontrado naquele dia. Ela usava seu vestido favorito, com os minúsculos lírios bordados na gola. A faca havia entrado logo abaixo da caixa torácica, rasgando o tecido. Havia outro corte em seu pescoço. Os aldeões disseram que alguém viera furtar materiais: as duas moedas de ouro que Eric tinha e as frutas e os legumes machucados escondidos embaixo do lavatório. Sara tentou detê-los. No momento em que Eric chegara, as mãos dela já estavam duras e frias.

O caçador, de repente, sabia o que precisava fazer.

Empurrou a garota mais para trás, tentando mantê-la longe dos homens. Assim que ela se viu fora de alcance, correu para as árvores, não se preocupando em olhar para trás. Eric puxou o punhal de sua cintura. Atirou-o no peito de um guarda, bem ao lado do coração. O homem caiu para o lado, agarrando uma árvore para se apoiar. Em seguida, Eric pegou duas machadinhas que carregava em seu cinto. Manejou-as no ar, uma em cada mão.

Finn seguia em frente, segurava sua espada e esperava chegar perto o suficiente do pescoço de Eric. Os outros dois guardas correram primeiro. Eric bateu na cabeça de um com o machado. O guarda tropeçou para trás, momentaneamente atordoado e colocou a mão em seus cabelos louros, onde havia uma ferida aberta. Eric golpeou o outro, mas o guarda pulou para o lado. Eric continuou a lutar contra o homem, bloqueando cada um de seus golpes. Mas depois, com o canto do olho, viu Finn levantando sua espada. Finn estava se aproximando, pronto para atacar.

Eric atirou o machado no peito de Finn. Finn cambaleou para o lado. Os outros dois guardas se afastaram, de olho no outro machado nas mãos de Eric. Por um momento, ninguém se moveu. Todos eles observaram Finn recuperar o equilíbrio. Como por magia, não havia sangue em torno da ferida. Seu rosto voltava ao normal, um sorriso era o único sinal de que ele havia sido atingido. Puxou o machado do peito e riu, sentindo a pele lisa onde aquilo havia entrado. Sua camisa estava rasgada, mas ele estava bem.

— A rainha me deu proteção — disse ele sombriamente. — Seu toque transferiu poder e eu não posso ser ferido. Não aqui, dentro da Floresta Sombria — ele riu quando jogou o machado em Eric. Errou e a lâmina se alojou em um tronco de árvore próximo.

A garganta de Eric secou. Nunca havia visto nada assim antes, um homem que não poderia ser ferido. Se havia algo de diferente, era que Finn parecia

fortalecido pelo golpe. Finn o encarava furiosamente, as veias em seu pescoço se tornavam visíveis conforme ele levantava a espada.

Eric tentou pará-lo, mas seu braço não se ergueu a tempo. A espada de Finn o furou. O metal queimava à medida que rasgava sua carne. Contorceu-se e correu para longe, esperando que não o tivesse entrado muito na floresta. Quando Finn arrancou a espada, o sangue se derramou da ferida e escorreu pelas calças cinza esfarrapadas de Eric.

Os guardas recuaram, para deixar que Finn terminasse com a vida dele. Finn pulou, mas Eric se esquivou do golpe final, derrubando-o pelos tornozelos com o pé direito. Finn bateu no chão duro. Ficou ali por um segundo, momentaneamente atordoado.

Eric se abaixou, agarrou Finn pelas costas e o levantou, estremecendo com a dor que sentia no corte. Em seguida, o jogou em um trecho isolado de cogumelos, observando uma nuvem amarela que havia se expandido acima dele. Eric cobriu o nariz para não aspirar nada do pólen.

Os outros dois guardas levaram suas camisas até a boca. Finn tentava se levantar, mas o pólen já havia tomado conta dele. Seus olhos estavam vidrados. Tropeçou, as mãos estendidas, vendo algo que os outros não podiam ver. Estava sorrindo, a poeira amarela cobrindo suas mãos. Um amontoado daquilo estava preso ao seu queixo.

Eric tocou sua ferida e olhou para o sangue em seus dedos. Viu que dois guardas estavam a poucos metros de distância, de pé entre as árvores. Tinham suas espadas desembainhadas, as lâminas de prata destinadas a sua garganta. Não poderia lidar com os dois, não agora. Não ferido como estava.

Eric olhou para a Floresta Sombria que estava para trás. A névoa havia se diluído. As vozes estranhas lhe sussurravam palavras que, pela primeira vez, ele jurava que entendia. Elas estavam chamando da escuridão, insistindo para que fosse para lá. Puxou seu machado da árvore e correu o mais rápido que conseguia em direção ao mato denso, atrás da garota.



Branca de Neve disparou pela floresta. Mantinha os olhos no chão, saltando sobre troncos caídos e serpenteando entre os cogumelos, tomando o cuidado para não levantar o perigoso pólen. Arbustos espinhosos cortavam suas pernas. Um galho chicoteou seu braço e fez um vergão vermelho e dolorido. Mesmo com todo o pavor que sentia, ela continuava correndo sem olhar para trás.

Entrou em um campo de flores vermelhas. A terra tentava puxá-la para baixo. Arrancava um pé, depois o outro, até que conseguiu cruzá-lo. Começou a descer uma encosta que terminava em um longo riacho coberto pelo nevoeiro.

Mas eles a encontraram. Entraram na Floresta Sombria e arriscaram morrer só para capturá-la. E haviam trazido aquele homem terrível, com suas calças manchadas de suor e álcool. Nunca havia visto alguém tão sujo. Quem era ele? E por que havia aceitado entrar na Floresta Sombria? Ela podia entender por que Finn a seguira. Ravenna o controlava, lhe dizendo o que fazer, o que dizer, como se comportar. Ele nunca teve escolha. Os guardas simplesmente faziam o que lhes era dito. Mas o caçador, era assim que eles o chamavam, não era? Por que veio até aqui, arriscando sua vida, se ele não precisava fazê-lo? Ele mencionou alguma coisa sobre sua esposa e isso era tudo do que Branca de Neve se lembrava. O rosto dele ficou pálido quando Finn disse alto o nome dela. “Ela está sendo mantida como prisioneira? Era esse o controle da rainha sobre ele?”

Branca de Neve continuou a descer a encosta escarpada. As trepadeiras finas, que se agarravam nas laterais do morro, enroscavam em seus tornozelos, prendendo-a à terra. Ela as arrancava e se aproximava do riacho. Quando quase o havia alcançado, uma mão pesada pousou em seu ombro. Outra cobriu sua boca, a impedindo de gritar. O caçador fedorento a puxou para si, um dedo sobre os lábios para pedir silêncio. Quando ele não viu mais sinal de resistência, a soltou, sua face se desmanchando em um sorriso de alívio.

Ela sentia repulsa do sujeito: ele havia tentado entregá-la para Finn! Estava trabalhando com os soldados de Ravenna para que pudessem arrancar seu

coração. Mas e agora? Ela sabia que ele a havia deixado fugir, que ela já poderia estar morta se ele assim o desejasse. Por que ele mudou de ideia? E por que ainda a seguia? A incerteza aumentava sua ira.

Então, ela girou seu punho para trás e lhe deu um soco na boca o mais forte que conseguiu. Ele perdeu o equilíbrio, ela o empurrou e ele colocou os dedos na boca, sentindo o sangue em seu lábio.

— Pode correr — ele ladrou quando ela seguia em direção à margem lamacenta. — Você não conseguirá escapar, mas o aviso foi dado. Então a minha consciência está tranquila. — Ele deu de ombros.

Esse caçador era profundamente irritante, mas ela parou e ficou olhando o riacho mais de perto. Estava cheio de enguias. Seus corpos escuros se contorciam sob a água. Havia tantas delas que a água estava negra. Engoliu em seco sentindo que talvez, só talvez, ele estivesse certo. Temeu ir adiante. Ficaram quietos por um momento até que o caçador perguntou.

— Por que a rainha quer morta?

Ela virou e notou os seus olhos cinza pela primeira vez. Ele tinha braços musculosos e um tórax largo. Seus cabelos cor de palha desciam até os ombros. Percebeu que ele havia sido ferido na luta. O sangue tingia sua camisa e se espalhava pela roupa de couro.

— Você está machucado — sussurrou quando o viu pressionar a ferida. Ele acenou, ainda esperando que ela respondesse. Branca de Neve olhou para o chão. Ela quer todas as jovens do reino. Rouba sua juventude e beleza... Eu vi o que acontece com elas.

— Mas você escapou — disse o caçador. — Por quanto tempo ficou presa?

Branca de Neve olhou para a Floresta Sombria, assegurando-se de que não havia ninguém os espreitando no nevoeiro.

— Eu passei dez anos na torre norte.

— *Quem é você?* — ele perguntou baixinho, aborrecido. Avaliou, novamente, as roupas rasgadas e o cabelo cheio de nós.

Branca de Neve tirou o suor da testa, pensando em como devia estar sua aparência. Seu corpete de veludo estava gasto e puído em alguns pontos; a roupa de baixo, manchada e rasgada.

— Quem é você? — ele perguntou novamente, mais alto dessa vez.

Ela olhou ao redor. Estavam no meio da Floresta Sombria. Não tinha ideia de qual trilha a levava de volta à aldeia ou se ela conseguiria encontrá-la. As árvores se moveram, seus ramos pendiam de uma forma não natural, como se estivessem tentando alcançá-la. Esse homem, esse caçador, era sua única chance.

— Eu sou a filha do rei Magnus — disse, finalmente.

O caçador balançou a cabeça. Não parecia convencido.

— A filha do rei está morta. Morreu na mesma noite em que o pai dela fora morto.

Ela o fitou, insolente, o desafiando a questioná-la novamente. Ele apertou o queixo e o coçou.

— Não acredito... — resmungou. Foi olhar mais de perto seu cabelo negro e a pele branca como leite, que não havia visto o Sol desde criança. Branca de Neve ficou reta e deixou que ele analisasse os grandes olhos castanhos que ela compartilhava com o pai e o vermelho de seus lábios.

Ele parou diante dela com a cabeça virada de lado. Gentilmente, tomou sua mão e a levantou, girando seu braço para observar os arranhões e os hematomas que maculavam sua pele. Ela segurou a respiração, com medo; não sabia como reagir. Ele devia estar segurando a respiração também, porque expirou de repente. Então, ele segurou o braço dela firmemente e a arrastou daquele lugar, marchando ao lado do córrego lamacento.

— Para onde estamos indo? - ela gritou, consternada pela violência abrupta.

— Aqui não é mais seguro — disse. — Especialmente para a filha do rei. Eles não a deixarão fugir tão facilmente. São estúpidos o bastante para nos seguir pela floresta.

Ela não podia argumentar, mas puxou o braço e caminhou penosamente ao seu lado. Eles andaram por muito tempo. Branca de Neve se atentava aos passos regulares dele conforme a luz diminuía na floresta. A escuridão entre as árvores estava ainda mais ameaçadora. As sombras se moviam entre os arbustos ao lado deles, mas Branca de Neve tentava ignorar isso, apesar de ouvir os animais selvagens respirando por entre elas.

Enquanto caminhavam, o caçador falou um pouco. Disse a ela seu nome e que havia sido convocado pela rainha para liderar um pequeno grupo pela Floresta Sombria, um lugar em que estivera quando rastreava animais. Quando Branca de Neve perguntou sobre a recompensa, ele disse que a rainha havia

mentido, mas não mencionou sua esposa nem o que ela lhe havia prometido. Queria perguntar mais sobre sua esposa, mas os olhos dele se encheram de lágrima. Então, ele se afastou um pouco dela, para não ouvir mais perguntas.

Seguiram o riacho por mais uma hora e, depois, começaram a subir um morro onde a floresta se abria em uma pequena clareira. O solo quase não tinha folhas nem plantas, o que fez com que o lugar parecesse seguro para repousar. Branca de Neve se sentou em um tronco podre. Eric se abaixou ao lado dela. Despreendeu o cinto e tirou o colete e a camisa, expondo o ferimento. Ela se encolheu só de olhar para aquilo. Ele andou lentamente, para pegar a garrafa de bebida.

— Aqui — ela disse finalmente ajudar. — Deixe eu ajudar. Desroscou o cantil pesado e o segurou.

— Você pode derramar um pouco de bebida aqui? — ele perguntou. Tocou no corte de cinco centímetros por onde a espada havia entrado. — Não acho que tenha atingido algo vital. Se não, eu não teria chegado tão longe.

Branca de Neve ensopou a ferida de bebida e se encolhia conforme ele se contorcia de dor. Então, rasgou a bainha de seu vestido até obter um pedaço quadrado limpo e o pressionou contra a ferida.

— De nada — ela sussurrou quando Eric permaneceu em silêncio por um longo tempo.

— Ficaremos aqui esta noite — ele anunciou.

Branca de Neve limpou um espaço no chão e se sentou. Olhou para ele, que ainda estava segurando o pano sobre a ferida. Ele examinava as árvores sobre os ombros dela.

— Você não me respondeu — disse Branca de Neve.

— O quê? — Eric tirou o cabelo suado da testa.

Branca de Neve se curvou, segurando os joelhos para blindar o frio.

— Para onde estamos indo? — repetiu a pergunta. Eric se inclinou para frente. As raízes das árvores ao redor deles brilharam com uma luz fosforescente misteriosa, lhes dando claridade suficiente para verem um ao outro. Pegou um graveto do solo e desenhou uma caixa, alguns triângulos e um círculo gigante. Apontou para a caixa.

— Aqui está o castelo da rainha — ele disse. Então, o graveto, apontando os triângulos e o círculo ao lado dela, montanhas e a Floresta Sombria. Aqui, depois delas, há uma aldeia.

Branca de Neve balançou a cabeça. Tomou o graveto dele, escrevendo as palavras no solo: “DUQUE HAMMOND” Sublinhou o nome duas vezes.

— Eu preciso ir para o castelo do duque. Eric pegou o graveto da mão dela.

— Você irá onde eu a levar.

Ela estudou as roupas do caçador, notando as botas desgastadas e as calças com buracos. Se ele não estava fazendo aquilo por pura bondade, haveria outras razões para fazê-lo.

— Há uma recompensa o aguardando — ela sugeriu. — Há nobres aqui, um exército.

Eric abaixou sua camisa, aparentemente ignorando a mancha de sangue seco nela. Ele riu.

— O duque luta? Ele se esconde atrás das muralhas. Eu conheço ovelhas que têm lutado mais que ele.

— Eles lhe darão duzentas peças de ouro — Branca de Neve continuou, implacável. — Nós temos um acordo?

O caçador tomou um gole gigante de sua garrafa. Secou a boca com o dorso da mão e, então, sorriu.

— Ótimo. Eu a entregarei em segurança, madame.

Branca de Neve chegou mais perto, investigando os olhos dele. Podia sentir o cheiro do álcool em sua respiração.

— Jure.

— Eu juro — Eric disse. — Constantemente. Essa é uma das minhas maiores qualidades. — Sorriu afetadamente, uma covinha aparecendo em sua bochecha.

Ela o olhou de relance e ignorou seu sarcasmo. Não havia tempo para joguinhos. Finalmente, ele assentiu e seu sorriso sumia à medida que se mostrava sincero.

— Isso é um acordo, então — disse ela.

Ela foi até a clareira e pegou uma braçada de folhas secas. Colocou- as no

chão e foi pegar mais folhas, queria gerar alguma forma de conforto. Depois, se deitou sobre o travesseiro provisório e jogou ainda mais folhas sobre si. Olhou para a floresta negra acima. Pássaros gigantes cruzavam o céu. Conseguia ouvir o som de um rosnado ao longe. Enrolou-se em seu vestido esfarrapado para tentar se aquecer. No dia seguinte eles retomariam o caminho para o castelo de duque Hammond. Com um pouco de sorte, chegariam à fortaleza dentro de uma semana.

Voltou-se para Eric, que havia se deitado ao lado do tronco, com sua mão comprimindo o pano ensanguentado.

— Você acha que... — disse ela, a preocupação voltando que a noite caíra sobre eles — ... eles nos seguirão?

Eric virou para ela, seus olhos iluminados pelo brilho das raízes das árvores.

— Eu não sei. Eles são tolos, poucos sobreviverão. — Coçou a cabeça e tomou outro gole da bebida.

— Essa é uma boa ou má notícia? — Branca de Neve riu desconfortavelmente. Eric não respondeu; apenas chacoalhou a garrafa para tentar saber quanto ainda tinha de bebida lá dentro. Ela se sentou e estudou o rosto do caçador, se perguntando sobre aquele guia que havia arrumado. — Quão profundo você já entrou na Floresta Sombria?

— Nós passamos por essa marca há alguns quilômetros — murmurou.

Ela ficou olhando para os bosques, estava ouvindo barulhos estranhos, e ele continuou bebendo aquela bebida horrorosa sem perceber nada. Tomou um gole, depois outro e continuou bebendo até quando seus movimentos ficaram mais lentos. Dentro de minutos, roncava feliz e deixou Branca de Neve completamente sozinha.

Os barulhos terríveis da floresta a cercavam. Cada galho estalando ou pássaro gritando causava arrepios em todo o seu corpo. Fechou os olhos, desejando que o resto do mundo sumisse, mas sentia insetos se arrastando por suas pernas. Alguma coisa zumbia em sua orelha. Demorou um longo tempo antes até que dormisse.



O caçador abria caminho em meio à densa vegetação com seus dois machados, cortando as trepadeiras e os ramos que bloqueavam a passagem. Branca de Neve seguia alguns metros atrás dele, ouvindo vozes estranhas que murmuravam por entre as árvores.

— O que é isso? — ela perguntou. Não conseguia entender as palavras, mas elas continuavam a chamar por ela, implacáveis.

— Não dê atenção a elas — Eric disse e golpeou alguns espinheiros com seu machado. — A Floresta Sombria ganha força de suas fraquezas.

O caçador continuou. Branca de Neve voltou a segui-lo, mas o caminho se fechou atrás dele. O espinheiro atingiu o vestido dela. Agarrou o tecido leve e o puxou, os galhos se retorciam no linho grosso não a deixando prosseguir. Quando olhou adiante, mal podia ver Eric. Trepadeiras se estendiam das árvores e se enrolavam em seus pés. Os galhos das árvores se inclinaram a apenas alguns centímetros de seu rosto.

— Caçador! — ela gritou. Ela empurrava os galhos para trás, tentando escapar, mas era inútil. A floresta a engolia.

Quanto mais lutava, mais as trepadeiras cresciam como molas espessas ao redor dela. Folhas se espalhavam em todas as direções, bloqueando sua visão. Estava ficando difícil respirar. Tentou levantar seu pé, mas um ramo havia crescido sobre um de seus dedos. Forçou até que ele estalou.

— Caçador!

Então, finalmente, ouviu passos em algum lugar além do emaranhado verde. Um machado cortou as trepadeiras que a agarravam, passando a milímetros de seu braço direito. Depois, cortou a mata à esquerda e acima dela, os galhos quebrados e as folhas caíam aos seus pés em grandes montes. Ela avançou, mas seu vestido ainda estava preso, aquele ramo grosso e espinhoso se recusava a soltá-la.

O caçador puxou uma adaga de seu cinto. Pegou um punhado de pano do vestido da jovem, o cortou e a libertou. Branca de Neve olhou para seu vestido, que agora revelava a maior parte de sua coxa esquerda, cortado tão curto que se perguntou se ele viu sua roupa de baixo. Cravou os olhos nele, o calor subiu pelo rosto.

— Não se lisonjeie, princesa — resmungou. Então, começou a correr, como se a punisse. Ela ficou chocada por um segundo e ele tomou a liderança que precisava. Teve de correr para alcançá-lo.

Enquanto corria, seu corpo inteiro estava tenso, as mãos fechadas em punho. Ela o odiava. Odiava o sorriso presunçoso que aparecia em seu rosto quando zombava dela ou como ele sempre sabia para onde estavam indo, mesmo quando a floresta era igual em todas as direções. Mas, principalmente, ela odiava precisar dele: para liderá-la, para libertá-la de alguma terrível planta devoradora de gente ou para salvá-la do idiota do Finn.

— Então, me diga, caçador — disse, quando finalmente o alcançou —, você bebe para afogar sua tristeza ou sua consciência?

Eric parou, seu rosto corado de tanta bebida da noite anterior. — Por que se preocupa se eu bebo? — perguntou para ela, olhando em seus olhos.

Ela não vacilou.

— Acredito que o empreguei para me levar a algum lugar — sorriu, sabendo que tinha um argumento.

O caçador retrocedeu e cortou os densos bosques com os dois machados, golpeando os galhos com mais força que o necessário. Alguns galhos quebrados atingiam o rosto de Branca de Neve.

— E eu acho que reis, rainhas, duques e princesas não devem meter o nariz na vida de pessoas comuns.

— Mas você serviu à rainha... — Parou, lembrando-se do rosto dele na clareira. Ele ficara muito quieto quando Finn mencionou sua esposa.

— Ela o pagou bem? — Tentava voltar àquela conversa. — O que foi combinado? O que quis? A rainha fez uma promessa que até ela não poderia cumprir?

Eric parou, descansando sua mão sobre um tronco.

— Não pagou o suficiente — mentiu e retomou o caminho, abrindo a trilha

com seus machados. — A realeza faz isso, veja você. Paga uma ninharia para que outros lutem suas batalhas.

Branca de Neve balançou a cabeça. Sabia que ele tentava mudar de assunto, mas não se importou. Quem era ele para falar mal de sua família?

— Meu pai lutou suas próprias batalhas, obrigada — rosnou.

A floresta se abriu diante deles. O caçador baixou seus machados. Assim que entraram em uma clareira, ele acelerou os passos e se distanciou dela.

— Seu pai. — Soltoou uma risada presunçosa. — Foi ele quem deixou o diabo cruzar a porta. É culpa dele que o reino esteja mergulhado nas trevas.

Branca de Neve saltou sobre um toco de árvore podre. Ficou olhando para as costas de Eric, seu rosto vermelho de ódio.

— Vigie suas palavras, caçador.

Ele virou e encontrou o olhar ferino dela.

— Vigie seus passos — apontou para os pés dela. Ela notou que o solo era mais arenoso que em outros lugares. Seus pés estavam afundando. Primeiro seus pés afundaram, depois seus tornozelos, até que a areia estava quase em suas canelas.

Eric permaneceu ali observando a cena, muito satisfeito consigo mesmo.

— Quanto custa para uma princesa pedir ajuda? — ele riu. Cruzou seus braços no peito, marcando o tempo com seu pé direito.

— Quanto tempo leva para um bruto oferecer ajuda? — Branca de Neve rosnou de volta. Tentava libertar suas pernas, mas já era tarde. Já havia afundado até os joelhos. A areia era mais fria a cada centímetro que afundava.

Eric descansou um pé em um toco de árvore sólido ao lado dele e lhe ofereceu a mão. Sua expressão era apenas um pouco mais suave do que antes. Ele a levantou para o alto e agarrou seus braços. Quando a colocou no chão, ela estava coberta de areia.

Branca de Neve se secou e sacudiu a areia na grama. Poderia agradecê-lo, mas os insultos dele eram ainda vividos em sua mente. Não havia conhecido seu pai e certamente não compreendia do que Ravenna era capaz. Aquela mulher, aquela bruxa, havia se sentado ao lado deles a cada refeição, segurando a mão de seu pai. Contou-lhe sobre como sua mãe fora ficando cada vez mais doente,

exatamente como a mãe da Branca de Neve. Havia lido para Branca de Neve e William quando eles ficavam entediados e oferecia festas para a nobreza, O rei cometeu um erro. Fora um tolo. De alguma forma, todos eles foram.

Quando ela se voltou para Eric, ele estava ajoelhado na grama. Segurava algumas dobras de couro. Então, ele arrancou um dos laços de cada protetor de braço e os jogou no colo dela.

— Você vai congelar antes que cheguemos a algum lugar. Use-os para fazer perneiras e botas. — Ela agarrou o couro com uma pergunta nos olhos. — É o revestimento do meu colete. — Então, ele pegou uma bolinha do chão e a rolou entre os dedos, pensativo.

— O que é isso? — ela perguntou, torcendo para que não fosse o que ela pensava que fosse.

— Estrume — pronunciou “istrum” — É de veado — replicou. Olhou para ela de relance, como se dissesse, “por favor, não me peça para explicar” Branca de Neve o observou amassar aquilo entre os dedos. Então, ele o levou até o nariz, sentindo o odor. Ela virou para o lado, enojada. Será que eram fezes?

Ele se levantou e foi, rapidamente, em direção a um caminho entre as árvores. O ar era diferente ali, o nevoeiro era tão espesso que não se podiam ver dois metros adiante.

— Fique aqui — ele disse, deixando Branca de Neve fazer algum tipo de roupa para si mesma.

Seu estômago reclamara a manhã toda. Apertou o estrume de veado entre os dedos. Veados não costumavam entrar na Floresta Sombria, a não ser afugentados por outro predador. Supôs que haviam tido sorte. O quanto a garota estava com fome, ela não havia dito, mas não parecia ter sido bem alimentada na torre.

Manteve os olhos no chão e rastreou o animal, como havia feito centenas de vezes antes. Moveu-se rápido e silenciosamente, puxando um machado de sua cintura, pronto para atirá-lo caso o veado aparecesse. Viu um esterco, então outro, conforme caminhava mais para dentro do denso nevoeiro branco.

Além do nevoeiro, o ar estava claro. Havia um afloramento de rochas diante dele. Uma delas se abria para uma grande caverna. O vento mudou e ele ouviu uma voz familiar.

— Eric — ela chamou de dentro da caverna.

Aquela voz. Ouvi-la em bom tom, depois de tanto tempo, deixou Eric arrepiado. Largou seu machado no chão. Sara saiu da caverna. Estava usando seu vestido favorito, o tecido de uma cor púrpura mais vibrante do que jamais havia sido. Seus cabelos castanho-escuros emolduravam seu rosto, caindo em grandes cachos pelas costas. Os lábios carnudos, que ele beijou mil vezes antes, estavam ali na sua frente, esperando para serem beijados novamente.

— É você? — ele perguntou, a olhando da cabeça aos pés. Estava inteira novamente; a ferida havia desaparecido. Não havia corte em seu pescoço.

Eric secou os olhos. Aquilo era mais real do que qualquer sonho.

— Eu estou... ?

— Toque-me e comprove — disse Sara e estendeu seus braços para ele, chamando-o para perto de si.

Eric espiou em volta, olhando para além das árvores. “Não. 4 pensou, lembrando a si mesmo de quem ela era. Aquilo tudo era uma ilusão, uma imagem conjurada pela Floresta Sombria com algum propósito desconhecido. Mas, conforme ele se voltou para Sara, vendo seu rosto doce novamente, não conseguiu resistir. Deu um passo em direção a ela e ficou mais próximo da caverna escura. Ela estendeu os braços para ele.

— Por onde você esteve, Eric? Fique comigo. Venha me proteger...

Alguma coisa a rompeu dentro dele. Lágrimas encheram seus olhos. Lembrava-se do dia tão claramente, quando Sara finalmente chegou à sua casa. Os olhos dela estavam abertos, cobertos por uma fina película cinza. Seus lábios estavam separados. Suas mãos, frias ao toque. Tudo o que ela foi, toda a alegria que tinha dentro de si, havia desaparecido.

— Eu sinto tanto — Eric sussurrou. Sua voz tremia enquanto caminhava em sua direção. — Por favor, me perdoe.

Ela estava muito perto dele agora. Ele queria correr seus dedos sobre a pele macia dela. Queria que ela desse aquela risada doce e animada, senti-la se enroscar ao lado dele na cama, esquentar os pés frios dela em suas panturrilhas. Queria sentir o cheiro do seu cabelo, o suco de limão que ela colocava nele durante o verão ou o maravilhoso óleo de gardênia que ela passava atrás das orelhas.

Os dedos dela estavam quase o tocando, quando algo o golpeou na cabeça. Eric caiu de joelhos e estremeceu de dor.

— Ela não é real! Você está me ouvindo? — alguém estava gritando tão alto que os seus ouvidos doíam.

Olhou para cima para ver a garota, Branca de Neve, segurando um pedaço de madeira. Estava gritando com o rosto em pânico. Apontou para a caverna. Eric olhou para lá, mas o local estava vazio. Ali, na escuridão, viu lobos pretos monstruosos amontoados, seus longos focinhos pouco visíveis na reduzida luz da manhã. Aqueles olhos lupinos amarelos os encaravam. Chutou a terra, se atirando para trás e tentando fugir.

— Ela não é real... — Branca de Neve repetia. — Ela não...

— Eu ouvi você! — Eric gritou. Fitou o lugar em que Sara estivera, momentos antes. Estava tão perto de tocá-la. Tudo o que ele queria era sentir sua pele, seu calor. Pegou a garrafa ao seu lado e bebeu, deixando o último dos goles aquecer sua garganta. Mas nem isso o ajudou. As lágrimas vieram rapidamente e ele virou vara o outro lado, não queria que a garota o visse daquele jeito.



Eles correram por um campo de capim alto e flexível, que alcançava o queixo de Branca de Neve. Ela abria caminho com as mãos e só podia ver a nuca de Eric quando ele chegou ao outro lado do campo. Ele estava esfregando o local onde ela o tinha ferido, O sangue havia secado e seu cabelo havia grudado nele.

Ela o ouviu conversando com alguém para além das árvores. Quando o encontrou, seu rosto estava coberto de lágrimas e suas mãos tremiam, buscando alcançar algo que ela não podia ver.

— Sara — continuava dizendo à medida que dava mais um passo em direção à caverna. Como não vira aqueles lobos monstruosos? Eles tinham três vezes o tamanho de um lobo normal e seus olhos amarelos horríveis brilhavam. Como não ouvira aquele rosnado conforme se aproximava deles? Eles estavam rosnando e mostrando os dentes afiados.

Branca de Neve saiu de trás da grama alta, chutando os talos que grudavam em suas pernas recém-cobertas. Estava grata por ter algo que as protegesse agora.

O caçador não havia se virado para ela desde que tinham deixado a caverna. Não havia falado com ela ou comentado sobre a aparição de sua esposa. Simplesmente continuou andando, cortando galhos e arbustos desgarrados com seu machado.

— Foi por ela que você barganhou, por Sara. A pessoa que falou com você — Branca de Neve começou. Sabia que ele não queria falar, mas não podia fingir que nada tinha acontecido. Ele a tinha visto lá? Que tipo de ilusão havia sido aquela? Estava claro, agora, para ela, que a esposa do caçador não estava sendo mantida cativa. — Sara morreu? — perguntou ela.

O caçador ficou rodando feito um louco, mesmo lugar, e apontou a ponta do machado para ela.

— Nunca mais diga o nome dela — retrucou. Branca de Neve deu um passo para trás, seu coração batendo forte. A lâmina afiada estava quase tocando seu pescoço.

O caçador abaixou seu machado.

— Só não me pergunte nada - com o rosto triste. Puxou a adaga da bainha e a passou para ela, como se quisesse mudar de assunto. Ela balançou a cabeça sinalizando que não, mas ele a apertou em suas mãos.

— Aqui, sinta o peso. Passe de uma mão para a outra.

Ela notou que a adaga era mais pesada do que pensava e que sua ponta era ligeiramente curvada para dentro. Os olhos do caçador estavam fixos nela, vendo como ela a girava em suas mãos e depois a apontou para o chão.

— Agora, segure-a com a ponta voltada para mim.

Seu rosto estava mais sério do que antes. Seu cabelo cor de palha estava escondido atrás das orelhas; a barba, coberta de terra. Ela segurou a adaga apontada acima da cintura dele.

— Por que você...?

Antes que ela terminasse a pergunta, ele se lançou contra ela. Ela recuou, levando a lâmina até a garganta dele. Ele parou bem pertinho dela. Então, sorriu pela primeira vez naquele dia.

— Ótimo. Agora, me diga: qual é seu pé de apoio? — perguntou. Descansou o pé em uma árvore próxima e a observou.

— O que você quer dizer? — perguntou ela. Atrás dele, a floresta estava estranhamente tranquila. Dois corvos os assistiam em um galho baixo. Ele se lançou sobre ela novamente. Instintivamente, ela colocou o pé direito à frente, não o deixando ganhar qualquer terreno dessa vez.

Ele seguia em direção a ela. Ela se inclinou para ele, a adaga em sua mão direita ainda apontada para o seu pescoço.

— Fique longe — disse ele, lhe acenando para se distanciar. — Você é muito pequena para o ataque, tem de se defender. Use a força do seu oponente contra ele. Levante seu outro antebraço.

Branca de Neve elevou o braço esquerdo, seu punho paralelo ao chão. O caçador ainda estava sorrindo, como se aprovasse o que estava vendo. Pela primeira vez, desde que se conheceram, não a desprezava. Parecia mais amável agora, até caloroso, conforme a observava. Adiantou-se novamente e, dessa vez, Branca de Neve sentiu a distância diminuindo entre eles.

— Assim, você vai bloquear e desviar a investida do adversário. Você vai se ferir, mas não vai morrer — falou suavemente, dando mais um passo. — Espere até que eu esteja perto — insistiu ele.

Ela não desviava o olhar do dele. Ainda que o suposto inimigo estivesse indo em sua direção, ele estava se divertindo. Aquela covinha apareceu novamente. A palma da mão suada segurava a adaga e ela tentava manter a concentração.

— Ainda não — Eric sussurrou. — Observe minhas mãos, não meus olhos.

Ela baixou o olhar para o machado. Seus movimentos eram estáveis, conforme ele dava mais um passo em direção a ela. Resistiu ao impulso de assustá-lo de volta com a adaga. — Ainda não — ele repetiu.

— Só se mexa quando sentir minha respiração.

Ele deu mais um passo, depois outro, até que chegou bem pertinho dela. Então sorriu, seus olhos cinzentos a desafiando a agir. Ela não hesitou. Levantou a adaga, a apontou para cima e parou pouco antes de bater no esterno dele.

— Sim! — Eric sorriu. — É nessa hora que você irá cravá-la nele. Até o punho. Mantenha seus olhos fixos nos dele e não a puxe de volta até ver a alma do seu inimigo. Envolveu a mão dela na dele. Segurou a adaga com ela, sorrindo como se ela tivesse feito uma coisa maravilhosa.

A respiração dela ficou mais curta. Puxou a mão, pois não sabia o que estava sentindo quando viu o rosto do caçador tão próximo ao seu.

— Por que está me mostrando isso? — perguntou Branca de Neve.

— Por que agora?

O caçador olhou por cima dos ombros dela. Seguiu seu olhar através do campo, para onde estavam as cavernas.

— É importante que você saiba... — ele cortou a conversa e não disse o que estava sugerindo: que ele era tão vulnerável à Floresta Sombria quanto ela. — Fique com isso — disse, acenando com a adaga.

Branca de Neve a baixou e se sentiu mal só por se imaginar sozinha na floresta. Ela odiava admitir, mas ele era a única pessoa que lhe trouxera conforto até agora. Ele deu um passo por entre as árvores e começou a descer um caminho estreito à esquerda.

— Aonde você está indo? — perguntou ela. Eles deveriam seguir em direção ao norte por mais um quilômetro e meio, e que ele mesmo lhe havia dito.

Eric sorriu para ela, seus olhos cinzentos se iluminando. Era cerca de cinco anos mais velho do que ela, talvez mais. Seu cabelo estava cheio de nós e fedia a bebida. Mas ali, ao lado da árvore, ela viu um lampejo do que ele poderia ter sido antes. Estava mais calmo, quase feliz. Apontou para uma bolota marrom perto de seus pés.

— Estrume — ele deu de ombros.

— Certo. — Branca de Neve riu. Esperava que ele não percebesse o rubor em seu rosto. — O estrume chama.

Ele começou a descer. Branca de Neve ficou ali, observando-o ir, até as costas dele desaparecerem por trás da mata densa.



Ravenna permaneceu no jardim do claustro, esfregando o dorso da mão, onde a pele estava envelhecida e enrugada. Fechou os olhos por um momento e viu o que Finn vira. As visões vieram em flashes rápidos, um vislumbre de um cavalo, uma ferida aberta. Os mercenários estavam atrás dele, abrindo caminho através do grosso mato com suas espadas. Em algum lugar da Floresta Sombria um homem gritou, o som tão estridente que fez o cabelo do pescoço dela se eriçar.

Ela tentou tirar Finn do terreno perigoso, apesar das limitações de seus poderes. Agora que ele estava no interior da Floresta Sombria, ela não podia sentir tão claramente onde estava ou com quem estava. O rosto dos homens não tinha traços. Porém, com o passar das horas, vira a silhueta dele atravessar um pântano e percorrer um campo denso de capim alto e flexível. Estava vivo, a camisa cobrindo a boca e o nariz quando saiu do estupor causado pelo pólen.

Os vislumbres da garota foram o que a assustou. Branca de Neve estava com ele, o caçador, movendo-se em direção aos arredores da floresta. Ela não estava ferida ou mesmo prejudicada pela floresta perigosa. Em apenas algumas horas, eles emergiram da vegetação rasteira. E se Finn não conseguisse? E se a Floresta Sombria o devorasse como fizera com tantos outros? Quem iria recuperar a garota, então?

Ravenna voltou pelo jardim, com passos lentos e deliberados. A grama estava murcha e marrom. Havia apenas uma única flor na macieira, como se todo o castelo fora enfraquecido como ela e agora estava vulnerável ao tempo e à morte. Olhou para a flor rosa-claro, suas pétalas murchando nas bordas. Ela também cairia. A flor murcharia e cairia. A árvore apodreceria de dentro para fora.

Apertou-a entre os dedos, torcendo a flor pelo ramo seco. Ela era tão macia e suave. Então, fechou os olhos, tentando aproveitar os poderes dela, levando seu irmão para mais próximo da garota.

— Encontre-a — sussurrava enquanto as pétalas se desfaziam em sua mão.

Eric caminhou até a orla da floresta, onde as árvores grossas desciam por uma ladeira íngreme. Sinalizou para que Branca de Neve o seguisse. Então, colocou ambos os machados em um lado do quadril e se sentou, escorregando pelo morro lamacento. Tropeçou no final e a dor começou a latejar em seu ferimento. Agora que a bebida havia acabado, sua ferida doía mais do que antes. A cada torção era como se outra espada rasgasse sua carne.

O nevoeiro estava menos denso, porém mal conseguia decifrar a estrutura trinta metros acima, um pouco além de uma pilha de pedras grandes. Moveu-se em direção a ela, subindo em uma pedra para obter uma visão melhor. Um riacho serpenteava entre os bosques. Uma ponte de pedra ligava ambas as margens. Lá, além dela, a Floresta Sombria finalmente terminava. Havia quilômetros de campo aberto em todas as direções.

— Não pode ser tão fácil — murmurou para si mesmo.

Ouviu os passos de Branca de Neve se aproximando por trás.

— Este é o fim da Floresta Sombria? — perguntou ela.

Eric virou para olhar a floresta. As árvores enormes se erguiam acima deles.

— Aparentemente — disse ele, olhando para a ponte. Aquele era o caminho certo, ela sabia disso. Rastrou o veado para o mesmo local. Mas, agora que chegaram, vendo o fim da floresta tão próximo, era difícil de acreditar que tinham conseguido, que o pesadelo havia terminado. Alcançaram o outro lado. Ele olhou para Branca de Neve, o rosto se iluminando com um sorriso.

Ela passou por ele em direção à ponte. Estava praticamente correndo.

— Quão longe fica o castelo do duque? — gritou por cima do ombro com a voz suave e alegre.

Eric correu atrás dela. Penteou o cabelo com os dedos, deixando o Sol tocar sua pele. A Floresta Sombria era tão densa que não sentia o calor do Sol há algum tempo.

— Deve estar a mais de oito quilômetros em linha reta — disse ele, apontando para o bando de pássaros que circulavam no horizonte.

Ela olhou para ele e sorriu. A luz da tarde avançada era filtrada pelas árvores e lançava um brilho rosa em seu rosto. Sabia que Branca de Neve era bonita desde a primeira vez que a vira.

Mas, quando olhou para ela naquele instante, percebeu que estivera alheio a

esse fato. Embora ele nunca fosse admiti-lo, de alguma forma aquela luz a deixara ainda mais atraente. Quando ela desmanchava os nós do cabelo ou quando estreitava os olhos escuros para ele, olhando como se ele fosse o mais terrível homem vivo, não era um jogo de sedução que ela fazia. Seus modos não eram vulgares.

Descansou a mão na costela inferior, grato por ter passado pela pior parte da viagem. Se conseguisse levá-la para aquela aldeia, descansariam por lá. Ele a entregaria em segurança e isso bastava. Não podia cumprir o acordo, Carmathan estava fora de questão. No pior dos tempos, havia roubado suprimentos do duque e vendido os homens dele para os soldados da rainha. Era muito vergonhoso falar aquilo em voz alta, mas isso aconteceu na época em que a bebida era mais importante do que qualquer outra coisa. Assim que Branca de Neve estivesse segura, ele desapareceria nos bosques, quer ela lhe pagasse ou não. Iria embora antes de encarar o duque e seus homens. Ele estaria quite com tudo aquilo e o desagradável acordo que havia feito com a rainha seria parte de seu passado apenas.

Começaram a subir a ponte, seus ombros quase se tocando. O campo se estendia diante deles. A grama ondulava ao vento, atrás dele, o borbulhar do riacho misturado com um som seco e pedregoso. Olhou para trás, à procura de pedras caindo. A ponte parecia estar sempre ligeiramente se movendo. A pedra desmoronou nas laterais. Eric segurou o braço de Branca de Neve, a alertando. Perscrutaram o riacho raso. Havia centenas de carcaças de animais abaixo da superfície da água. Pôde perceber exatamente um crânio de urso e a caixa torácica recém-mastigada de um gamo gigante. Os ossos ainda brilhavam com sangue.

A ponte começou a tremer. Ele sabia o que era: as histórias da Floresta Sombria vindo a ele todas de uma vez.

— Troll! — ele gritou.

A ponte se levantou. Olhos se abriram na lateral de pedra. A besta gigante estava enrolada em uma bola, apenas esperando que eles a atravessassem. Eric agarrou o braço de Branca de Neve e correu em direção ao final da Floresta Sombria, mas ela ainda estava a alguns metros de distância. Eles nunca conseguiriam atravessar em tempo.

O troll se levantou e os lançou pelo ar. Eric bateu com força no riacho raso, esmagando um esqueleto quebrado sob seu corpo. O ar deixou seus pulmões e ele ficou ali, arfando, até que finalmente recuperou o fôlego. Suas roupas estavam encharcadas, a água fria lhe dava calafrios por todo o corpo.

— Você está bem? — perguntou, olhando para a garota. Ela aterrissou na margem lamacenta com a cabeça perigosamente perto de uma pedra afiada.

Não respondeu. Em vez disso, estava olhando para trás e seguindo seu olhar. A enorme criatura tinha quase 20 metros de altura. Seu rosto manchado de cinza se fixou neles. Tinha chifres no alto da cabeça e seus olhos, pequenos, redondos e brilhantes, eram negros como o carvão.

— Corra! — Eric gritou, levantando-se. Branca de Neve disparou na frente dele e ambos voaram pelo leito do riacho. O gigante seguia atrás, balançando os punhos.

Toda vez que o animal dava um passo, a terra tremia. Eric falhou em conseguir seu ponto de apoio, mas logo o troll estava bem atrás dele.

— Vá, saia daqui — gritou para a garota e indicou o caminho rio acima. Se ela voltasse para lá, poderia sair da Floresta Sombria em minutos.

Ela olhou para ele, incerta.

— Apenas vá — gritou e a empurrou. Então, se colocou de frente para o monstro gigante. O troll parou, seus pés repousavam nas duas margens do riacho. Eric sacou os dois machados, empunhando um em cada mão. Não tinha tempo para pensar e correu para o monstro, mantendo os machados direcionados para as pernas dele.

O troll balançou o braço. Eric se curvou e o punho da criatura roçou o alto de sua cabeça. Cravou ambos os machados na perna esquerda do gigante, mas isso não o feriu. A pele do troll era grossa como couro. A lâmina do machado só a marcou e o monstro mal recuou.

O gigante olhou para ele, um som de resmungo escapava da boca. Em seguida, agarrou Eric pela cintura e o atirou ao riacho. Ele bateu no leito lamacento. Virou para o lado direito, a cabeça latejando e seu corpo todo dolorido do golpe.

O troll avançou em sua direção. Eric olhou para o lado, no chão, que agora estava coberto de sangue. O corte abaixo das costelas abriu novamente. Pressionou a mão contra ele, tentando parar o sangramento.

Em segundos, o troll estava pairando sobre ele, seu rosto de pedra perto o suficiente para que seu hálito quente e podre despenteasse seu cabelo. Tinha dentes amarelos que se sobressaíam sobre o lábio inferior. O gigante puxou o punho para trás. Eric fechou os olhos, à espera do golpe final.

— Afaste-se dele! — a garota gritou. Eric abriu os olhos. Branca de Neve estava descendo o riacho, a água espirrando em torno de seus tornozelos. Estendeu a adaga diante de si, como ele tinha lhe mostrado. Parecia tão pequena e patética agora. Não era maior que a unha do polegar do gigante.

— Não — disse Eric em voz baixa, como se algo pudesse fazê-la parar. Seu corpo todo doía. Tentou se levantar, mas a dor era lancinante. O troll se afastou dele, interessado agora em Branca de Neve.

O gigante começou a descer o riacho e chegou até ela. Seus olhos estavam cravados nos dela. Levantou o antebraço. Mesmo à margem do riacho, Eric via que ela tremia. Engoliu em seco, com medo do que a besta faria. Tinha ouvido como trolls esmagavam os crânios de suas vítimas antes de se deleitar com as entranhas. Tiraria sua própria vida antes de assistir ao troll tirar a dela.

Mas o gigante apenas ficou ali parado, seus olhos se estreitando. Cada uma de suas inspirações era elaborada, o fedor delas fazendo Branca de Neve se encolher. O impasse durou apenas alguns minutos. Então, lentamente, ele abriu os punhos. A besta se dobrou para a frente, a cabeça inclinada, observando a figura minúscula diante dele. Branca de Neve nem mesmo vacilava, somente fitava a besta enorme. O troll soltou um ronco baixo, então começou a se afastar dela, descendo novamente o riacho. Chutou uma pedra quando partiu. Eric assistia a tudo, sem saber se aquilo realmente tinha acontecido.

Quando o troll estava fora de vista, Branca de Neve finalmente baixou a adaga. Correu para Eric e o abraçou. Lentamente, ela o ajudou a se levantar. Eric balançou a cabeça. Não acreditava que ela havia sido tão imprudente. O troll poderia ter quebrado seu pescoço com o movimento de um dedo.

— Eu disse para você correr — disse ele, procurando seus olhos castanhos. Seu rosto endureceu.

— Se eu tivesse ido, você estaria morto. Um “muito obrigado” seria o suficiente — ela disse, e ele cambaleou para trás, tentando recuperar o equilíbrio. Então, ela avançou sozinha para a costa rochosa.

— Espere — disse suavemente e olhou para a garota. Um cacho de cabelos pretos caiu sobre os olhos dela. Tinha um arranhão na testa, mas, fora isso, não havia se machucado. Continuou a observá-la, aquela magreza, imaginando o que a fizera ser tão forte. Por que ela se arriscou?

O que a fez voltar para trás com apenas uma lâmina de 5 polegadas para defendê-la? Ele tinha conhecido homens com menos coragem dentro de si.

Branca de Neve cruzou os braços sobre o peito.

— O que foi? — disse com voz aguda.

Ele sorriu, andando lentamente até ela. Pousou a mão sobre seu ombro e, sem desviar os olhos, disse:

— Obrigado.

Parte
Dois



E somente pelo
mais belo sangue
pode ser desfeito...



Viajaram cinco quilômetros cruzando outro bosque, no qual a terra se abria em um pântano. Branca de Neve tirou os sapatos de couro improvisados e deixou seus pés descalços afundarem na lama. Arrastava-se, um passo de cada vez. Eric seguia atrás dela.

Ele havia lhe dito que esse era o caminho para Carmathan. Disse a ela para continuar cruzando o pântano. Mas a cada quilômetro completado, ela ficava mais desconfiada. Não conseguia enxergar a fortaleza do duque. Não via sinais de seus homens. Pensava somente no mapa que ele tinha desenhado e naquela aldeia para a qual Eric havia apontado, o lugar para onde queria levá-la inicialmente.

A água subiu. Branca de Neve levantou a bainha de seu vestido, ou o que restava dela, tentando mantê-la seca. Seus pés chapinhavam pela terra molhada, a lama fria entre os dedos. Observava os peixinhos nadando em volt a de seus tornozelos. Grupos inteiros deles vinham em sua direção para então dispararem para longe, movendo-se conforme ela se movia. Quando finalmente olhou para cima, notou as figuras escuras à frente. Estavam na margem do pântano delineados contra o pôr do sol, com arco e flechas pendurados nas costas.

Era tarde demais para voltar. Branca de Neve manteve a cabeça baixa, esperando que não a reconhecessem. Quando se aproximaram, uma das figuras tomou a frente, o rosto escondido por um capuz preto. A pessoa apontava uma flecha para o peito de Branca de Neve.

— Dizem que apenas demônios ou espíritos podem sobreviver à Floresta Sombria. Qual deles é você?

Eric puxou os machados da cintura e entrou na frente de Branca de Neve, colocando-se entre ela e a figura encapuzada.

— Talvez vocês sejam espiões da rainha? — a pessoa continuou.

— Somos fugitivos da rainha — Eric informou.

Branca de Neve olhou para cima, deixando a figura encapuzada ver seu rosto.

— Queremos dizer que você não corre perigo — arriscou. Descansou a mão no braço de Eric, sinalizando para que abaixasse os machados. Ele a obedeceu.

Então, a figura deu um passo para trás, deixando o capuz cair. A pessoa era uma mulher. Seu cabelo vermelho estava trançado. Tinha feições delicadas e pequenas, um nariz estreito e bochechas salientes. Mas sua característica mais marcante era a cicatriz. A linha grossa rosada percorria o alto da testa, sobre o olho, e ia para baixo pela bochecha direita, parando logo acima do queixo.

Os outros baixaram as armas e tiraram seus capuzes. Eram todas mulheres e todas bonitas. Mas tinham cicatrizes idênticas, no mesmo local, cortando o lado direito de seus rostos.

— Onde estão os homens? — Eric perguntou.

— Foram-se — a mulher de cabelos vermelhos respondeu. Então sorriu, estendendo a mão para Branca de Neve. — Eu sou Anna — disse.

— Bem-vinda.

Algumas horas depois, Branca de Neve se sentou ao fogo, com um cobertor de lã jogado sobre os ombros. Estava usando roupas limpas e secas pela primeira vez em anos. As calças estavam um pouco grandes e a camisa era áspera, mas nunca se sentira tão luxuosa.

Viu quando uma das mulheres mais velhas da aldeia costurou a ferida de Eric. A mulher o enfaixou com tecido limpo, amarrando gaze no local antes de acabar. Eric parecia mais calmo. Seu rosto era belo à luz do fogo.

A aldeia consistia em uma série de cabanas de palha construídas sobre estacas, a água rasa passava por baixo. Anna os levava de barco para sua casa rodeada por uma plataforma de madeira, a poucos metros do pântano. Quando chegaram lá, ela se sentou no canto do deque com sua filha. A menina não tinha mais que 7 anos. As duas trabalhavam lentamente, limpando peixes e, em seguida, os pendurando em um pedaço de barbante para secar.

— Essa é a aldeia, não é? — Branca de Neve perguntou a Eric, mas já sabia a resposta. — Aquela para a qual você pretendia me trazer antes de jurar me levar ao castelo do duque?

Eric baixou os olhos.

— Eu não sei quão calorosa seria minha recepção ao chegar ao castelo de Hammond. — Puxou a camisa, estremecendo quando ela sentou ao seu lado.

— Por quê? — Branca de Neve perguntou. Cruzou os braços sobre o peito, à espera de uma desculpa. Ele tinha mentido para ela. Disse que a levaria ao castelo do duque e não o fez, simples assim.

Eric suspirou. Inclinou-se para frente, colocando as mãos maltratadas sobre o fogo.

— Posso ter premiado alguns dos rebeldes do duque ao longo do caminho. Eu roubo o duque, ele rouba a rainha; um tipo de ciclo de vida.

Branca de Neve quase riu. Ele disse aquilo tão casualmente, sem nenhum remorso. Nunca conheceu alguém tão desprovido de sentimento.

— Eu vou até o duque, com ou sem você. Eric encontrou seu olhar.

— Dei minha palavra. Prometi que lhe entregaria em segurança.

Aqui é seguro, certo? — ele fitou as cabanas em frente a eles. Cada uma tinha um pequeno fogo queimando na varanda de madeira. Mulheres se sentavam umas com as outras, algumas comendo, outras falando sobre a chegada de Branca de Neve.

Branca de Neve olhou para as mãos. Ainda estavam sujas da Floresta Sombria. Havia sujeira incrustada por baixo de cada unha, embora tivesse se lavado. Quando olhou para cima, Eric estava olhando para ela. Segurava algo na palma da mão.

— O que é isso? — perguntou ela.

— É feito da cartilagem do coração de um veado. — Ela deu de ombros, não sabendo que significado aquilo tinha. Ele continuou. — O veado é o animal mais tímido da floresta, e há um osso em seu coração. Alguns dizem que é esse osso que lhe dá coragem quando necessário. É um amuleto de proteção.

À medida que Eric dizia aquilo, seus olhos se enchiam de lágrima. Falava lenta e deliberadamente, como se estivesse tentando controlar suas emoções. Branca de Neve instintivamente sabia que havia sido um presente de Sara. Ele balançou a cabeça e riu.

— Não funciona, entretanto. — Sorriu, prendendo o objeto de volta no bolso.

Nesse momento, Anna trouxe, a passos largos, um prato com peixes.

Colocou-o sobre o fogo e deixou os peixes assarem. O cheiro de trutas encheu o ar. Branca de Neve olhou para a filha dela, Lily, que continuava a limpar o restante dos peixes. Tinha grandes olhos azuis e bochechas cheias. Mesmo sendo marcada como as outras, Branca de Neve não conseguia desviar o olhar.

— Ela é linda — disse, finalmente.

Os longos cabelos vermelhos de Anna haviam se soltado e caíam em torno de seu rosto em cachos pequenos. Ela massageou a testa.

— Esse não é o tipo de coisa a se dizer nesses tempos. O elogio se torna uma maldição. Juventude não se pode alterar, beleza, no entanto...

Os olhos de Branca de Neve se encheram de lágrimas ao pensar em mães gerando cicatrizes em suas filhas para que não se tornassem vítimas da rainha. Tudo isso para que Ravenna não pudesse lhes fazer o que havia feito para Rose.

— Isso me deixa muito triste — disse ela. Anna olhou para Eric e para Branca de Neve.

— Nós temos sacrificado a beleza para criar nossas crianças em paz. E quanto a você, seu sacrifício virá, princesa.

Branca de Neve olhou acusadoramente para Eric. Ele balançou a cabeça.

— Não olhe para mim — disse ele, erguendo as mãos. — Eu não disse nada. Anna inclinou a cabeça.

— Eu sei quem você é. Há notícias de sua fuga. Dois líderes rebeldes de Carmathan foram pegos pela rainha no mesmo dia em que você saiu do castelo. Um sobreviveu e voltou para o duque. — Anna estendeu a mão e tomou a de Branca de Neve. — Prepare-se, minha querida, pois se aproxima o dia em que você deverá fazer o sacrifício de governar esse reino.

— Como você sabe disso? — Branca de Neve perguntou, incerta sobre aquela mulher. Elas se conheciam há algumas horas. Não importava o quanto a mulher a havia ajudado, ainda era uma estranha. Como falava com ela dessa maneira?

Anna olhou para Branca de Neve.

— Eu posso sentir isso. Levantou-se e voltou a limpar o restante dos peixes com Lily.

Branca de Neve sentiu o rosto queimar. Anna não sabia o que estava dizendo, O que importava o que ela sentia? Branca de Neve não era um guerreiro. Iria até a aldeia do duque Hammond e ficaria lá até o fim da guerra. As mulheres nunca haviam lutado no exército, não era permitido.

Branca de Neve se deitou na plataforma, cobrindo-se com o cobertor de lã. Tentou dormir, mas sentiu que Eric a observava.

— O que foi? — finalmente perguntou. Eric sorriu para ela.

— Nada, princesa — disse suavemente. Então, pegou um peixe do fogo e arrancou a carne das espinhas. Pensou no que Anna havia dito. De alguma maneira, aquilo não o surpreendeu. A forma como Branca de Neve o salvou na Floresta Sombria significava algo. Ela tinha uma coragem incomum dentro dela. Se Anna podia sentir isso, como havia dito, era uma história totalmente diferente.

Ele observou a garota finalmente ceder ao sono. Anna e sua filha se retiraram para a cabana de palha, lhe desejando boa noite discretamente. Ficou ali por um longo tempo, com todos os fogos morrendo em torno dele. Logo estava sozinho no escuro.

A rainha procuraria por ele em breve. Havia fugido com sua prisioneira, traído seus homens e ferido seu irmão. Não demoraria até que ela o rastreasse pelos bosques além da Floresta Sombria. Sentindo que a morte estava chegando, ele não queria que acontecesse daquela forma, nos termos dela. Não depois que ela mentira.

Embora fosse possível que Anna tivesse imaginado todo o cenário do “seu sacrifício virá” essa era justamente a desculpa de que ele precisava. Branca de Neve ficaria bem sozinha. Ela o havia salvado duas vezes na Floresta Sombria, tinha a adaga e era inteligente o suficiente para chegar à fortaleza do duque por conta própria. Levaria, no mínimo, mais um dia para que os homens da rainha circundassem a Floresta Sombria.

Ele juntou suas coisas no escuro, colocando os machados em seu cinto. Pegou gaze extra para colocar em sua ferida e outra truta para o dia seguinte. Então, olhou para o rosto de Branca de Neve uma última vez. Seus lábios estavam se movendo no sono.

— Maldição murmurou, odiando não ser tão fácil quanto esperava. Ele não era mais o tipo que gostava de relacionamentos e de todas as complicações que vinham quando se acostumava a ter alguém em sua vida. Era mais fácil viver por conta própria.

Avançou em direção à escada do outro lado da cabana. Então parou, sentindo o peso do amuleto no bolso da calça. Segurou-o com força, se lembrando do dia em que Sara o presenteara. Fora depois que as batalhas começaram. Havia notícias de homens sendo mortos na floresta por ladrões que saqueavam e incendiavam carroças de abastecimento nas estradas.

— Só para garantir — ela disse, pressionando-o na palma da mão dele. Sempre foi supersticiosa.

Olhou-o pela última vez, sabendo que Sara teria desejado que a garota o tivesse. Teria gostado do seu espírito, do jeito que ela parecia estar sempre pensando em algo que não gostaria de compartilhar. E Sara teria sido grata pelo que a garota fizera aquele dia, a coragem que tinha mostrado na Floresta Sombria. Embora odiasse admiti-lo, ele também era grato.

Descansou o medalhão na palma da mão da garota, na esperança de que fosse verdade o que Sara havia dito. Talvez o amuleto realmente funcionasse. Talvez não fosse mera superstição. Ele estava vivo, não estava? Havia sobrevivido à sua perda, apesar de descuidar da própria vida. Havia sobrevivido na Floresta Sombria. Algo o tinha protegido por todos esses anos.

— De qualquer forma — disse, calmamente. Então, desceu a escada e não ousou olhar para trás.



Ouviru-se um grito. Branca de Neve acordou, os olhos lentamente se ajustando à escuridão. Levou um tempo para lembrar onde estava. O fogo estava apagado. Sentiu que algo em sua mão: era o medalhão de osso, o mesmo que Eric tinha lhe mostrado horas antes. Olhou ao redor do deque de madeira e no interior da cabana de palha, onde Anna e Lily dormiam. O caçador tinha ido embora.

Examinou a aldeia, O ar se enchia de fumaça. A casa levantada do outro lado brilhava com uma estranha luz. Duas das mulheres perscrutavam o exterior da pequena janela na lateral, uma delas cobrindo a boca em horror. Branca de Neve circulou o deque, finalmente vendo o que elas viam, O céu estava cheio de flechas incendiárias. Arqueiros estavam posicionados na encosta acima da aldeia, delineados pelo céu estrelado.

Dentro de segundos, a primeira flecha chegou. O míssil de fogo acertou uma casa próxima à de Anna. O teto pegou fogo, as chamas se espalharam e consumiram a pequena estrutura. A mulher mais velha, que havia enfaixado a ferida de Eric, correu para fora da cabana. Seu vestido de linho fino pegava fogo nas costas. Ela tentou tirá-lo, mas era inútil. Enquanto corria, as chamas cresceram e seus cabelos pegaram fogo. Gritou quando pulou do deque de madeira e sumiu no pântano abaixo.

O exército de Finn estava se aproximando. Branca de Neve podia ver seus rostos agora, brilhando à luz do fogo enquanto se aproximavam das margens do pântano. Alguns conduziam seus cavalos pelas águas rasas. Continuaram atirando flechas nas casas. Outros subiram nos barcos, desatracando-os nas águas paradas. Bem abaixo, um homem com uma faca pulou para uma escada de madeira e começou a subir até a cabana de palha. Uma mulher, com uma longa trança, jogou lenha sobre ele do deque e acima, tentando retardar seu progresso. Em seguida, Branca de Neve o avistou. Finn conduzia seu cavalo, que estava atrás das árvores. Ergueu seu arco, lançando uma flecha em uma cabana das proximidades.

— Encontrem-na! — gritou.

Branca de Neve escorregou para trás da cabana, tomando cuidado para não ser vista. Moveu-se rapidamente.

— Eles estão aqui! — gritou, disparando para a sala. Correu em direção a Anna, sacudindo-a para que acordasse. — Os homens da rainha estão aqui.

Anna esfregou os olhos. Olhou para Branca de Neve, incrédula. Quando se sentou, uma flecha atravessou o telhado e se alojou no colchão ao lado da cabeça de Lily. O colchão de lã pegou fogo. Branca de Neve correu para a menina, que dormia, puxando-a da cama e colocando-a sobre o ombro. Estava prestes a correr quando Anna gritou. Branca de Neve virou-se. Atrás dela, em pé no deque, estava um dos homens de Finn. Ele sorriu quando seus olhos se encontraram, revelando um dente da frente faltando. Era tão alto e largo que tomava a porta inteira, tornando impossível a passagem. Então, sem qualquer aviso, ele correu em direção a elas.

Sem pensar, ela arrancou a flecha do colchão e cravou a ponta flamejante na coxa dele, parando de enfiá-la apenas quando encontrou o osso. Ele soltou um grito lancinante e desabou no chão, as chamas se espalhando para as panturrilhas e para a cintura, até que metade do corpo estava queimando. Ele se contorcia de dor.

Branca de Neve o observava, horrorizada. Não conseguia parar de olhar para o rosto deformado. Lágrimas se espremiavam pelo canto dos olhos dele. A cabana se encheu de um fedor de carne queimada. Ele se dobrou ao meio, a fumaça presa em seus pulmões. Por um momento, temeu estar condenada.

Anna a segurou pelo braço.

— Venha — gritou, apontando para a porta. Branca de Neve avançou, voltando-se uma última vez para ver o soldado. Ele arfava, com as mãos tentando dominar as chamas crescentes.

Correram escada abaixo, quase dois degraus por vez. Branca de Neve se jogou no pântano com Lily em seu ombro. A menina começou a chorar quando avançaram pela água barrenta, que alcançava o peito de Branca de Neve. Havia apenas caos ao redor delas. Muitas das palafitas estavam em chamas. Fumaça e cinzas enchiam o ar. Destroços em chamas caíam do alto, mergulhando nas águas rasas do pântano e se extinguindo com um assobio.

Anna apontou para a praia adiante. Algumas das mulheres já haviam chegado lá e agora corriam para as árvores. Branca de Neve as seguia pela lama, movendo-se tão rápido quanto podia. Atrás delas, ouviram os berros e os gritos das outras mulheres. Uma menina mais jovem do que Lily segurava a mão de sua mãe quando elas pularam do deque de madeira. Branca de Neve mantinha os

olhos na margem à frente, não queria olhar para trás.

— Onde ela está? — um dos homens gritou.

Quando finalmente chegaram à terra, suas roupas estavam encharcadas. Branca de Neve avançava, seguindo o restante das mulheres, quando um cavalo cruzou seu caminho. Um dos mercenários pulou dele. O homem era mais pesado do que os outros, com um papo que se derramava sobre o colarinho de sua camisa. Desembainhou a espada e seguiu em sua direção.

— Corra! — Branca de Neve gritou, passando Lily para os braços de Anna. Branca de Neve apontou para o bosque. Se o distraísse, elas teriam tempo suficiente para fugir. Dirigiu-se para onde o homem pudesse vê-la claramente. Segurou a adaga em sua mão direita, tomando a posição que o caçador havia lhe mostrado, um braço para cima e o outro parado, apenas esperando o inimigo se aproximar.

O mercenário veio até ela. Branca de Neve segurou a adaga no alto, olhando em seus olhos negros. “Um...”, pensou, observando-o se aproximar “Dois, três” Quando ele estava a um palmo, ela o cortou com a adaga. Ele se envergou para trás, com uma pequena ferida aberta no peito e riu. Então, deu-lhe um soco no estômago. Ela caiu no chão, não conseguia respirar.

Ele ergueu a espada. Branca de Neve o olhou, ofegante, esperando a lâmina descer em seu pescoço. Então, uma flecha passou zunindo e atingiu o soldado um pouco acima de seu coração. Ele soltou um grito horrível enquanto cambaleava para trás. Deixou cair a espada e não tentou arrancar a flecha.

Branca de Neve se sentou. A três metros de distância, estava um jovem soldado, o arco ainda em suas mãos. Era alto e magro, com queixo quadrado e as maçãs do rosto salientes. Tinha cabelos castanhos ondulados e grossos, que caíam sobre seus olhos, e uma sutil covinha no queixo. Ficou ali, olhando para ela, com um leve sorriso nos lábios. Ela notou a maneira como ele empurrou o arco por cima do ombro, de modo a pendurá-lo nas costas. Havia algo muito familiar naquele gesto. Ela p reconhecera, mas de onde?

A fumaça se levantou em torno deles. O fogo se espalhou para algumas árvores. As mulheres gritavam à medida que corriam em direção às montanhas, O jovem tentou falar, mas Anna correu e agarrou Branca de Neve pelo braço.

— Vamos! — sussurrou. — Não temo s muito tempo. Apontou para as margens lamacentas, de onde os homens de Finn estavam avançando.

Saíram correndo. Uma flecha flamejante caiu no chão ao lado delas. Em

algum lugar, uma criança chorava, os soluços geravam calafrios pelo corpo de Branca de Neve. Ela seguiu Anna pela floresta, correndo tão rápido quanto suas pernas podiam. Olhou por cima do ombro uma última vez, para as árvores que queimavam, mas o rapaz havia ido embora.



Branca de Neve corria tão rápido que mal respirava. Sabia que conhecia o rapaz da floresta de algum lugar. E, da maneira como olhou para ela, tinha certeza de que ele a havia reconhecido também. Mas como?

Correu por entre as árvores segurando a adaga. Anna estava logo atrás dela. Branca de Neve podia ouvir pés batendo na terra. Reviveu a memória de tantos anos atrás. O garoto que havia escalado a macieira com ela, seu arco de brinquedo pendurado nas costas. Era William! Tinha reconhecido traços dele no rosto do jovem. Eram os mesmos olhos cor de avelã, o mesmo sorriso. Finalmente se deu conta de que era ele. Ele estava vivo! Mas o que estava fazendo na aldeia? Como a tinha encontrado?

Branca de Neve fez uma pausa e o ficou procurando na floresta. Anna e Lily haviam ficado para trás. Anna estava debruçada sobre o tronco de uma árvore, tirando um espinho do pé de Lily. A menina chorava. Atrás delas, Branca de Neve via a destruição. O fogo havia se espalhado. A maioria das palafitas estava em chamas. Mulheres corriam por entre as árvores. Melva, uma das jovens, passou segurando o que havia sobrado de seus pertences.

Em seguida, Branca de Neve viu Finn, que a olhava diretamente.

— Ali! — ele gritou para outro soldado. Gesticulou para que o mercenário a cercasse.

Branca de Neve saiu correndo, mas alguém a agarrou por trás. Cortou o ar com a adaga até que ouviu uma voz familiar.

— Por aqui — disse o caçador. Apontou para um caminho estreito entre as árvores, que serpenteava para o alto da colina, a leste da Floresta Sombria. — Vamos! — Eric sibilou.

— Temos de ajudá-las! — ela se soltou dele. O caçador as abandonou, mas ela não podia fazê-lo. Então, correu de volta e ajudou Anna a se levantar. Anna a empurrou.

— Vá — disse ela. Apontou para baixo. Finn estava muito perto. —

Vá, já disse!

Branca de Neve olhou para seus olhos e percebeu que ela estava falando sério. Um mercenário estava correndo por entre as árvores à esquerda. Finn estava se aproximando. Branca de Neve pegou a mão do caçador e ele a puxou pelos bosques, pelo caminho escuro, até a cena de horror desaparecer na vegetação densa.

Corriam por entre as árvores, quilômetros após quilômetros, circundando a margem de um gigantesco lago e depois em direção ao leste, onde a floresta rareava. Quando o Sol apareceu, os sons da batalha estavam muito atrás deles. Branca de Neve parou, as pernas estavam muito cansadas para seguir. Então, se ajoelhou na margem de um riacho raso. Suas mãos ainda estavam tremendo. Mergulhou-as na água fria, tirando o sangue seco de suas unhas. O cheiro de fumaça estava impregnado nela. Ainda ouvia as mulheres gritando, embora a floresta estivesse calma e as aves, silenciosas. Olhou para o caçador e o odiou naquele instante. Ele as havia abandonado. Esgueirou-se na escuridão da noite e as abandonou. As mulheres estavam indefesas contra os homens de Finn.

— Por que você voltou? — perguntou ela em pé, para olhar nos olhos dele.
— Por quê?

Eric cobriu o rosto com as mãos.

— Eu os levei lá — disse calmamente. Fora ele quem trouxe Branca de Neve para a aldeia delas. Achava que os homens de Finn estavam mais longe, os julgou erroneamente. Então, quando subiu o morro, viu a primeira flecha voar. Sentiu o cheiro da fumaça de longe. — Eu sou o único culpado. — Sua garganta estava apertada, era difícil pronunciar cada palavra. Nunca deveria tê-la deixado. Foi exatamente como havia sido com Sara. Fizera uma escolha e, quando voltou, já era tarde demais.

Eric segurou as mãos de Branca de Neve. Estavam tremendo. O rosto dela estava sujo de cinzas e havia respingos de sangue seco no braço. Sangue de quem, ele não sabia.

— Vou levá-la para o duque Hammond — disse. O que quer que enfrentasse no castelo do duque não poderia ser pior do que o que sentia agora, a vendo daquele jeito.

Ela assentiu e não disse mais nada. Eric se deitou na margem e ouviu o som de cascos na floresta. Eles poderiam descansar ali por alguns minutos, mas não

muit o mais. Os homens encontrariam seu s rastros... Fechou os olhos, o esgotamento tomou conta dele. Seu corpo doía muito por causa dos últimos dias. Sua ferida latejava e os pontos beliscavam a pele. Sentia mais dor agora, sem a bebida. Aquele sentimento de torpor havia ido embora. Era uma bênção ou uma maldição? Não sabia.

Olhou para cima, a luz do Sol cintilava por entre as árvores. Uma sombra passou por cima dele. Tentou se levantar, quando alguém o chutou com força. Outra pessoa acertou seu rosto. Vislumbrou pequenas figuras dando-lhe socos, outras batendo nele com galhos de árvores. Todas usavam máscaras de batalha esculpidas em madeira.

— Anões — murmurou, reconhecendo finalmente quem eles eram. Tentou chegar até Branca de Neve, mas uma daquelas coisinhas desagradáveis tinha amarrado uma corda em volta de seus tornozelos. Em segundos, ele estava sendo arrastado pela margem. Eles o levantaram amarrado pelas pernas. O mundo girou em torno de si quando foi pendurado, todo o sangue indo para o rosto.

Quando finalmente parou de girar, notou Branca de Neve no chão ao lado dele. Os braços dela estavam amarrados atrás das costas. Os anões estavam enfileirados na frente dele. Levantaram suas máscaras de batalha grotescas sobre a testa.

— Bom, bom, bom... O caçador canalha — disse Beith. Ele era o líder e o mais difícil de se livrar. Seu cabelo preto e grosso descia na frente, formando um “V” gigante na cabeça.

— Vamos lá, Beith — Eric riu, estreitando os olhos no tampinha. — É assim que você trata um amigo? — qualquer um que tivesse viajado pelo reino conhecia os anões. Eles se escondiam na mata, muitas vezes bêbados, prontos para brigar com quem estivesse disposto. Eric sempre estava disposto.

Beith chegou tão perto dele que Eric podia sentir o cheiro das tripas de sapo em sua respiração.

— Não, sua besta de chifre. — Pegou um galho grosso do chão.

— É assim que trato um amigo. — E bateu-lhe com força na cabeça.

— Pare com isso — Branca de Neve gritou, mas os anões riram.

Eric segurou a cabeça entre as mãos, esfregando o local em que Beith havia batido. Aqueles pequenos roedores tinham pouco mais de um metro de altura: homens atarracados e malcheirosos, com cabelos emaranhados e dentes podres.

Beith tinha uma barba preta amarrada e roupas grandes demais. Segurava as calças com um pedaço velho de corda. Eric avistou Muir, o anão cego, atrás. Nion estava ao lado dele. Era o mais maldoso de todos. Se fosse por ele, o mundo inteiro seria governado por anões e os altos seriam seus escravos.

Branca de Neve tentava tirar a corda que amarrava seus punhos.

— O que você fez para eles? — sussurrou, enquanto os homens consultavam um ao outro sobre Eric.

Eric esfregou o rosto. Estava ficando tonto. Tudo ficava estranho de cabeça para baixo.

— Tentei conseguir uma recompensa por suas cabeças... Algumas vezes.

A garota revirou os olhos.

— Não há ninguém com quem você não tenha agido errado?

Olhou para ela, amando o modo como seu nariz se encolhia quando estava com raiva. Tecnicamente havia uma pessoa: ela. Poderia ter-lhe dito aquilo se Beith não tivesse virado e socado, com força, seu estômago.

— Hoje é o meu dia de sorte! — Beith gritou. — O tagarela que eu mais detesto no mundo, nas minhas mãos...

— É seu dia de sorte, Beith — Eric disse, tentando soar leve. Os homens de Finn estariam ali em breve. Não tinha tempo para discutir sobre quem havia tentado vender quem à rainha. Aqueles eram apenas pequenos detalhes. — Eu tenho ouro suficiente para abastecê-lo de cerveja por um ano. Coloquem-me no chão e eu vou... Nion bateu em sua orelha.

— Cala essa boca fedida, caçador! Se você tivesse alguns tostões, eles já teriam caído de seu bolso.

Eric segurou a cabeça, que agora latejava. Então, gritou:

— Apenas me digam o que eu fiz de errado!

— Primeiro, me diga o que você fez de certo — Beith respondeu. Gotas voavam de sua boca enquanto falava. Atrás dele, o anão mais jovem, Gus, estava olhando para Branca de Neve como se ela fosse a mulher mais bonita que já havia visto. Sorriu, revelando seus dentes amarelos.

Eric apontou para a garota.

- Eu a salvei da rainha. Beith balançou a cabeça.
- Não parece algo que você tenha feito, caçador.
- As pessoas mudam — Eric respondeu. Nion bateu em sua orelha de novo.
- *Pessoas* mudam, porcos lascivos não.

Alguns dos outros anões começaram a discutir. Coll e Duir, que sempre brigavam um com o outro, iam e voltavam, tentando decidir se deviam matar Eric ou deixá-lo amarrado, esperando a morte.

— Vamos espetá-lo e deixá-la apodrecendo! — Duir sugeriu. Eric odiava o tom alegre em sua voz.

— Não! — uma voz gritou atrás deles. Muir, o anão idoso, tomou a frente da situação. Seus olhos estavam cobertos com uma fina película branca. — Ela está destinada — continuou ele. Levantou um dedo para silenciá-los.

Eric se lembrou do homem cego de uma outra visita que fizera à floresta. Os outros ouviam o que ele falava. Beith voltou-se para a garota, a estudando com uma curiosidade nova.

— Você odeia a rainha? — Branca de Neve perguntou, aproveitando a oportunidade. — Meu pai era o rei Magnus.

O grupo se sentou. Eric observava a garota, ela se divertia. Era a mesma ousadia que ela havia demonstrado na Floresta Sombria. Estava começando a se perguntar se havia alguém a quem ela não desafiaria. Beith inclinou a cabeça para um lado.

— Se vocês nos acompanharem ao castelo do duque, serão pagos regimento — Branca de Neve continuou. — O peso de vocês em ouro. Para cada um de vocês.

Duir olhou para Coli de cima a baixo, atentando para seus braços e pernas finos.

— Eu recebo mais do que você — sussurrou, batendo na barriga volumosa.

— Verdade — respondeu Coll e sufocou uma tosse pesada. — Mas por causa de seu tamanho, você come mais e bebe mais, o que custa mais, por isso...

— Tudo bem — Beith interrompeu. — Nós a levaremos, mas o caçador pode

ficar pendurado. — Limpou a garganta e, em seguida, cuspiu uma bola gigante de catarro no chão ao lado da cabeça de Eric.

— Nós dois — disse a garota. Olhou de soslaio para Eric e balançou a cabeça, para o tranquilizar.

Beith coçou a barba preta como se estivesse considerando se a proposta era boa ou ruim. Enquanto esperavam por sua resposta, Duir, um dos anões que Eric tentou vender, apontou para um ponto no horizonte. Eric seguiu seu olhar, percebendo as figuras vindo pelo monte. Era Finn e os mercenários!

— São os homens da rainha, Beith — disse Eric. Contorceu-se e chutou, tentando libertar seus pés. — Melhor decidir mais rápido.

— Um anão vale uma dúzia de altos — Beith rosnou. — Eu que determino meu tempo, obrigado. — Então Beith olhou para o monte. Mais dez homens apareceram a cavalo, suas espadas desembainhadas. Alguns dos anões recuaram, correndo do que viram.

— O que você estava dizendo? — Eric perguntou, estreitando os olhos para o homenzinho. Mal conseguia enxergar.

Todo o sangue havia corrido para sua cabeça, fazendo as têmporas pulsarem.

— Ponha-o no chão — disse Beith, sinalizando para Nion. — Vai logo!

Gus ajudou Branca de Neve a se livrar das amarras. Nion libertou Eric com um golpe de faca. Então, eles começaram a descer o morro, Eric e Branca de Neve seguiam agachados atrás dos anões, para evitar serem vistos.



Branca de Neve olhou para a cúpula gigante da caverna. A água escorria pelas paredes de rocha. Um filete de luz penetrava por um buraco no teto, destacando os grupos de morcegos pendurados lado a lado, dobradas em torno deles. O estrondo de cascos soava acima. O exército de Finn berrava do outro lado da floresta.

— Achei uma corda! — um homem gritou. Então, os cavalos mudaram de direção, galopando até que a floresta ficou em silêncio novamente.

Duir e Coll apontaram para um longo túnel no lado da caverna, sinalizando para que os demais os seguissem. Os anões entraram em fila. Eles se encaixavam facilmente no corredor estreito. Branca de Neve se curvou, tentando ficar pequena, mas os cotovelos ainda raspavam nas paredes. Olhou para trás e viu como o caçador estava espremido.

Os anões os haviam levado para baixo da raiz de uma árvore gigante e entrado na caverna, os ajudando a fugir dos homens de Finn. Conheciam bem o labirinto subterrâneo. Avançavam dando voltas pelo labirinto de túneis entrecruzados, tomando desvio após desvio, até que estavam nas profundezas da terra. Branca de Neve olhou para os trilhos de madeira sob seus pés, percebendo que ali era uma mina. Tentava pensar apenas em colocar um pé na frente de outro e não em... “William. Onde ele está?” Continuou seguindo os anões até que, de repente, o túnel se abriu para um pasto verde.

Lá fora, a luz era tão intensa que ela protegeu os olhos. Uma paisagem cintilante se espalhava diante dela. Cada cor de flor brotava da terra: margaridas amarelas luxuriantes, hortênsias em flor e exóticos botões de rosa enchiam o ar com a mais intoxicante fragrância. E, então, havia som, um zumbido encantador que crescia em seus ouvidos, fazendo-a ter vontade de dançar.

— Maldita música de fadas! — Nion resmungou. Ele mergulhou os dedos no musgo espesso que revestia as rochas, arrancando um grande punhado da substância. Moldou alguns tampões e os enfiou nos ouvidos.

Branca de Neve olhou em volta, absorvendo o cenário deslumbrante. Trepadeiras floridas se enrolavam em torno de árvores enormes, cobrindo-as com exuberantes flores roxas. Borboletas vermelhas e douradas pousavam em seus galhos. Coelho saltavam pela grama alta, disparando em todas as direções. Minúsculas partículas de pólen pairavam no ar em todos os lugares diante dela. Elas eram brilhantes, refletiam a luz e davam a impressão de que até o ar brilhava.

— Que lugar é este? — perguntou, tentando pegar os pequenos pontinhos com as mãos. Gus correu para seu lado.

— Eles chamam isso de Santuário, minha senhora — disse ele, olhando para ela com seus grandes e lacrimejantes olhos cinzentos. Sorriu, revelando seus tortos dentes amarelos. Odiava admitir, mas o rapaz estava se tornando querido por ela.

— A Floresta Encantada. É a casa das fadas.

Branca de Neve virou para o caçador, que estava tão atordoado quanto ela. Ele abriu a boca para falar, mas alguma coisa passou zunindo por sua cabeça, assustando os dois. Branca de Neve estudou a fada minúscula pairando à sua frente. Tinha a pele branca translúcida, orelhas pontudas e suas asas azuis brilhavam sob a luz do Sol. A fada olhou para ele e sorriu antes de sair voando bem rápido, deixando uma trilha de pólen densa em seu rastro.

— Fadas — Gus disse docemente. Estendeu a mão para segurar a mão de Branca de Neve.

Gort chutava a grama alta. Era o mais pesado de todos os anões, com uma barriga cheia que pairava sobre o cinto.

— Pragas — bufou. Em seguida, os anões se dispersaram na floresta para montar um acampamento para a noite.

Branca de Neve e o caçador os ajudaram a cortar madeira para o fogo, enquanto Coll e Duir limpavam a grama alta e os galhos quebrados, deixando um pedaço de chão para que se deitassem. Beith recuperou alguns suprimentos que mantinham escondidos com raízes das árvores trançadas, criando uma pilha desajeitada de frascos, potes amassados e carne seca de raposa. Havia até um violino desgastado. Quando os anões finalmente se estabeleceram em torno do fogo, Gus pôs o violino no ombro e começou a tocar.

— Toque mais alto, seu medroso! — Gort gritou. — Eu ainda posso ouvir aquelas fadas. — E tapou os ouvidos com ambas as mãos. Do outro lado do caminho, Muir se sentou com seu filho, Quert, descansando a mão no ombro do jovem anão. Duir e Coll estavam bebendo cerveja, seus movimentos soltos

enquanto gesticulavam descontroladamente, absorvidos em outra de suas discussões.

Branca de Neve se sentou ao lado de Eric, observando os anões caindo ao redor deles e empurrando uns aos outros enquanto dançavam uma dança selvagem.

Eric riu.

Diz a lenda que os anões foram criados para descobrir todas as riquezas escondidas na terra. Não apenas ouro ou pedras preciosas, mas a beleza no coração das pessoas.

Branca de Neve olhou para ele, perguntando se a frase “a beleza no coração das pessoas” realmente tinha saído da boca do caçador. Olhou para a cintura de Eric. Havia alguns ossos de raposa, mas nenhum frasco de rum ou de outra bebida. Fitou seu rosto, notando pela primeira vez que seus olhos eram claros. Ele falava lentamente e com cuidado, escolhendo as palavras. Fazia dois dias, no mínimo, que não tinha bebido nada.

Eric apontou para Nion. O anão estava tropeçando e cantando uma melodia tão alta nos ouvidos de Gort que o anão se encolhia.

— Pergunte para mim como perderam a habilidade se nunca a demonstraram. Quando a rainha tomou suas minas, ela não tomou apenas seu tesouro... ela roubou seu orgulho.

Branca de Neve analisava os homens. A maioria estava bêbada. Coll e Duir lutavam no chão, apertando a cara um do outro na terra. Gus dançava no ritmo do violino, com o suor escorrendo pelo rosto. Era difícil imaginar qualquer magia dentro deles. Como poderiam trazer o melhor das pessoas quando eles mesmos pareciam tão infelizes?

Quando Quert se ergueu para cantar uma música mais alegre, Muir avançou em direção a eles. Gort segurou a mão do anão cego e o ajudou a alcançar um toco de árvore antiga, onde se sentou para descansar. O anão tinha longos cabelos grisalhos e o rosto enrugado. Tinha de ser, pelo menos, 20 anos mais velho do que os outros. Branca de Neve colocou a mão no joelho dele para que soubesse que ela estava lá.

— Obrigado pelo que houve antes — disse baixinho. — Por me defender.

Muir assentiu. Seus olhos estavam nublados, uma película branca cobria as íris.

— Seu pai era um homem bom. O reino prosperou naquela época. Nosso

povo prosperou.

— Havia mais de vocês? — Branca de Neve perguntou e Muir assentiu.

Gort se encostou no toco da árvore e tomou outro gole de sua bebida.

— Um dia, o grupo que você vê à sua frente desceu na mina para o revezamento de um mês de duração. Gus era apenas um menino. Quando chegamos de volta à superfície, não havia mais nada. A terra estava negra. Tudo e todos estavam mortos. Desapareceram. — E estalou os dedos para mostrar a rapidez com que tinha acontecido.

— Isso foi um mês depois que seu pai morreu — acrescentou Muir. Branca de Neve balançou a cabeça. Lembrava-se daquele primeiro mês também. Ouvia as explosões para além das muralhas do castelo. Incêndios queimavam as florestas. Os soldados de Ravenn a gargalhavam no pátio, se gabando das aldeias que haviam incendiado e das mortes que haviam causado por vingança. Tinha apenas 7 anos naquela época, mas sabia que o reino nunca mais seria o mesmo. Sentia-o na boca do estômago. Ela nunca mais seria a mesma.

Ficaram sentados ali, Muir ao seu lado, até o pôr do sol. Branca de Neve dançou uma melodia mais alegre com Gus, deixando o jovem anão na ponta dos pés. Cantou com Nion e comeu os restos de carne de raposa, desfrutando de sua primeira refeição de verdade depois de um longo tempo. Mas, no final da noite, quando os anões adormeceram, não conseguia parar de pensar no que Muir havia dito antes, lá na floresta. “Ela está destinada.” Era o futuro que Anna havia predito, em que ela iria se sacrificar e conduzir o reino. Quando as palavras saíram da boca de Anna, pareceram muito estranhas. Passou sua vida como prisioneira da rainha, trancada dentro da torre do castelo. Como poderia conduzir alguém? E, mesmo se tentasse, por que alguém a ouviria?

Pensou na aldeia de Anna, em como as mulheres haviam fugido para a floresta, em suas casas em chamas. Lily não conseguia parar de chorar. Agora, depois de tudo o que Branca de Neve tinha visto, era mais fácil acreditar na profecia de Anna. Não podia ver os homens de Ravenna arrancarem outra vida. Não queria ouvir os gritos das mulheres que perderam suas casas ou ver os rostos de crianças com cicatrizes, cortados apenas para que a rainha não as tirasse de suas mães.

Observou a densa floresta ao redor. Flores cresciam em torno do caçador, cujo rosto parecia mais calmo, bonito mesmo, quando ele dormia. Coll e Muir cochilavam com as costas uma na outra, como se estivessem sempre unidas. À medida que a noite caía, mais criaturas emergiam da densa floresta: esquilos, castores e aves coloridas desciam das árvores.

Duas pega-rabudas voaram diante de seu rosto, e suas asas coloridas cintilavam ao luar. Elas se transformaram, em uma fração de segundo, em fadas. Fitou-as, percebendo que haviam sido elas as duas aves que a haviam ajudado quando estava trancada no castelo. Foram elas que a salvaram.

Ela s dispararam para longe, acenando para que as seguisse. Seu doce zumbido encheu o ar. Avançou pela floresta até uma ofuscante luz branca que brilhava nas trevas, um pouco além de uma pilha de ruínas de pedra. Enquanto se aproximava, a magia da floresta se mostrou. Os animais a cercavam, se movendo conforme ela passava em meio às árvores altas. Pássaros voavam. Coelhos e cervos saíam da floresta, seguindo em um grupo enorme atrás dela.

Foi somente de bem perto que pôde ver de onde vinha a luz. Um garanhão branco majestoso estava embaixo de uma árvore gigante. O ar ao redor da criatura brilhava com uma luz dourada mágica.

Branca de Neve se aproximou do cavalo gigante. Ele se inclinou e a deixou tocar sua bochecha. Seus olhos castanho-escuros a fitavam, como se soubessem tudo o que ela estava pensando e sentindo. Pressionou a cabeça contra a dela. Branca de Neve podia sentir a respiração quente do animal em seu pescoço. Ela virou para a floresta, notando pela primeira vez que os anões e o caçador haviam acordado e a seguido. Todos eles estavam atrás dela, vendo a cena por detrás das árvores.

Beith balançou a cabeça em descrença.

— Ninguém jamais o viu antes — disse ele.

— Ele a está abençoando — Muir sugeriu.

— Ela é a própria vida. Ela vai curar a terra. Ela é única.

Branca de Neve envolveu o pescoço do animal com suas mãos e sentiu a mais profunda paz. Ouvindo a profecia agora, ali, estava preenchida com o desejo de agir. Faria qualquer coisa que o reino lhe pedisse. Restauraria a dignidade do trono. Conforme ela acariciava o cavalo, a luz ficava mais brilhante. Partículas de ouro reluzente flutuavam ao seu redor, envolvendo-a.

— Com ouro ou sem ouro — Muir disse aos outros homens. —

Para onde ela conduzir, eu a sigo.

Branca de Neve sorriu e descansou a cabeça no pescoço do cavalo. Quando

foi acariciar aquele magnífico pelo branco, viu algo pelo canto do olho. Uma flecha zuniu pelo ar. Ela veio do alto, perfurando o flanco macio da criatura. O animal gentil empinou de dor e, em seguida, fugiu floresta afora. Todos os outros animais se dispersaram. Os anões viraram, com suas armas em punho. Na colina acima deles, estavam os homens de Finn com as espadas desembainhadas.

Um vento feroz chicoteou por entre as árvores, espalhando sombras escuras onde antes havia luz. Os anões vestiram suas máscaras de batalha e pegaram as armas. Eric sacou os machados de seu cinto, empunhando um em cada mão. Branca de Neve avaliou cuidadosamente os homens de Finn, analisando o rosto de cada um. Então congelou, olhando nos olhos cor de avelã que conhecera quando criança. William estava ao lado deles. Estava em seu cavalo, e sua espada desembainhada. Por que ele estava ali naquele momento? Por que estava lutando com eles?

Não havia tempo para processar aquilo. O bruto que tinha ferido o cavalo branco levantou seu arco, engastando outra flecha. Apontou-a para ela e sorriu. Antes que ela pudesse se mover, William derrubou o homem do cavalo, enviando a flecha em direção à copa das árvores. Gus agarrou a mão dela e a puxou para dentro da floresta, para longe dos homens.

— Vamos! — gritou enquanto o exército de Finn descia a colina.

O zumbido da floresta encantada foi substituído por gritos de guerra. Espadas retiniam. Os cavalos relinchavam. Branca de Neve continuou correndo, com Gus ao seu lado. Olhou para trás. William manobrou seu cavalo por entre as árvores. Ele a seguia, sua armadura brilhava ao luar. Gus passou à sua frente, sua mão apertava os dedos dela com tanta força que doíam.

— Mais rápido! — gritou, saltando sobre galhos caídos e rochas. Mas Branca de Neve mantinha os olhos em William. Ele estava bem perto deles. Libertou-se das garras de Gus e disparou para o mato, esperando lá até que William estivesse ao seu alcance. Assim que ele passou correndo, pulou e agarrou seu braço com as duas mãos. Então, o puxou para trás com força e o derrubou do cavalo. Gus correu para ela. Sacou seu machado, pronto para derrubá-lo no pescoço de William.

— Gus, não! — Branca de Neve gritou. Gus desacelerou seu machado na hora certa. Parou a poucos centímetros da pele de William.

Ela o olhava, reconhecendo seu rosto. Seus cabelos castanhos ondulados eram espetados em centenas de direções, tal como quando ele era criança.

— O que você está fazendo? — perguntou ela. — Eu vi você na aldeia.

— Sou eu — disse ele. William. — Sentou-se, com o peito arfando. Pegou

seu arco do chão e reuniu as flechas na mão.

— Eu sei — disse Branca de Neve com a voz firme. Mal podia acreditar, O menino em que ela tinha pensado por todos esses anos havia retornado. Ele chorou por ela aquela noite, a noite em que eles tinham fugido. Mas estava ali para ajudá-la? — Por que você está com eles? —

perguntou ela, balançando a cabeça.

William estudou a floresta por trás deles.

— Houve notícias em Carmathan de que você estava viva. Thomas e seu filho Jan haviam sido capturados pela rainha. „Thomas estava lá quando você escapou, ele ouviu que você tinha fugido. Eu estava com eles porque eram as únicas pessoas que sabiam como encontrá-la.

— Ela tentou me matar... — Branca de Neve começou, com os olhos cheios de lágrima. Ela ia continuar, mas um galho se partiu nos arbustos próximos. Eles viraram e viram o guerreiro gigante que havia tentado matá-la poucos minutos antes. Dessa vez, a flecha já estava em seu arco. Dessa vez, ele não a perderia.

Ele a levantou e Branca de Neve saiu correndo. Mas havia uma moita densa, que bloqueava seu caminho. Ele deixou a flecha voar. Em um instante, Gus se lançou na frente dela e recebeu a flecha no peito. Caiu no chão aos pés de Branca de Neve, se encolhendo de dor.



Os homens desceram a colina. Um deles galopou em direção aos anões com sua espada desembainhada. Dair se abaixou e a lâmina afiada cortou um tufo de seu cabelo. Outro atirou uma flecha em direção ao pescoço de Eric. Não o acertou, mas passou zunindo ao lado de sua cabeça. Eric olhou para as árvores, procurando apenas um rosto. Então, ele o viu. Finn estava a cavalo, correndo pelos bosques, perseguindo Branca de Neve. Seu cabelo oleoso caía sobre os olhos. Um hematoma havia se formado no rosto dele onde Eric o ferira.

Eric correu atrás dele, seus machados sacados. Terminaria o que havia começado na Floresta Sombria. Enquanto Finn estivesse vivo, Branca de Neve nunca estaria segura. Finn iria segui-la até Carmathan. Travar uma guerra no castelo do duque e queimaria suas terras, não satisfeito até que tivesse o coração da garota.

Correu pelo mato. Sombras se espalhavam ao seu redor, secando as folhas e a grama, murchando as flores e dispersando as fadas pelo céu. As criaturas da floresta desapareceram. As raposas foram para suas tocas, as tartarugas se esconderam sob o musgo. Quando ele finalmente parou de correr, a floresta estava em silêncio. Não via Finn.

Examinou o espaço entre os troncos das árvores, mas era difícil ver alguma coisa na escuridão crescente. Sua respiração se espalhava em uma nuvem diante de si, o ar de repente estava muito mais frio do que antes. Em algum lugar atrás dele, um galho se partiu. Virou e viu o cavalo de Finn sair da floresta. Ergueu o machado, mas o cavalo passou sem o cavaleiro.

Eric o observou desaparecer por trás das árvores, percebendo, tarde demais, que era um truque. Finn avançou para fora da floresta atrás dele e desceu a espada, mas Eric se esquivou, e a lâmina arranhou seu braço. Seu bíceps deu uma fígada. Olhou para a ferida, o sangue caía sobre a grama murcha.

Eric não hesitou, baixou seu machado e correu para ele. Finn puxou um

galho de árvore para trás e o soltou. O galho enorme ricocheteou no peito de Eric e o jogou contra um carvalho enorme. A parte de trás de seu crânio se encontrou com o tronco gigante, quase o nocauteando. Mal conseguia se mover. Sua respiração estava curta e dolorosa. O sangue escorria pelo braço e se espalhava pela camisa.

Observava o rosto de Finn. A doninha sorria, parecendo mentalmente perturbada e satisfeita. Devia estar amando vê-lo assim, com sua energia sendo drenada e uma ferida jorrando em seu braço. Estendeu a mão para os machados, mas eles haviam caído de sua cintura. Repousavam no chão a poucos metros de distância.

— Eu capturei muitas garotas — disse Finn, seguindo em frente. —

Mas sua esposa foi especial.

Eric se levantou, uma onda de energia o revigorava.

— O que você disse? — perguntou. Olhou os machados no chão, sabendo que não poderia recuperá-los sem ficar vulnerável a um novo golpe. Finn olhou de soslaio.

— Ela lutou. Quando ficou claro que havia acabado, ela implorou. Você devia saber que ela chamou por você. Sua Sara.

Eric mal conseguia respirar. A raiva ardente lhe deu forças. Finn estava mentindo, ele não estava lá. Pensaram que fosse um dos saqueadores de outra aldeia. Foi o que lhe disseram em seu retorno. Então, por que Finn estava contando a história de outra maneira? Por que estava brincando com ele agora?

— Como você sabe o nome dela? — Eric gritou. Olhou sobre o ombro de Finn, mirando em uma árvore caída. Suas raízes mortas se eriçavam do solo. As sombras a haviam matado de dentro para fora, tornando as raízes secas e cortantes. Pareciam lanças de madeira pontiagudas com as quais Eric costumava caçar.

— Ela me disse — Finn sibilou. — Pouco antes que eu cortasse sua garganta.

Isso era tudo o que Eric precisava ouvir. Descontrolou-se, suas lembranças iam voltando todas de uma só vez. O pescoço dela, aquele belo pescoço que tantas vezes acariciou, havia sido aberto com um corte, crostas de sangue pretas se formaram ao redor do ferimento. Ele correu suas mãos por cima do vestido dela e sentiu outro corte logo abaixo das costelas. Continuou a olhar para seu rosto, se perguntando que tipo de monstro poderia machucar uma mulher como aquela. Que tipo de homem covarde e sem alma poderia tirar a vida de Sara?

Agora ele sabia.

Avançou em Finn, não se importando com a espada levantada em sua mão, que tinha a lâmina afiada o suficiente para decapitá-lo. Só abaixou seu ombro enquanto corria, desferindo um golpe no meio do abdome de Finn. Eles voaram para a árvore. Finn caiu sobre as raízes com muita força, as raízes afiadas cravavam-se em sua pele. O bastardo uivava em agonia.

Seus gritos só aumentaram a raiva de Eric. “Este homem matou Sara não parava de pensar enquanto empurrava os ombros de Finn para baixo, espetando-os sobre as raízes da árvore gigante. Não parou até que elas romperam a frente da camisa de Finn. Finn se contorcia em agonia, tentando se libertar dos galhos, mas Eric o empurrava para baixo.

— Irmã! — Finn gritou. Derrubou a cabeça para trás. — Me cure, irmã!

As sombras giravam em torno deles. A fumaça preta se enrolava em torno das extremidades da árvore afiada, tentando curar suas feridas, mas era impossível. As raízes as mantinham abertas. Finn sangrava, os cortes estavam em carne viva.

Ainda assim, a nuvem negra circulava.

— Irmã? — Finn engasgou. Eric não soltou os ombros dele. Continuou o empurrando para baixo, vendo-o morrer, as lágrimas escapando do canto dos olhos. Aquele homem tomou sua mulher. Será que ele seria capaz de amar alguém tanto quanto a amara?

Conheceu Sara um dia em uma festa da aldeia. Pequenos botões de rosa estavam aninhados em seu coque trançado. Ela estava dançando. Foi sua risada que ele mais amou, aquela risada que havia enchido o ar e alcançado todos ao redor dela.

— Você a matou — sussurrou e viu que a luz deixava os olhos de Finn. — Você matou minha mulher.

Quando Finn finalmente se foi, com seu corpo mole contra as raízes da árvore, Eric se afastou. Não se sentia poderoso ou valente. Não estava satisfeito consigo mesmo ou muito feliz com o que tinha feito. Mas havia um consolo na morte de Finn. E não era a seu favor, pela primeira vez. Eric pensava em Branca de Neve. Talvez a morte de Finn indicasse que Branca de Neve poderia viver livre

agora. Talvez ela pudesse viver em paz em Carmathan.

Quando voltou para a floresta, os homens de Finn estavam todos mortos. Os anões, guerreiros ferozes, cuidaram deles um a um. Eric focou em Branca de Neve e os outros estavam aglomerados em torno de alguém. Ao se aproximar, pôde ver que era Gus, o mais novo. Seu rosto estava pálido. A flecha ainda estava alojada em seu peito, logo acima do coração.

Eric olhou em volta, contando os outros anões para ter certeza de que estavam todos lá. Foi quando notou um jovem agachado entre eles. Não devia ter mais de 17 anos. Eric poderia jurar que o reconheceria, embora não tivesse certeza de onde.

— Quem é ele? — perguntou.

O garoto se levantou. Estufou o peito como um pássaro bobo, tentando desesperadamente parecer maior do que era.

— Meu nome é William — disse ele. — Sou filho do duque de Hammond.

Eric balançou a cabeça. O duque. O covard e que estivera escondido em Carmathan todos aqueles anos. E claro que aquele era seu filho.

— O que o filho do duque estava fazendo correndo com os homens da rainha? — perguntou, buscando uma resposta entre os anões. Coll e Duir estavam ao lado de Gus, chateados demais para falar alguma coisa.

William deu um passo adiante.

— Eu estava procurando pela princesa.

— Para quê? — Eric ladrou. Eles tinham problemas suficientes com as coisas do jeito que estavam. Não precisavam de algum aspirante a soldado grudando neles.

William pousou a mão na manopla da espada.

— Para protegê-la.

Eric não conseguiu segurar o riso.

— A princesa está bem protegida, como você pode ver. —

Gesticulou ao redor para os sete anões, apontando para suas armas.

William olhou Eric de cima a baixo.

— E quem é você? — desafiou.

— O homem que conseguiu trazê-la tão longe, Vossa Senhoria. — cuspiu as palavras para ele, odiando o tom do garoto. Era uma criança. Eric se aproximou, ficando a poucos centímetros de seu rosto.

Branca de Neve olhou para ele. Sua mão estava descansando no peito de Gus, com o rosto riscado de lágrimas.

— Deixe-o em paz, caçador — disse suavemente. — Ele é nosso amigo.

Branca de Neve baixou a cabeça, as lágrimas ensopando a camisa de Gus. Eric deu um passo para trás, com o rosto nas mãos. Os anões começaram a cantar uma canção fúnebre. Suas expressões eram tensas e tristes enquanto cantavam. Cantavam canções de amor e amizade, de vida e de morte, em voz alta. Suas canções encheram a floresta. Nada podia aquecer o ar. Os animais não saíam de baixo da terra. As fadas haviam desaparecido. A nuvem negra que havia descido sobre eles ainda permanecia ali, circulando-os em colunas escuras e retorcidas.

Quando a música terminou, Coll e Duir trouxeram braçadas de madeira para queimar na pira funerária. Quert colocou pedras no chão em um grande retângulo, fazendo uma cama para Gus repousar. Moveram seu corpo minúsculo, empilhando os galhos em cima dele e cruzando-os até que ele desapareceu sob a madeira. Beith trabalhou com um pedaço de sílex para acender a pira.

Ficaram ali, todos juntos, assistindo enquanto ela queimava. As chamas cresceram. Os galhos estalavam) pipocando enquanto eram engolfados. Alguns dos anões choravam. Quais deles, Eric não sabia. Tudo o que ouvia eram os soluços de Branca de Neve, sua tristeza que provocava arrepios em sua coluna. Continuou olhando para ela, desejando tomar a dor dela para si. Mas, conforme a noite caía, a tristeza deles só crescia. Aquele não era o fim da batalha, era apenas o início, pois sua rainha má e demente ainda estava viva.



Ravenna estava deitada na cama estudando o dorso da mão. Havia retornado ao normal, as manchas de idade marrons haviam sumido e a horrível pele enrugada estava, agora, firme e suave. Descansou seus dedos delicados no peito, tentando diminuir sua respiração. Uma hora inteira se passara desde que Finn morrera. Esse foi o tempo mais longo que levava para se sentir jovem novamente.

Duas garotas. Não uma, duas. Consumira-as de forma rápida e voraz, sugando a energia de suas bocas doces e pequenas e sentindo que a juventude delas a preenchia das pontas dos dedos dos pés até o alto da cabeça. Sua força havia retornado. Mas mesmo sua beleza, a suavidade de seus cabelos e sua pele de porcelana não eram suficientes. A dor ainda a dilacerava por dentro. Um vazio havia tomado o espaço entre suas costelas. Sentiu como se alguém tivesse escavado seu interior.

Seu único irmão. O que ela significava para ele, e ele, para ela? Eram os dois únicos sobreviventes que se lembravam daquele dia no acampamento quando as tropas do rei invadiram as carroças. Eles fugiram juntos para a floresta, escondendo-se de todos. Finn era a única pessoa que conhecia o rosto de sua mãe.

Estava no banho, deixando o leite suave cobrir cada centímetro de sua pele, amaciando-a, quando ouviu o primeiro grito dele. O grito estridente ecoou dentro dela como se ele estivesse ali. Ela se contorceu, sentindo as raízes afiadas da árvore cravando em suas costas. O caçador segurava seus ombros quando segurava os de Finn, a empurrando contra as estacas de madeira. Sentiu o tecido mole dentro do peito se rasgando. A dor a dilacerou; foi tão forte que os dedos dos pés se dobraram e as mãos se fecharam em punhos apertados.

Tentou salvá-lo com todas as suas forças. Convocou todo o poder que sua mãe lhe dera e o canalizou para Finn, tentando lhe dar forças para lutar. Quando viu que isso não tinha funcionado, tentou fechar suas feridas. Mas, com as raízes da árvore em sua carne, era um esforço inútil. Lentamente, a cada segundo que passava, ficava mais fraca. Seu corpo envelheceu. Seu cabelo ficou branco. A pele do seu rosto ficou enrugada e flácida.

— Perdão, meu irmão — sussurrou quando viu que as feridas levariam a vida de ambos. Teve de cortar sua conexão com ele. Não podia mais lutar.

Ela tamborilava os dedos no peito, sabendo o que tinha de ser feito. Estava sozinha. Ninguém além de seu próprio irmão caçaria a garota na Floresta Sombria, nem lutaria com o caçador e com aqueles anões desagradáveis. Agora, se ela ainda queria o coração da garota, teria de consegui-lo com suas próprias mãos...

Levantou-se, um encantamento silencioso se formava em seus lábios. Falava tão baixo que as palavras eram quase inaudíveis, saindo como um zumbido baixo e desigual. Fora do castelo, os pássaros gritavam nas árvores. O primeiro corvo desceu e se chocou, com um baque muito alto, contra a janela. Uma pequena rachadura se espalhou ao redor do ponto onde o pássaro havia batido, enfraquecendo o vidro.

Em segundos, outro pássaro apareceu entre as árvores. Bateu na mesma janela, quebrando seu bico com o impacto. Outro pássaro repetiu o movimento, depois outro, até que o vidro se despedaçou com seus cacos se dispersando pelo chão de pedra. Os primeiros pássaros do bando entraram na sala do trono. Voavam fazendo a grande curva das paredes, voavam em volta de Ravena em uma revoada gigante. Mais pássaros

vinham das árvores pela janela quebrada, até que ela desapareceu debaixo deles. Seus braços foram levantados e sua cabeça tombou para trás. Se alguém conseguisse vê-la por entre a horrível massa negra de penas, saberia que ela estava sorrindo.



Um dia se passou e ninguém pronunciou o nome de Gus. Haviam passado por quilômetros de colinas áridas, cruzado riachos rasos e caminhado por canteiros mortos. Os anões conduziam à frente, o caçador e William os seguiam atrás. O Sol estava se pondo quando chegaram à base das montanhas rochosas. A fortaleza do duque estava no vale além delas. Seriam não mais de dois dias de caminhada.

Branca de Neve seguia atrás de Coll e Duir. Mantinha os olhos no chão, incapaz de acreditar no que havia acontecido. Lembra v a -s do rosto de Gus quando ele fora deitado sobre as folhas secas. Sua respiração estava rouca e curta até que, aos poucos, parou. Havia se sacrificado para que ela pudesse viver. Agora, vendo o resultado, desejava que ele não tivesse feito aquilo. Desejava que tivesse sido a única a receber aquela flecha. A culpa que sentia era insuportável. Naquelas últimas horas, se perguntava o que os outros anões pensavam. Será que eles a culpavam? Será que eles secretamente desejavam nunca terem se deparado com ela aquele dia na floresta?

Enxugou os olhos, tentando fazer com que a imagem de Gus saísse de sua cabeça. Levou um minuto para perceber que William estava ao seu lado. Ele olhava para ela com o rosto cheio de preocupação.

— O que foi? Branca de Neve perguntou, sentindo que algo estava errado.

William relanceou para o caçador, avaliando quão longe ele estava.

— Eu sinto muito — disse, quase sussurrando. — Eu sinto muito tê-la deixado para trás. — Esfregou a testa, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Você não me deixou. — Branca de Neve suavizou e segurou a mão dele.

William balançou a cabeça.

— Se soubesse que você estava viva, eu teria chegado mais cedo.

Os anões avançaram pela floresta. Coll e Duir derrubaram suas mochilas atrás de algumas pedras. Os outros os seguiram, montando acampamento. Branca de Neve fez uma pausa e olhou nos olhos cor de avelã de William. Nem uma única vez, em todos aqueles anos na torre, ela o havia responsabilizado pelo que tinha acontecido. Quando a solidão a deixava quase louca, quando não podia suportar as baratas subindo pelas paredes ou o som das explosões a distância, pensava nele. Ele estava lá com ela. Essas lembranças eram a única coisa que a mantivera viva.

— Nós éramos crianças, William — disse. — Você está aqui agora. -

— E apertou sua mão.

Branca de Neve olhou para o acampamento. Os anões arrastavam galhos caídos e ramos velhos e faziam uma pilha. Trabalhavam em silêncio, sem se olharem, a tristeza ainda sobre eles. Caminhou em direção a eles, gesticulando para William segui-la. Não era bom olhar para trás, pedir desculpas pelo que havia acontecido ou se perguntar o que poderia ter sido diferente. Quem poderia dizer o que qualquer um deles deveria ter feito? Ela esteve se torturando, pensando no ataque de ontem. Qual a utilidade daquilo? Tudo o que ela sentia era um nó doloroso na boca do estômago.

Ajoelhou-se ao lado de William, arrancando o musgo seco para usar como isca para o fogo. Ele fez o mesmo, trabalhando em silêncio com as mãos, o rosto mais suave do que antes. Branca de Neve olhou para o céu escurecendo. Corvos circulavam acima. Ainda tinham mais um dia ou dois até chegarem a Carmathan, e Ravenna viria atrás deles, em breve. Eles tinham de olhar para frente e à frente.

Branca de Neve se sentou na beirada do acampamento, ouvindo o coro de roncos atrás dela. Os anões havia m caído no sono rapidamente, assim como William e o caçador. No entanto, horas depois, Branca de Neve ainda estava acordada, uma sensação desconfortável a dominava. Examinou a floresta. O Sol estava surgindo no horizonte, preenchendo o céu com um estranho brilho laranja. Será que Ravenna já sabia que Finn estava morto? Ela podia senti-lo? Branca de Neve pensou novamente em Rose. Seu rosto estava enrugado e com manchas de idade, os ombros curvados para frente. Ravenna tinha poderes que ninguém mais tinha. Quanto tempo havia até que a rainha a encontrasse?

As folhas farfalharam atrás dela. Empertigou-se, sentindo a adaga em seu cinto. Colocou os dedos em volta do cabo e a girou, apontando a lâmina para frente. William apareceu diante dela. Seu cabelo castanho estava bagunçado pelo

sono.

— Sou só eu — disse ele. Levantou as duas mãos até que ela baixou a adaga. — Venha. Caminhe comigo. — Eles se afastaram do campo, se certificando de que o caçador estava fora do alcance da voz. Tentou arrumar o cabelo para baixo, enquanto caminhavam.

Logo estavam no meio da floresta, completamente sozinhos. As bétulas prateadas se levantavam ao redor deles. Um pouquinho de neve cobria a terra.

— Até aqui, é como se nada tivesse mudado, O mundo parece bonito novamente — disse ela, balançando a cabeça. Sua voz estava mais calma agora que William estava ao seu lado. Sentia-se um pouco menos sozinha.

— Ele será. Quando você for rainha — disse. Branca de Neve o olhou, sem saber por que dizia aquilo. Por que todos estavam tão certos de que ela poderia derrotar o exército de Ravenna? Eles não haviam visto a magia de Ravenna? — O povo desse reino odeia Ravenna com todas as forças — explicou.

Ela balançou a cabeça. Lembrou-se do que Ravenna havia no dia do casamento, como estavam unidas.

— É estranho... — Branca de Neve começou. — Mas eu apenas sinto pena dela.

William olhou de soslaio, curioso.

— Assim que as pessoas descobrirem que você está viva, elas se levantarão em seu nome. Você é a filha do rei e a legítima herdeira.

— Como vou fazer isso? Como faço para inspirar as pessoas? — disse Branca de Neve, balançando a cabeça. — Como faço para conduzir os homens? — Gus estava morto por causa dela. Pedira aos anões para levá-la a Carmathan. Como poderia ser responsável por tantas vidas quando já havia falhado com um homem?

William sorriu.

— Da mesma maneira que me conduzia quando crianças. Eu a seguia para todo lado, corria quando você chamava. Teria feito qualquer coisa por você. — Fitou-a intensamente.

Ela virou, sentindo o calor aumentando em seu rosto.

— Não é dessa maneira que eu me lembro. — Não era ela quem havia seguido William até a macieira naquele dia? Ele estava sempre brincando com ela,

lhe dizendo para correr mais rápido, reclamando que ela não era um menino. Queria alguém com quem escavar rochas e alguém para perseguir pelo pátio do castelo. — Eu me lembro de que estávamos sempre discutindo. E lutando, e... — ela teria continuado, mas ele estava olhando para ela tão intensamente, os olhos procurando algo invisível em seu rosto.

Ele se inclinou para tão perto dela que ela podia sentir a respiração dele em sua pele. Ele sorriu, seu rosto corado. Seus lábios estavam a poucos centímetros dos dela. Então, puxou algo do bolso e segurou entre eles. Branca de Neve olhou para a maçã. Sua casca não tinha sequer uma marca. William a aproximou dela, com um sorriso travesso atravessando os lábios.

— Eu conheço esse truque. — Branca de Neve riu, se lembrando do que acontecera muitos anos antes.

— Que truque? — William perguntou. Ergueu a maçã a apenas alguns centímetros do rosto dela, a desafiando a tomá-la dele.

Branca de Neve sorriu. Depois de todos aqueles anos, ele se lembrava. Perguntou-se se ele pensava nela tanto quanto ela pensava nele. Talvez, de certa forma, aquelas memórias também o mantivessem vivo. Arrancou-a de suas mãos. Antes que ele pudesse recuperá-la, ela mordida a pele fina, deixando o doce suco escorrer por sua garganta.

Os olhos de William se estreitaram. Havia algo estranho em seu sorriso. Ele a observava, assistindo-a mastigar, rindo enquanto ela engolia. Ela sentiu uma forte dor no peito. Algo estava terrivelmente errado. Enquanto arfava para respirar, William a observava, seu rosto ainda mais familiar do que antes. Ela tropeçou e caiu, desabando na neve.

Seus membros ficaram dormientes. Olhou para o céu, tentando mover seus dedos. Era inútil. Seu corpo parecia feito de chumbo. Não conseguia nem piscar. O rosto de William apareceu em seu campo de visão, os cabelos caindo sobre os olhos, que agora brilhavam com um azul brilhante. Percebeu de imediato que não era William; de fato, era ela. Ravenna finalmente a havia encontrado.

— Veja, criança disse Ravenna. O rosto de William mudou, revelando os lábios cheios que Branca de Neve havia admirado quando criança e o pequeno e delicado nariz de Ravenna. — Pelo mais belo sangue isso foi feito e somente pelo mais belo sangue pode ser desfeito. Você era a única que poderia quebrar o feitiço e acabar com minha vida, e a única pura o suficiente para me salvar.

O coração de Branca de Neve batia em seus ouvidos. As roupas de Ravenna voltaram ao que eram. Usava um manto negro coberto com penas de corvo que

farfalhavam ao redor de suas maçãs do rosto salientes em um colarinho alto. Pôs a mão por dentro do manto, recuperando um punhal cheio de joias. Então, o fez correr ao longo do peito de Branca de Neve, marcando o local onde seu coração estava. Branca de Neve abriu a boca para gritar, mas nada saiu.

Ravenna se inclinou. Pressionou os lábios contra o ouvido de Branca de Neve.

— Você não percebe quão sortuda é. Você nunca saberá o é envelhecer.

A o longe, Branca de Neve ouviu o som de passos esmagando a neve. Ravenna olhou para cima, alarmada. Levantou o punhal sobre o peito de Branca de Neve, a ponto de conduzi-lo através de seu esterno, mas, então, instantaneamente, se transformou em uma massa densa de corvos. O céu acima de Branca de Neve se encheu deles. Os pássaros negros circulavam em uma grande revoada, voando ao redor de seu corpo. Penas ensanguentadas caíam no chão. Alguns crocitavam alto. Outros voavam entre as árvores. Branca de Neve podia ver os machados do caçador cheios de sangue passando através da massa.

William apareceu, golpeando os pássaros com sua espada. Os corpos sem vida caíam na neve ao seu redor. Os anões vieram correndo também, ouvindo os gritos de Eric e William. Os homens continuavam oscilando suas armas no ar até que todas as miseráveis criaturas haviam ido embora. A visão de Branca de Neve ficou turva e seus cílios se moveram. Ela os ouvia chamá-la, vozes pareciam mais distantes agora, as palavras fluindo em um estranho e baixo murmúrio.

William se ajoelhou ao lado dela. Embalou sua cabeça nas mãos. Ela não podia sentir os dedos dele em sua pele. A boca dele se movia, mas não ouvia as palavras. Fixou seu olhar no rosto dele, observando sua tristeza.

Ele a beijou. Ela não podia nem mesmo sentir seus lábios nos dela. Era como se ele estivesse beijando alguém enquanto ela observava de longe. Ele a puxou para si e os lábios dele formaram seu nome, chamando-a outra vez, e esmagou a boca contra a dela novamente. Mas aquilo não surtiu efeito.

Ela deixou o mundo tão rápido quanto veio para ele, e a imagem diante dela se tornou negra.



Eric ficou parado na porta da tumba fria, uma garrafa na mão. Era estranho ver a garota daquele modo, silenciosa e imóvel, com os braços cruzados sobre o peito. Ela repousava sobre o bloco de pedra como se estivesse apenas descansando ali pela noite, desfrutando de um longo sono. Se não fosse por seu rosto pálido e os lábios frios e roxos, nunca saberia que ela estava morta.

Então, havia chegado até ali depois de tudo. Manteve sua promessa, apesar de tudo, e a levava ao castelo do duque. Nunca imaginou chegar ali daquele jeito, no entanto. Eles a carregaram pela neve até a fortaleza, entregando-a finalmente para o duque. O garoto, William, explicou ao pai o que havia acontecido. Ravenna a tomara deles. De alguma forma, ela passara por eles durante a noite. Entrou no acampamento onde dormiam e a matou. De alguma forma, eles não haviam notado a presença dela até que fosse tarde demais.

Eric tomou outro gole da bebida, apreciando o ardor familiar na garganta. Tinha visto a fila de enlutados no castelo do duque. Mães trouxeram seus filhos para vê-la. A princesa, que acreditavam estar morta, havia sido tomada deles mais uma vez. Alguns homens adultos passaram por ela com lágrimas nos olhos. Ajoelharam-se diante do corpo e oraram. Ela representava algo para eles, e isso poderia ser afirmado por toda a tristeza que sentiam. Não conheceram a filha do rei, nunca haviam visto seu sorriso e não haviam apreciado o olhar feroz que ela tinha caso alguém ousasse desafiá-la. Sua morte também era um fim para eles.

O duque havia dito ao seu filho que não retaliaria. Não haveria guerra em honra de Branca de Neve. Era um covarde, como Eric sempre havia pensado. Quantas pessoas mais teriam de morrer pelas mãos da rainha antes que ele atacasse? Qual era o objetivo de um exército, ainda que pequeno, se não lutar?

Eric deu um passo em direção à garota, bebendo até a última gota de álcool, desejando que aquilo anestesiasse sua dor.

— Aqui está você — disse, sua voz ecoando na câmara fria. — Onde isso termina. Tão belamente vestida. — Estava em cima dela, percebendo a rigidez de seus dedos. Era quase insuportável vê-la daquela maneira, tal como Sara havia

estado. Tão drenada de toda a realidade. Branca de Neve estava exatamente ao lado dele quando ele foi dormir. Viu que ela descansara contra a pedra, perdida em seus pensamentos, suas mãos penteando os cabelos emaranhados. Vira-a pouco antes de morrer.

Como ele não ouviu Ravenna? E por que ela não tinha vindo atrás dele em primeiro lugar, o homem que matou seu irmão? Odiava a si mesmo por ter deixado aquilo acontecer. Havia acordado com a sensação de que algo estava errado. Retirou-se para a floresta. Voou pelo campo de bétulas prateadas, vendo Ravenna pairando sobre ela. Ela mudou de forma assim que ele a golpeou com o machado.

— Você está dormindo. — Ele tentava compreender aquilo desesperadamente, tomando mais um gole do cantil. — Prestes a acordar e me dar mais dor. Estou certo?

Estendeu a mão, deixando-a pairando logo acima dela, incerto se poderia fazê-lo. Lentamente, voltou sua palma para baixo, sentindo quão fria ela estava. Pegou a manga dela, atentando-se ao vestido rosa coberto de contas que lhe haviam colocado. Era cheio de babados e muito feminino. De alguma forma, sabia que ela teria odiado tudo aquilo.

Engoliu em seco. Ela não gostaria que ele se transformasse em algum porco estabonado, não depois de tudo o que enfrentaram juntos. Não depois dela.

— Você merecia algo melhor — disse suavemente. Estudou seu rosto. Seu cabelo negro havia sido penteado em cachos. Alguém havia colocado uma rosa atrás da orelha, que estava murchando.

— Ela era minha esposa — disse ele, falando como se ela estivesse viva. As palavras vieram mais fáceis com a bebida. — Essa era sua pergunta que ficou sem resposta. O nome dela era Sara. Quando voltava das batalhas, eu carregava comigo o cheiro da morte e a ira. Eu não era digno de salvação, mas ela me salvou. Eu a amava mais do que qualquer coisa ou qualquer pessoa. Eu a deixei fora da minha vista e ela se foi.

Ele abaixou a cabeça.

— Voltei a pensar em mim mesmo novamente. E nunca me cuidei. Até conhecer você. Você me faz lembrar dela. Seu espírito, seu coração. E agora você também se foi. — Vacilou sobre as palavras, sentindo o nó aumentar no fundo da garganta. — Vocês duas mereciam algo melhor e eu sinto muito por ter falhado com você também.

A luz das tochas projetava um brilho especial no rosto dela. Estendeu a mão,

penteando uma mecha de cabelo que estava sobre a testa.

— Você será a rainha no céu agora. — Inclinou-se e pressionou os lábios contra os dela, apenas por um momento, o gesto o acalmou. Então, jogou o cantil no chão. Sim, estava bebendo novamente. Estava certo de que ela teria odiado isso também.

Eric deixou a câmara de pedra, seus passos ecoando nas paredes. O caçador não olhou para trás. Tivesse ele virado e a estudado, poderia ter visto a cor tênue voltando ao rosto dela ou a forma como as pálpebras tremeram. Os lábios de Branca de Neve se separaram, ainda que levemente. Então, ela puxou sua primeira respiração, o minúsculo arfar quase inaudível na tumba gigante.



Eric chegou ao portão logo depois do nascer do Sol. Sua cabeça latejava da noite anterior. As velhas dores haviam retomado, O sangue pulsava nos pontos dos ferimentos.

— Abram a porta! — gritou para os soldados parados acima. Teve o cuidado de não olhar diretamente para eles, temendo ser reconhecido.

— Abram a porta! — gritou novamente, mas ela não se moveu. Olhou para cima. Os homens estavam olhando além dele, para o caminho de terra batida que levava até o castelo. Um jovem estava vindo atrás dele. Caminhava lentamente, lutando com o saco de juta na mão.

— Caçador — o jovem o chamou. Eric baixou a cabeça. Havia sido muito cuidadoso na procissão. Manteve os olhos voltados para baixo, os cabelos cobrindo seu rosto, tentava passar despercebido. Como sabiam quem era ele?

O jovem correu em sua direção. Usava uma camisa de linho branco e calças limpas, o cabelo preto untado para o lado. Eric o reconheceu como um dos funcionários do duque. Percy... Era esse seu nome?

— Sim, eu o reconheci. — Percy assentiu, como se estivesse se desculpando.

Eric suspirou. Ergueu as mãos diante dele.

— Olha, se você quiser...

— Não queremos briga com você — disse o jovem. — Não mais. Você trouxe a princesa para nós. Por isso... — ergueu um saco e o entregou para Eric. O caçador o aceitou, percebendo de repente o que era.

As moedas de ouro eram mais pesadas do que ele imaginava que seriam. Já tinha gastado o dinheiro, em sua mente, com uma casa no campo, para além do reino, e com um cavalo que o levaria até lá. Quando estava viajando pela Floresta Sombria, horas depois de ter conhecido a garota, comprou três novos machados,

um casaco de inverno forrado e botas de couro. Havia, na verdade, contado quantas garrafas poderia comprar com apenas uma daquelas moedas (duzentas e trinta e três).

Mas agora que elas estavam exatamente ali, em seus braços, não as queria mais. Fracassara da pior maneira possível. Quem poderia se preocupar com moedas quando Branca de Neve estava morta? Passou-as de volta para o jovem.

— Fique com seu dinheiro — disse e continuou a caminhar.

Não conseguiu andar mais do que alguns metros. Dentro das muralhas do castelo, ouviu uma salva de aplausos, gritos e vaias. Olhou para o jovem, buscando uma explicação, mas Percy apenas deu de ombros. Eric não conseguia ver além da fachada do castelo de pedra, mas retornou para lá, sentindo que alguma coisa havia mudado. Acelerou o ritmo conforme as comemorações se levantavam em torno dele, ainda mais sonoras do que antes.

Branca de Neve estava postada no topo da escada, observando o pátio do castelo. Homens do duque haviam montado barracas de lona ao ar livre para todos os refugiados do reino. Famílias se amontoavam ao lado de fogueiras para se aquecerem, outros ficavam na fila da sopa, que dava voltas e voltas, esperando pelo café da manhã. Muir e Quert estavam sentados um ao lado do outro. Falavam em voz baixa do lado de fora de uma tenda maltratada, com cobertores jogados sobre os ombros.

Várias horas se passaram. Ela acordou de repente, a voz do caçador ecoando na câmara de pedra. Percebeu as tochas ao lado do caixão fúnebre. As paredes estavam cobertas com uma fina camada de poeira.

Pouco a pouco, sentiu o cheiro de mofo no ar. Ouviu a condensação gotejando do teto. Aquele som marcava a passagem dos minutos. Dentro de uma hora, a sensibilidade das pernas havia voltado.

Enquanto voltava lentamente a si mesma, sua mente desperta dentro do corpo imóvel só pensava em Ravenna. Ela havia pressionado os lábios contra o ouvido de Branca de Neve.

— Você era a única que poderia quebrar o feitiço e acabar com minha vida — disse. — Você era a única. — Conforme Branca de Neve voltava a respirar, o calor retornando às suas mãos, aquelas palavras ficaram muito claras. Havia apenas uma coisa a fazer.

Começou a descer as escadas. Quert a viu primeiro e sussurrou para Muir, que chamou os outros anões. Eles saíram da tenda, olhando para ela, seus olhos arregalados.

— É um milagre! — Beith gritou do outro lado do pátio. Ele apontava para ela enquanto ela descia os últimos degraus.

William e o duque Hammond a olhavam com admiração. Mulheres e crianças deixaram suas tendas e se amontoaram na base das escadas. William tapou a boca, incapaz de falar.

— Vossa Alteza... — duque Hammond disse. Cobriu as mãos dela com as suas e observou seu rosto. Estava muito mais velho do que ela se lembrava. Seu cabelo estava completamente branco e andava curvado por causa da idade. — Nós achávamos que você... William veio para a frente, descansando a mão no ombro dela, como se para confirmar que ela era real. Branca de Neve assentiu. Não sabia dizer o que a havia acordado de seu sono. Naquelas horas, não ouvira nada e não sentira nada. A última coisa de que se lembrava era dos pássaros pretos circulando acima de sua

cabeça e a lâmina brilhante do machado que os espalhava pelo céu. Tudo o que sabia era que estava viva e que tinha algo a fazer.

— Não, meu senhor — disse ela, suavemente.

Todas as pessoas no pátio observavam a cena. Longe dali, perto das últimas barracas, o caçador estava de pé, balançando a cabeça em descrença. Caminhou em direção a ela até que estava perto o suficiente para que ela pudesse ver seu rosto. Lágrimas enchiam seus olhos.

Duque Hammond apontou para uma cadeira de madeira.

— Você precisa descansar.

— Eu descansei tempo o bastante — disse ela. Olhou para a grande multidão. Uma mulher estava chorando, o rosto nas mãos, enquanto dizia a seus filhos como Branca de Neve havia sido trazida de volta dos mortos.

— É um milagre — todo mundo continuava a sussurrar. Aquela palavra pairava no ar.

Branca de Neve olhou nos olhos cinzentos do duque. Seu rosto estava coberto de rugas.

— Estou pronta para andar ao seu lado, meu senhor — disse ela —, quando você enfrentar a rainha em batalha.

William fitou o chão. O duque olhou para suas mãos sobre as dela com o rosto cheio de preocupação.

— Não haverá batalha, Vossa Alteza. O melhor que você pode fazer pelo seu povo é permanecer segura atrás dessas muralhas.

Branca de Neve olhou para as crianças atrás dele. Elas olhavam para ela com os mesmos olhos tristes e desesperados que havia visto na aldeia em ruínas.

— Isso é o que eu queria fazer quando escapei. Mas aprendi que não há paz enquanto os outros sofrem.

O duque apertou suas mãos.

— A rainha não pode ser derrotada — disse ele em voz alta. Os soldados em torno dele assentiram. — Ela não pode ser morta. Não pode haver vitória.

Branca de Neve olhou para o grupo de generais, se lembrando das palavras de Ravenna.

— Eu posso derrotá-la. Eu sou a única que pode, ela mesma me disse.

Afastou-se do duque Hammond e avançou pelo pátio em direção às centenas de refugiados. Os soldados observavam, segurando seus capacetes nas mãos. Os anões mantinham os chapéus sobre seus corações.

— Foi-me dito que eu os represento — Branca de Neve disse em voz alta, as palavras lhe vindo facilmente. Não sentia nada além de paz. Nunca estivera tão certa sobre alguma coisa. — Foi-me dito que meu papel não é lutar, mas ficar aqui, de forma segura por trás desses muros. Eu não vou fazer isso. — Olhou para Muir, que a olhava com olhos brilhantes. — Acredito que a vida é sagrada, ainda mais desde que eu experimentei a liberdade — Branca de Neve continuou. — Mas perdi o medo da morte. Se Ravenna vier contra mim, vou correr ao seu encontro. E se ela não vier contra mim, vou correr ao seu encontro. Sozinha, se eu precisar. — Branca de Neve voltou-se para os generais postados do lado de fora de uma tenda enorme. — Mas, se vocês se juntarem a mim, terei prazer em dar a minha vida por vocês. Porque esta terra e seu povo já perderam muito.

Seu coração batia forte em seu peito. Postou-se diante deles, com os ombros para trás, esperando por apoio. Duque Hammond a estudou cuidadosamente, observando o manto funeral rosa e seus cabelos longos. Ela esperou, ouvindo o som dos pássaros gritando a distância. Perguntou a si mesma se teria de sair pela noite no dorso de um cavalo, sozinha, e enfrentar Ravenna. Então, lentamente, o duque e inclinou a cabeça em reverência. William ficou de joelhos, seguindo o exemplo de seu pai. Os cavaleiros e os generais os seguiram.

Ela encontrou o olhar do caçador. Havia ternura em seus olhos quando ele sorriu e se inclinou diante dela. Os anões o seguiram. Logo o pátio inteiro estava de joelhos, mostrando respeito. Ela era a líder deles, assim como seu pai havia sido. Jurou que acabaria com o reinado de Ravenna ou perderia sua vida tentando.

Branca de Neve ficou parada diante deles, com lágrimas nos olhos. Quase já podia sentir sua vitória, parecia tão próxima. Imaginava o reino novamente como havia sido sob o reinado de seu pai. Viu as pastagens verdes e as feiras das aldeias, as crianças dançando em volta do mastro. Os campos seriam novamente frutíferos, as fazendas enviariam carretas cheias todos os dias e em todas as direções. Ninguém passaria fome. E todas as crianças estariam seguras.

Havia apenas mais uma coisa a dizer agora que estavam ali, esperando para lutar. Eles haviam mostrado a coragem que, ela sabia, haviam sempre possuído.

— Então, está feito — anunciou, sinalizando para o povo, seu povo, se

levantar. — Partiremos hoje à noite.



Branca de Nev e cavalgava na frente. A cota de malha pesava em suas costas, o metal frio picava sua pele. Segurou seu escudo, desfrutando de como o sentia natural em seu braço. Era exatamente como aquele que seu pai havia usado, O brasão da família estava cravado na parte frontal. Lembrou-se de como ele o havia mostrado a ela quando criança, deixando-a passar os dedos sobre os ramos de ouro da árvore de carvalho. Suas raízes afundadas na terra. A parte superior do tronco era apontada em uma cruz, assim como a coroa.

— É um símbolo de força — ele disse, lhe mostrando as raízes. — Isso a mantém firme no lugar, ligada à terra, por tudo o que é invisível. Ela cresce em altura e orgulho.

Ela o segurou, reconfortada com o peso do escudo. Sentia - enquanto ouvia as batidas constantes dos cascos atrás dela. Seu pai estava em todo lugar para onde olhava, na Lua crescente, na mudança das árvores e na rebentação das ondas. Conforme subiam a colina junto à praia, quase podia senti-lo ao seu lado.

Virou para trás, olhando para o duque, William e Eric, que cavalgavam atrás dela. Havia centenas de homens e mulheres os seguindo, seus rostos brilhando à luz das tochas. O exército, seu exército, se estendia pela floresta. Estava surpresa pela bravura daqueles que se ofereceram. Garotos com não mais de 15 anos. Mães e pais, camponeses e rebeldes. Alguns haviam estado em Carmathan, sobrevivendo todos esses anos na fortaleza do duque, e outros ainda haviam saído de seus esconderijos na floresta, levando escassos suprimentos e se juntando à luta. A cada quilômetro que passavam, seu exército crescia. Agora ela estava na colina acima da praia, observando o castelo de Ravenna, com algumas centenas de soldados atrás dela. Enquanto Branca de Neve e o duque seguiam adiante, um general trotou ao lado deles.

— Meu senhor — disse ele, apontando para a costa rochosa abaixo -, só temos uma ou duas horas antes que a maré suba. Não é tempo o bastante para abrir uma brecha nas muralhas do castelo. Ou seremos completamente expostos ou nos afogaremos.

O duque assentiu.

— Existe outra maneira de entrar? Túneis? Cavernas?

Branca de Neve não olhou para eles. Mantinha os olhos no mar negro, no mesmo local de onde emergira na semana anterior. A maré ainda estava baixa. Rochas se projetavam acima das ondas. Notou a abertura no lado da borda das falésias, o mesmo esgoto por onde se arrastou para fora.

Passou a olhar para a praia. Os anões já haviam chegado à beira da água e andavam por ali. Agacharam-se na parte rasa, como ela os havia direcionado. Não levariam mais de uma hora para chegar à entrada do esgoto. Já estavam no meio do caminho.

— Se estivermos no portão levadiço quando o Sol abandonar o horizonte, ele estará aberto disse firmemente, guiando seu cavalo para descer a colina rochosa. Olhou para as faces nervosas do duque e do general. William e Eric a seguiram sem questioná-la e o exército se espalhou ao longo da praia.

Dirigiram-se para a praia, passando pelo labirinto de pedras no qual Branca de Neve havia tropeçado quando alcançara a terra. Conforme a maré subia, os cavalos e os soldados eram empurrados para cima da areia. Continuavam se movendo enquanto as ondas chegavam cada vez mais perto, ameaçando fixá-los contra a borda da rocha íngreme.

— Nós não temos muito tempo — duque Hammond disse.

Branca de Neve olhou para o oceano. Podia ver os anões imergindo a cada onda. Estavam quase na entrada do esgoto. O Sol estava quase no horizonte. Tão logo ele surgisse, os cavaleiros seriam visíveis na praia e perderia qualquer chance de um ataque-surpresa. Tinham de avançar e esperar que o portão levadiço estivesse elevado a tempo. Era a única chance que tinham.

— Devemos andar agora — disse Branca de Neve, voltando-se para o duque.
— Eles terão levantado o portão levadiço no momento em que chegarmos.

Quando o duque levantou sua espada, ordenando que os soldados avançassem, Branca de Neve voltou-se para Eric. Ele estava logo atrás de William e dos generais, que insistiram para que os militares estivessem à frente. Ela encontrou seu olhar por apenas um momento, mas ele pareceu sentir o que ela queria. Trotou até estar ao lado dela, quebrando a ordenação, e seus cavalos se aceleraram. Correndo juntos, com os olhos ardendo devido ao ar salgado, ela não sentia medo.

Correram adiante, o exército acelerando, os olhos na borda do penhasco onde ficava o castelo. Lentamente, ele ficou visível. O coração de Branca de Neve acelerou, O portão levadiço ainda estava abaixado. A treliça negra podia ser vista a um quilômetro. O duque olhou para ela, o rosto cheio de preocupação, mas ela não abrandou. Coll e Duir e todos os anões deveriam estar no pátio do castelo agora. A qualquer momento, o portão subiria.

Ela olhou para trás, para o enorme exército na praia. A maré subia, os cavalos espirravam nas ondas enquanto cavalgavam para frente. O Sol subia, aquecendo o céu. Estavam completamente expostos.

— Vamos — Branca de Neve sussurrou para si mesma, desejando que o portão levadiço se abrisse. — Rápido...

Mas, então, ela notou as minúsculas luzes piscando na parte superior da parede do castelo. Os trabucos estavam sendo carregados. Os pontinhos de luz se levantaram no ar e os mísseis de fogo caíram sobre eles. Uma bola de fogo explodiu a poucos metros dela. Mas ela não parou. Manteve a cabeça baixa, andando rápido em direção às muralhas do castelo.

O exército vacilou. Algumas das tropas estacaram quando viram os dardos inflamados caindo sobre eles. Um homem caiu do cavalo quando o chão explodiu. Não havia escolha. Se não continuassem se dirigindo para as muralhas do castelo, seriam afogados pela maré alta. Ela avançava mais rapidamente, o oceano inundando a areia, subindo à altura das pernas dos cavalos. Branca de Neve ergueu seu escudo, incitando os soldados a avançar.

Gritaram atrás dela. Ela virou e viu uma mulher loira que havia sido atingida por uma flecha flamejante. O cavalo relinchou e a jogou no chão. Seu corpo foi pisoteado conforme os outros soldados cavalgavam. Branca de Neve engoliu em seco, se protegendo do ataque. Dois generais caíram ao lado dela. Um deles foi atingido no pescoço com uma flecha. Em todos os lugares ao seu redor havia sangue e fogo. De tempos em tempos, olhava de soslaio para o caçador, agradecida por ele ainda estar ali.

A fumaça encheu o ar. O vento mudou e ela viu a entrada do castelo novamente, O portão levadiço ainda estava abaixado. Correu para as muralhas, sabendo que só tinham mais alguns minutos. Dez, no máximo. Se o portão não estivesse levantado no momento em que chegassem, ficariam presos contra as rochas. Os soldados de Ravenna estariam acima deles e o oceano avançaria pelos lados.

Mais arqueiros apareceram na muralha do castelo. Branca de Neve segurou o escudo sobre a cabeça enquanto andava. Ouvia as flechas ricocheteando em cima dele. Podia sentir o calor delas em seu braço. Não olhou para trás. Alguém estava

gritando por socorro. Corpos flutuavam de bruços nas ondas. Um cavalo malhado havia caído sobre as rochas. Estava gritando, com uma ferida borbulhando em seu corpo. Contorcia-se de dor à medida que a água salgada afluía sobre ele. Ela queria desesperadamente que alguém pudesse dar um fim à vida dele.

William andava na frente dela, seu escudo sobre a cabeça.

— Você tem de voltar! — ele gritou. Mal conseguia ouvi-lo por causa do barulho das ondas.

— Eu dei minha palavra que estaria com eles! — Branca de Neve falou. Um cavaleiro ao seu lado foi atingido no ombro com uma flecha de fogo. Tentou puxá-la do peito, mas já era tarde demais. Suas roupas estavam em chamas. Girou e caiu nas ondas, gritando de dor.

Branca de Neve começou a subir a rampa em direção ao castelo, não atendendo ao alerta de William. Eles não tinham escolha. A única maneira de se salvarem era a luta. Cavalgava decidida em direção ao portão de ferro maciço. A qualquer segundo, ele subiria. A qualquer segundo, os anões o levantariam. Flechas em chamas choviam à sua volta.

Manteve seu escudo voltado para cima, esperando que não estivesse errada.

Quando estava a quinze metros de distância, o portão gigante apareceu. Ela podia distinguir Gort e Nion aferrados às extremidades da corda, usando seus corpos como contrapeso. William e Eric estavam ao seu lado quando galoparam sob o portão para o pátio do castelo com o exército atrás deles.

Os arqueiros no alto miravam os soldados que haviam entrado. Quando a maior parte do exército havia passado pelo portão levadiço, superou os guardas de Ravenna na proporção de três por um.

— Alinhem-se! — Branca de Neve gritou para Eric e William. Se fizessem uma formação em cunha, se espalhando por todo o pátio numa diagonal, poderiam encurralar os guardas de Ravenna. A luta poderia durar poucos minutos.

Alguns generais avançaram violentamente, formando a linha de frente.

Branca de Neve, William e Eric mantiveram seus escudos no mesmo ângulo, ficando exatamente atrás deles. Os dardos inflamados batiam contra seus escudos. Eric saltou à frente, atingindo dois guardas com os machados. William dirigiu sua espada para o lado de outro guarda. Branca de Neve bateu em outro homem com seu escudo, prendendo-o contra a parede do pátio. Sua cabeça bateu na pedra e ele caiu no chão, inconsciente.

Havia apenas um punhado de guardas restantes. Alguns guerreiros do exército de Branca de Neve urraram alto, já sentindo que a luta havia acabado. Quatro guardas de Ravenna fugiram para os corredores do castelo buscando segurança. Os que foram deixados para trás baixaram suas armas no chão em sinal de rendição.

Branca de Neve buscou entre os homens por sinais do duque. Ele estava apenas algumas pessoas atrás dela na densa formação. Seus olhos se encontraram e ele sorriu, um semblante de alívio no rosto. Acabou, ambos sabiam disso agora. Eles só tinham de encontrar Ravenna. Qualquer que fosse a magia que ela tivesse, Branca de Neve poderia superar. A própria rainha lhe havia dito isso.

Então, algo no rosto do duque mudou. Ele franziu as sobrancelhas. Olhou além de Branca de Neve, até o teto do pátio. Ela seguiu seu olhar, estudando as estranhas sombras negras que se aninhavam sob o beiral. O exército se aquietou. Eric apontou para uma porta em arco, na qual uma sombra negra pairava no ar. Eles observavam aquilo boquiabertos. Lentamente, as sombras se condensaram em figuras. Guerreiros da escuridão emergiram de cada arco e de cada corredor. Branca de Neve olhou ao redor, seu escudo escorregava de sua mão enquanto se dava conta de que estavam cercados por todos os lados.



Os soldados de sombra formaram uma nuvem sobre eles. Um deles avançou na direção de Eric. O caçador cortou o peito do soldado com o machado, O homem quebrou como vidro, os fragmentos minúsculos explodindo de seu centro. Em segundos, o homem ficou inteiro de novo, os fragmentos se unindo. Ele avançou em Eric novamente, balançando sua espada brilhante.

Branca de Neve nunca havia visto nada parecido. Os guerreiros de sombra estavam atacando seu exército. Ao seu redor, os homens caíam, incapazes de se manterem contra o ataque selvagem. As sombras não mostravam sinais de cansaço. Seus rostos eram estranhos e sem traços característicos. Todos os ferimentos que sofriam rapidamente se curavam. Quando eles se moveram, dirigindo as espadas contra o exército de Branca de Neve, ela sentiu os olhos de alguém sobre ela. Olhou para a varanda do terceiro andar. Lá, Ravenna estava postada, o manto de penas negras cobria seu corpo. Sorria assistindo ao ataque do exército mágico, os guerreiros da escuridão vencendo a batalha.

Branca de Neve não hesitou. No canto, perto da escada, os corpos estavam empilhados. Resistentes à dor, os guerreiros de sombra estavam matando rapidamente. Eles lancearam um de seus soldados com as espadas, depois se viraram para outro. Ela correu para uma das sombras, bloqueando-a com seu escudo. O guerreiro negro tropeçou, dando-lhe tempo suficiente para correr. Balançou sua espada contra outro soldado e o quebrou. Continuou serpenteando pelo pátio, a batalha crescente em torno dela, quando finalmente chegou à escada. Disparou pelos corredores silenciosos, assustada com o som de sua própria respiração ofegante.

Desembainhou sua espada enquanto se dirigia para o segundo lance. Era a mesma ala do castelo onde seu pai vivera todos aqueles anos antes de se casar com Ravenna. Agora estava diferente, porém. As cortinas estavam rasgadas. O longo corredor estava escuro, sem tochas para iluminá-lo. A cômoda estava tombada de lado, a madeira tomada pelo bolor.

Ao lado dela, havia uma porta entreaberta, o quarto brilhando com uma estranha luz. Atentou-se para a sala do trono da rainha. Uma cadeira coberta de

joias repousava encostada na parede. Espadas polidas estavam penduradas acima dela. Havia também uma caixa de madeira cheia de coroas ornamentadas com rubis enormes. Branca de Neve segurava a espada à sua frente, observando tudo. Atrás de outra porta, ao lado de um espelho de bronze maciço, estava Ravenna. Branca de Neve reconheceu seus olhos no reflexo deformado.

— Isso termina hoje — disse Branca de Neve, seguindo em frente.

— Eu vim por você.

Ravenna virou, um leve sorriso nos lábios.

— Então, minha rosa está de volta — disse rindo. Olhou para a espada de Branca de Neve. — Com um espinho. Veio vingar o pai, que era muito fraco para levantar sua espada. — Puxou uma adaga repleta de joias do manto, girando-a em sua mão.

Branca de Neve subiu os degraus e ficou diante de Ravenna, fitando seus olhos azuis penetrantes. A ira cresceu em seu peito. Como Ravenna ousava falar de seu pai, o homem que ela havia assassinado?

— Por meu pai — disse Branca de Neve, segurando sua espada no ar —, pelo reino e por mim. — Saltou em direção à Ravenna, mas a rainha disparou para longe. Ela se esgueirou pelas costas, circundando Branca de Neve por trás. Branca de Neve virou e golpeou contra ela novamente. Ravenna se moveu muito rápido, contudo, e avançou a passos largos para o outro lado da sala.

Passos soaram no corredor de pedra. Branca de Neve viu Eric e William na entrada da sala do trono. Ravenna levantou o braço. Com um estalo de seu dedo, o candelabro do teto acima deles se quebrou. Os cacos de vidro caíram, as peças se transformaram em fadas da escuridão. Elas avançaram em direção aos homens e os mantiveram longe de Branca de Neve.

Quando Ravenna estava convencida de que não mais seriam perturbadas, virou para a garota com seus olhos azuis e a estudou. Aquela criança, que ela havia salvado há tantos anos, havia voltado agora para matá-la. A ironia daquela situação era quase insuportável. Ravenna não desejara que a garota morresse, mas não tinha escolha. O espelho já havia dito: ou era a sua vida ou a de Branca de Neve. E ela já havia se divertido com essa rixa o bastante.

Branca de Neve avançou sobre ela com a espada desembainhada. Quando estava a trinta centímetros, Ravenna a fez tropeçar e a garota caiu de bruços no chão. Sua espada patética deslizou, cruzando a sala para o lado mais distante. Ravenna pairava sobre ela, os olhos fixos no peito de Branca de Neve, O coração

estava tão perto e, dentro de poucos minutos, ela o seguraria em suas mãos. Dessa vez ela não seria interrompida.

— Isso é tudo o que a vida tem para oferecer — Ravenna sibilou. Fitou os olhos castanhos enormes de Branca de Neve, quase sentindo um pouco de pena da garota. — O tempo passa. A esperança morre. Mas nem tudo está perdido. Pois, pelo menos agora, uma de nós viverá para sempre... — Ravenna levantou a adaga enfeitada com joias que havia confeccionado dez anos antes, na noite de seu casamento. Era tão fácil agora como fora então. Solto um suspiro e a levou na direção do peito de Branca de Neve, quando a garota a parou com o antebraço e torceu seu pulso. A do r rasgou no peito de Ravenna e ela solto um grito, sacudindo-se com o impacto.

Olhou para baixo, para o espaço macio onde as costelas se encontram. A garota havia cravado uma faca nela. Uma pequena faca sem corte. Ravenna arfou, mas podia sentir o sangue em seus pulmões. Sentiu como se estivesse se afogando. Era impossível respirar. Ravenna, então, caiu no chão, com o assoalho frio de pedra batendo contra suas costas.

— A esperança nunca morre — Branca de Neve sussurrou. A garota se ajoelhou ao lado da rainha, embalando a cabeça dela entre as mãos, enquanto Ravenna tentava desesperadamente respirar. Era inútil. O sangue escorria por seu peito e se empoçava no chão. Sua visão estava turva. Não era assim que as coisas deveriam acontecer. Mas uma minúscula parte dela dizia que aquilo era o correto, a garota estava apenas fazendo o que a própria Ravenna havia feito anos antes, vingando sua família.

De onde estava deitada, Ravenna via as fadas da escuridão na sala do trono desaparecerem. Quando elas se transformaram em pequenas nuvens de fumaça, soube que estava acabado. Estava morrendo, o último dos seus poderes mágicos, sumia.



Depois que Ravenna morreu, seu corpo ainda quente ao toque, Branca de Neve soltou a mão dela. Passou pelo caçador e por William, descendo pelo corredor rumo à varanda. Os guerreiros de sombra haviam desaparecido. Corpos estavam espalhados por todo o pátio. Espadas e escudos estavam dispersos, cheios de sangue. Soldados repousavam em montes retorcidos. Alguns dos feridos cambaleavam para fora do portão levadiço, procurando por ajuda. A destruição era grande. Mas Branca de Neve viu além dela, notando um trecho de luz no jardim do claustro.

Embora fosse primavera, os ramos estavam secos e marrons. Eles não carregavam uma única flor. Durante a batalha, uma sombra escura havia consumido tudo ao redor do castelo. Mas agora a sombra se dissipava, ainda que muito lentamente. As cores do reino estavam mais vivas do que Branca de Neve tinha visto em anos. As folhas rebentavam nos galhos das árvores. Um bando de pega-rabudas passou em disparada, suas asas azuis capturavam a luz do Sol. Em todos os lugares havia sinais da celebração da vida. O duque cambaleava por um corredor abaixo, uma bela jovem o seguia.

Ela olhou para cima, seu olhar encontrando o de Branca de Neve. Estava ainda mais radiante do que havia sido antes, seu rosto redondo e pálido jovem novamente. Rose acenou, o sorriso acalmando o coração de Branca de Neve. Branca de Neve acenou de volta, enxugando as lágrimas dos olhos.

No dia seguinte, se sentou perante o reino na mesma catedral em que estivera dez anos antes. Olhou para os bancos lotados, observando os anões amontoados lado a lado em uma fileira. Seus rostos estavam bem barbeados, seus cabelos, penteados para trás e repartidos de lado. Duque Hammond lhes havia providenciado ternos sob medida para a ocasião. Branca de Neve quase ria enquanto os observava se movendo em seus assentos, obviamente desconfortáveis com a roupa formal.

— Você está pronta, minha rainha? — William perguntou. Ficaram lado a lado, quase tocando os ombros. Estendeu a mão para ela e a apertou sutilmente.

Ela olhou de soslaio para ele e sorriu, sabendo o que seria mais fácil se ela sentisse por ele o que o reino inteiro queria que ela sentisse. Eles adoravam aquele jovem, o líder rebelde, filho do duque Hammond. Mas, em sua mente, ele ainda era o garoto com quem ela havia crescido, aquele que havia brincado com ela na macieira. Ele era William, sempre e para sempre, seu bom amigo.

Duque Hammond colocou a coroa em sua cabeça, que, devido aos rubis e safiras, era mais pesada do que ela imaginava. Anna e Lily estavam na segunda fileira, levantando as mãos em aplausos. A sala irrompeu em aclamações.

Mas, de todos os rostos agora familiares no grande salão, Branca de Neve continuava prestando atenção em um. O caçador estava na entrada dos fundos. Usava uma roupa semelhante à do dia em que se conheceram, mas sua camisa de linho estava bem passada. Suas calças não cheiravam a bebida. Seu cabelo desgrenhado estava colocado para trás das orelhas. Se ela não o conhecesse melhor, diria que estava bonito.

Ele já havia lhe dito que estava partindo, que não havia lugar para ele no castelo entre a realeza. “Realeza ele pronunciava aquela palavra com tanto desdém. Não havia como discutir com ele, nem meios de lhe dizer o que fazer e por quê. Talvez ela fosse sua rainha agora, mas Eric ainda vivia por regras diferentes. E quanto mais ela o conhecia, mais se perguntava se aquela sua regra incontornável jamais mudaria. “Será que ele sempre estará sozinho?”

Ele levou a mão à testa, acenando enquanto saía. Ela o observou ir embora. Tinha visto um reino cair, a morte de tantos homens. Explosões e fogo a haviam cercado. Enfrentou a morte e voltou. Por que, então, sentia tanta tristeza agora, uma tristeza tão grande que trouxe lágrimas aos seus olhos? Ele era apenas um homem.

Ficou aliviada quando Beith gritou, quebrando o silêncio na catedral.

— Salve a rainha! — ele gritou. Então os outros se juntaram a ele, suas vozes se elevando em torno dela.

Não estava mais sozinha. Olhou para os cabelos castanhos macios e os olhos brilhantes de William na primeira fila. Ele sorriu e se inclinou.

— Salve a rainha!



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**